**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**

**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**

**CURSO DE LETRAS**

**VIVIANE MARIA WERNER ORTH**

**Entre líder e santo, vertentes de um herói guarani: Sepé Tiaraju**

**São Leopoldo**

**2021**

VIVIANE MARIA WERNER ORTH

**Entre líder e santo, vertentes de um herói guarani: Sepé Tiaraju**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Habilitação Português, pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Inge Pritsch

São Leopoldo

2021

*“Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca”* Jorge Luis Borges.

Dedico este trabalho à minha família, que me ensinou o valor da leitura, dos livros e dos estudos, e a todos os apaixonados pela arte de encantar – e de serem encantados – através das palavras.

**AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, agradeço a Deus pelo dom da vida, por me iluminar e me guiar em toda trajetória.

Agradeço aos meus pais, por me incentivarem e acreditarem no meu sonho. Por toda compreensão, auxílio e amparo. Estes, que muitas vezes se privaram dos seus sonhos para realizarem os meus.

Pai Ildo, meu maior exemplo. Como esquecer do teu incentivo quando eu falava: - pai, hoje tenho uma prova bem difícil. E me respondias: - eu tenho prova todos os dias (rs). Obrigada por não me permitir desistir, quando as dúvidas e inquietações surgiram. Obrigada pela cumplicidade e convivência diária. Espero um dia poder ser um pouquinho do que tu és.

Mãe Claudete, a melhor mãe que eu poderia ter. Nunca esquecerei de todas as vezes que abriste a porta do escritório, e com o olhar mais carinhoso do mundo me perguntaste: estás quase pronta? Ou quando, na hora de sair de casa para a aula me falaste: - reza um Santo Anjo e cuida na rua. Obrigada por teu cuidado e amor diário. Espero, do fundinho do meu coração, um dia poder retribuir.

Manas Fabiane e Liziane, sei que ficaram ansiosas comigo, assim como vibraram com as minhas conquistas. Somos uma mistura de emoções e temperamentos, mas nos moldamos uma nas outras. Há muito de vocês em mim. Amo vocês.

Esposo Lucas, poderia escrever tanto sobre tudo o que tu significas para mim, mas vou procurar resumir. Começo agradecendo pelo teu amor e apoio incondicional, em exatamente tudo o que eu proponho fazer. Obrigada principalmente por me compreender, perdi a conta de quantas vezes perguntei: tu me entendes? Agradeço por todas as palavras de conforto, por tantos adjetivos que tu atribuíste a qualquer trabalho que eu te apresentava. Obrigada, principalmente por ser meu melhor amigo. Te amo com todo o meu coração.

Minha avó materna Selvira (*in memoriam*), que nunca se cansava de fazer orações por mim. Vó, sei que olhas por mim e eu oro por ti todos os dias. Não tem um dia que não sinta tua falta.

Agradeço também à grande família Schlindwein, em especial aos meus sogros Magali e Darci, por sempre se preocuparem comigo e por me incentivarem em cada passo. Gratidão.

Agradeço aos meus professores, em especial à minha orientadora Drª. Eliana Inge Pritsch, pelas nossas várias conversas, compartilhamento de conhecimento e pelo incentivo. Obrigada pelo olhar atento e exigente, por toda confiança que me passaste no decorrer desta pesquisa. Se há uma palavra que te define, além de professora, é mediadora. Obrigada por não me propor uma solução pronta, mas por me instigar à pesquisa.

Ao padre Edison Stein, por me auxiliar nesta pesquisa. Tuas contribuições foram sem dúvida, enriquecedoras. Gratidão.

Aos demais envolvidos que participaram do estudo, por compartilharem seus conhecimentos. Obrigada pela confiança.

**RESUMO**

Esta pesquisa parte da figura de Sepé Tiaraju e suas diversas facetas construídas na literatura, nos registros oficiais, nas lendas e, também, na proposta para a sua canonização. Obras como *O Uraguai*, de Basílio da Gama, o poema *Lunar de Sepé,* de Simões Lopes Neto e a trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, mais precisamente no episódio intitulado *A Fonte*, da obra *O Continente*, nos apresentam um personagem histórico real. A partir de obras literárias e de questões da oralidade, tendo por base Pritsch (2004), buscamos olhar para a caracterização lendária de Sepé, com base em *O lunar de Sepé* e a *Lenda do Rio das Lágrimas* Fagundes (1996). Percebe-se que Sepé é, ainda hoje, para além de uma persona histórica, uma pessoa lendária que fomenta novas visões e uma possível canonização por parte da Igreja Católica. As lendas fundadas, baseadas, nascidas na oralidade, abordam duas questões relevantes sobre o Sepé lendário/religioso: uma sobre o lunar em sua testa, que seria o Cruzeiro do Sul, e outra sobre o Rio das Lágrimas, nascente de água que leva o nome de São Sepé. O levantamento de dados sobre o processo de canonização do índio missioneiro foi realizado a partir de depoimentos e entrevistas com pessoas que têm conhecimento sobre a atividade. Também foi realizada coleta de depoimentos de alguns guaranis, a fim de traçar possibilidades de aproximação entre o aspecto heroico e religioso de Sepé Tiaraju. Chegamos à conclusão de que essa história não desaparecerá – a oralidade permanece junto aos guaranis –, assim como, certamente, novas versões, que possam ou não apelar para esse enfoque religioso, poderão surgir.

**Palavras-chave:** Lenda. Sepé Tiaraju. Líder Guarani. Herói literário. Santo Popular.

**LISTA DE FIGURAS**

[Figura 1 - Livro Sepé Tiaraju, 250 anos depois 27](#_Toc74514758)

[Figura 2 - História em quadrinhos sobre Sepé Tiaraju publicada pela Câmara dos Deputados 28](#_Toc74514759)

[Figura 3 - Passos do processo de santificação 41](#_Toc74514760)

[Figura 4 - Carta enviada ao Vaticano, por Dom Gílio para dar início ao processo de canonização 43](#_Toc74514761)

[Figura 5 - Carta do retorno por parte do Vaticano pela causa de Sepé Tiaraju 44](#_Toc74514762)

[Figura 6 - E-mail explicativo 45](#_Toc74514763)

[Figura 7 - Santinho com imagem ilustrativa de Sepé Tiaraju e uma oração 46](#_Toc74514764)

[Figura 8 - Continuação do processo de santificação: parte 1 47](#_Toc74514765)

[Figura 9 - Continuação do processo de santificação: parte 2 47](#_Toc74514766)

[Figura 10 - Continuação do processo de santificação: parte 3 48](#_Toc74514767)

**LISTA DE FOTOGRAFIAS**

[Fotografia 1 - Monumento ao Índio Sepé Tiaraju 30](#_Toc74514791)

[Fotografia 2 - Monumento instalado em frente à prefeitura de São Luiz Gonzaga (RS) 31](#_Toc74514792)

[Fotografia 3 - Espetáculo Som e Luz 32](#_Toc74514793)

[Fotografia 4 - Ruínas de São Miguel, fotografada durante o dia 33](#_Toc74514794)

**SUMÁRIO**

[1 INTRODUÇÃO 9](#_Toc74514821)

[2 O HERÓI 14](#_Toc74514822)

[2.1 A lenda e uma história oral 16](#_Toc74514823)

[2.2 História oral e literatura oral 23](#_Toc74514824)

[2.3 Para além da lenda: um herói histórico 25](#_Toc74514825)

[2.4 Sepé Tiaraju e a identidade gaúcha 26](#_Toc74514826)

[2.5 Herói oficial 29](#_Toc74514827)

[3 SEPÉ: ENTRE HERÓI E SANTO 35](#_Toc74514828)

[3.1 A religiosidade de Sepé Tiaraju segundo o cristianismo 36](#_Toc74514829)

[3.1.1 Definição de Mártir 38](#_Toc74514830)

[3.1.2 Definição de Santo 39](#_Toc74514831)

[3.1.3 Definição de Santo Popular 39](#_Toc74514832)

[3.2 O processo de santificação 40](#_Toc74514833)

[4 SEPÉ GUARANI 49](#_Toc74514834)

[4.1 Líder e herói 51](#_Toc74514835)

[5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 54](#_Toc74514836)

[REFERÊNCIAS 57](#_Toc74514837)

[ANEXO A 62](#_Toc74514838)

[ANEXO B 74](#_Toc74514839)

[ANEXO C 87](#_Toc74514840)

[ANEXO D 88](#_Toc74514841)

[ANEXO E 89](#_Toc74514842)

[ANEXO F 93](#_Toc74514843)

[ANEXO G 95](#_Toc74514844)

# 1 INTRODUÇÃO

A literatura e a história são marcas presentes na vida de muitas pessoas. A partir da leitura, seja literária ou histórica, podemos traçar caminhos para entender a sociedade em que vivemos e buscar, no passado, significações para o presente. Louis de Bonald, (BONALD apud MAIA, 2010, p. 76), pensador e crítico do Romantismo francês, no início do século XIX, já dizia: “A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem”.

A motivação para este exercício de pesquisa surge a partir da minha trajetória acadêmica na universidade. As disciplinas que mais me chamaram atenção, entre as ofertadas pelo curso de Letras, foram, sem dúvidas, as de literatura. Desde pequena, sou leitora assídua, muito por influência da minha família, que enxergava – e ainda enxerga –, nas histórias, a possibilidade de criar um mundo novo.

Sempre interessei-me por histórias que traziam determinado teor de realidade misturada à ficção. Certo dia, tive a oportunidade de ser apresentada ao livro *O Uraguai*, de Basílio da Gama. Apaixonei-me pelo personagem Sepé Tiaraju, pois, imaginar que realmente existiu causou-me uma provocação em saber mais sobre quem ele foi. Essa inquietação voltou à tona após uma aula com a Prof. Dra. Eliana Inge Pritsch, na disciplina de Sistema Literário Brasileiro, em que surgiu a oportunidade de ter contato com questões mais aprofundadas acerca do personagem.

A partir de então, pesquisei artigos que falam sobre o índio, essa persona/personagem histórica[[1]](#footnote-1). Nesse contexto de pesquisa e inquietação, deparei-me com o conflito da beatificação de Sepé, assunto que fez, de fato, meus olhos brilharem.

As histórias e os personagens recriados na imaginação tornam-se parte da vida. Sepé Tiaraju é descrito como um guerreiro e líder guarani em obras como *O Uraguai*, de José Basílio da Gama, publicado originalmente em 1769 e *O Lunar de Sepé,* poema recolhido por Simões Lopes Neto, difundido na obra *Lendas do Sul* em 1913. Acerca do poema, é interessante notar sua particularidade lendária, que o autor nomeia de “melopeia”, canção melancólica e monótona:

“Esta melopéia[[2]](#footnote-2) (?), ouvi-a, em 1902, sofrivelmente recitada por uma velhíssima mestiça – Maria Genória Alves –, moradora na picada que atravessa o rio Camaquã, entre os municípios de Canguçu e Encruzilhada”. (LOPES NETO, 2002, p. 144).

Essa composição corrobora com a ideia de que é a partir da oralidade que a lenda ou lendas (sobre Sepé) foram sendo construídas, seguindo a elas as escritas literárias.

Segundo relatos históricos, Sepé Tiaraju nasceu em São Luiz Gonzaga (RS), em 1722[[3]](#footnote-3) e faleceu em São Gabriel (RS), em sete de fevereiro de 1756, em escaramuças, defendendo o seu povo, três dias antes da sangrenta batalha de Caiboaté.

A partir das leituras literárias sobre esse personagem enigmático e de inúmeras facetas, surgiu o interesse em algo além: investigar o aspecto religioso e heroico do índio, objetivando a identificação e a compreensão acerca do reconhecimento dessa persona/personagem pelos seus semelhantes.

Para o desenvolvimento desta análise, buscou-se, inicialmente, examinar os estudos apresentados por Pritsch (2004a) e Brum (2007), procurando, em paralelo, investigar a questão do herói: o herói precisa necessariamente ser um líder religioso, ou é possível ser um herói sendo uma simples liderança civil? Outro aspecto que procuramos abordar é a escrita de alguns artigos e vídeos, que deixam implícitos certos impasses[[4]](#footnote-4) entre as concepções guaranis e as concepções católicas, a respeito de Sepé Tiaraju e se a liderança de um guerreiro se reflete nas formas como Sepé foi representado.

Celebrado como um santo popular rio-grandense, Sepé Tiaraju é visto como um herói gaúcho e brasileiro e as recentes leis estadual e federal o legitimam pelas suas ações. Tiaraju pertence à persona histórica, atestado em documentações, ou seja, não é só uma lenda. Ao lado do caráter lendário que atravessa os tempos a partir de versões, de canções, existem textos, que funcionam como fonte primária (diários, cartas, documentos) apontando para a historicidade de Sepé. Suas representações e apropriações – tanto na história quanto no aspecto cívico – são inúmeras e continuam ocorrendo, tais quais homenagens cívicas, como seu nome em bairros, escolas e CTG’s (Centro de Tradições Gaúchas). Essas nomeações são comuns no Rio Grande do Sul, com mais evidência na região das Missões, porém, em algumas cidades da região litorânea essas representações também são elucidadas. É possível considerar isso como um fator que contribui para que várias histórias, músicas e lendas sejam escritas, cantadas e contadas a favor de Sepé Tiaraju.

A configuração do herói passa por diversas representações históricas e literárias perceptíveis – escritas ou faladas –, abrangendo, igualmente, um valor mítico. Talvez seja exatamente esse aspecto que corrobore a lenda de São Sepé e muitas outras intervenções religiosas, mais voltadas ao registro literário, como *O* *Lunar de Sepé*, identificado nos seguintes versos escritos por Simões: “[...] Mas o lunar de Sepé [...] Que lhe marcara na testa [...] E o lunar na sua testa [...]”. (LOPES NETO, 2002, p. 153-154). Outra forte representação aparece na trilogia *O tempo e o vento* de Erico Verissimo*,* mais precisamenteno episódio intitulado *A Fonte*, da obra *O Continente*[[5]](#footnote-5), em que o personagem Pedro Missioneiro aponta: “– Olhem... Deus botou um lunar na testa de Sepé”. (VERISSIMO, 2002, p. 56). Essas são algumas das representações que introduzem a perspectiva de que Sepé estava predestinado a ser “alguém diferente”.

A partir das leituras sobre a figura de Sepé Tiaraju, de ser “alguém diferente”, de ter um direcionamento místico relevante, percebemos a necessidade de uma busca mais ampla acerca de sua representação religiosa. A religiosidade pode também ser atestada pelas duas cartas encontradas junto ao corpo de Sepé, ambas escritas em guarani, e, posteriormente, traduzidas. Não se sabe se foi Sepé quem as escreveu, mas acredita-se que as cartas estavam com ele.

É possível perceber, por meio da documentação histórica – fazendo referência às duas cartas – que Sepé Tiaraju foi um índio convertido ao cristianismo. Alguns dos trechos das cartas fazem reverência a Deus e Nossa Senhora. O início da primeira carta expressa o seguinte: “Deos Nosso Senhor e a Virgem Santíssima sem mancha, e o nosso padre de São Miguel se sirvam da companhia de todos os soldados vizinhos d’este povo”. (apud PRITSCH, 2004b, p. 284). A segunda carta, igualmente, apresenta traços de religiosidade: “Em primeiro lugar todos os dias quando despertamos devemos manifestar que somos filhos de Deos Nosso Senhor; e da Virgem Santíssima de todo coração nos devemos entregar a Deos Nosso Senhor [...]”. (apud PRITSCH, 2004b, p. 285).

Entretanto, e por isso mesmo, a aproximação com a religião cristã torna-o passível de ser desacreditado como uma autêntica liderança guarani? Há relatos de guaranis que desqualificam a liderança de Sepé, dessa forma, poderia justamente essa conversão cristã ser a causa dessa desqualificação? É preciso entender como os guaranis[[6]](#footnote-6) percebem o quesito religioso e mítico que envolve o herói, e, nesse sentido, como percebem o movimento atual em prol da canonização de Sepé Tiaraju.

Atestado como um herói civil, Sepé tem-se convertido em herói religioso, a ponto de desencadear o processo de canonização. Muitas são, porém, as questões inquietantes acerca desse processo encaminhado ao Vaticano. Uma vez que parte da comunidade mostrou, inicialmente, animosidade com o processo, houve certa demora para conquistar um número de assinantes favorável à causa. Em 2015, na gestão do Papa Francisco, a comunidade fez uma tentativa, posto que Francisco também é jesuíta, assim como as Missões espanholas, e “conterrâneo”[[7]](#footnote-7) de Sepé, o que poderia favorecer a canonização. Outro fator que pode colaborar com a questão é que, atualmente, o Papa Francisco e o clero têm outra visão de Igreja, provinda da Teologia da Libertação[[8]](#footnote-8), mais ligada às questões sociais, a respeito de toda a trajetória dos jesuítas.

O presente trabalho centra-se, principalmente, na percepção do âmbito religioso de Sepé Tiaraju. Portanto, as perspectivas religiosas em torno de Sepé serão abordadas, visando abarcar esses tópicos, tanto do ponto de vista católico – inclusive dos processos em curso de beatificação de Sepé e de uma trajetória popular – e dessa percepção pelo povo guarani. Organizada em cinco capítulos, primeiramente, apresentamos a introdução deste estudo, destacando as motivações e intenções da pesquisa, mobilizadas por uma trajetória pessoal e acadêmica.

No capítulo seguinte, intitulado *O herói*, apresentamos os principais conceitos sobre o termo, abordando a questão do herói multifacetado, no caso de Sepé. Também, a identidade gaúcha atribuída ao índio missioneiro, bem como sua legitimação como herói oficial. O capítulo traz, igualmente, referência às atribuições orais da lenda de Sepé e uma diferenciação entre história oral e literatura oral.

O terceiro capítulo, com o título de *Sepé: entre herói e santo*, descreve a construção do processo de beatificação de Sepé Tiaraju, as fundamentações e documentação, atestando a veracidade da demanda. Outra questão relevante tratada no capítulo refere-se à religiosidade de Sepé segundo o cristianismo. Ademais, apresentamos breves definições de mártir, santo e santo popular.

No penúltimo capítulo, intitulado *Sepé Guarani*, analisamos entrevistas e um vídeo com lideranças guaranis, a fim de compreender qual é a visão deles sobre Sepé, tanto como herói, quanto como santo e líder, tecendo reflexões baseadas nos referenciais teóricos.

Finalizando, o capítulo 5 expressa as considerações finais possíveis a partir dos estudos teóricos e resultados obtidos nesta pesquisa, apresentando também as semelhanças entre os “Sepés”.

# 2 O HERÓI

“As narrativas são sistemas cujas dominantes

geralmente têm algum tipo de herói.” (Flávio Kothe)

Nas obras literárias em que aparece, o índio missioneiro Sepé Tiaraju é descrito como valente, alguém que lutou pelo seu povo; um verdadeiro herói. Muito se discute sobre o termo herói; várias são as características atribuídas a essa pessoa de feitos notáveis. O *Dicionário de termos literários* de Massaud Moisés, assim descreve o herói:

“Gr. Hêros, semideus, filho ou descendente de deuses, pelo lat. Heros.

Designa, genericamente, o protagonista\*, ou personagem\* principal (masculina ou feminina) da epopeia, prosa\* de ficção (conto\*, novela\*, romance\*) e teatro\*. Na Antiguidade clássica, o apelativo “herói” era destinado a todo ser fora do comum, capaz de obter façanhas sobre-humanas, que o aproximassem dos deuses. Equivalia-se aos semideuses, produto da aliança entre um deus e um mortal. Ser primário, elementar, força indômita da Natureza, além de protagonizar as epopéias e as tragédias\* clássicas, acabou recebendo o culto das massas. [...] À sua semelhança, o **herói literário caracterizava-se pela valentia, a coragem física e moral:** Ulisses peregrina longo tempo em terras estranhas, à mercê de mil perigos, até regressar à Pátria e à esposa, vitorioso de todos os inimigos e perigos que enfrentou. **Na tragédia,** o herói, sujeito ao império dos deuses, era constrangido pelas circunstâncias **a cometer uma falha que o arrastava à desgraça.** (V. HAMARTIA). (MOISÉS, 2004, p.219, grifo nosso)

Ou seja, o herói é definido a partir de suas ações em favor de uma coletividade e a partir de seu caráter. Flávio Kothe, em *O Herói,* aborda as diversas faces dos heróis literários, trágicos, épicos, cômicos, anti-heróis, bíblicos, baixos, altos, modernos, proletários. Trazendo essas definições para o nosso objeto de estudo – Sepé Tiaraju – traçamos uma linha que o liga, principalmente, ao herói trágico: “é o baixo que se eleva e se mostra grandioso apesar dos pesares. Quanto maior a sua desgraça, tanto maior a sua grandeza. A sua desgraça não é mera choradeira, mas duro aprendizado da ‘condição humana’.” (KOTHE, 2000, p.13). Em outro momento descreve o herói trágico como “a verdade do destino humano” (p. 15). Pensar sobre o herói trágico nos remete a Sepé, pois várias abordagens literárias fazem menção ao episódio em que seu cavalo cai, e junto com ele, Sepé. Também, por falta de sorte, o exímio guerreiro não acerta o alvo. Essa passagem é descrita, entre outras obras, no Canto II de *O Uraguai*.

Cepé, que o viu, tinha tomado a lança,

E atrás deitando a um tempo o corpo, e o braço,

A despediu. Por entre o braço, e o corpo

Ao ligeiro Espanhol o ferro passa:

Rompe, sem fazer dano, a terra dura,

E treme fora muito tempo a hástea.

Mas de um golpe a Cepé na testa, e peito

Fere o Governador, e as rédeas corta

Ao cavalo feroz. Foge o cavalo,

E leva involuntário, e ardendo em ira

Por todo o campo a seu Senhor; e ou fosse

Que regada de sangue aos pés cedia

A terra, ou que pusesse as mãos em falso,

Rodou sobre si mesmo, e na caída

Lançou longe a Cepé. “Rende-te, ou morre,

Grita o Governador; e o Tape altivo,

Sem responder, encurva o arco, e a seta

Despede, e nela lhe prepara a morte.

Enganou-se esta vez. A seta um pouco

Declina, e açouta o rosto a leve pluma.

Não quis deixar o vencimento incerto

Por mais tempo o Espanhol, e arrebatado

Com a pistola lhe fez tiro aos peitos.

(GAMA, 2017, p. 79-81).

Outro teórico importante, Joseph Campbell, na obra *O Herói de Mil Faces*¸ originalmente publicada em1949, descreve a diferença entre os vários tipos de heróis. No subcapítulo *O herói e o deus*, Campbell (1988) propicia uma vinculação que pode ser importante na análise da figura de Sepé. Considerando o termo “herói supremo”, proposto pelo autor, podemos definir Sepé como um “herói de todos os lados”: na sua unidade, ele se multiplica, é um ser multifacetado e que se faz ser conhecido. Assim, observamos que:

Os dois – o herói e seu deus último, aquele que busca e aquele que é encontrado – são entendidos, por conseguinte, como a parte externa e interna de um único mistério auto-refletido, mistério idêntico ao do mundo manifesto. A grande façanha do herói supremo é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e, em seguida, torná-la conhecida. (CAMPBELL, 1988, p. 43).

Partindo dessas definições, podemos atribuir a Sepé Tiaraju o aspecto heroico. Ainda que o herói possa ser percebido por meio da oralidade e das lendas, esse aspecto, também, permeia principalmente as obras literárias, posto que Sepé transita de um possível registro oral para a escrita.

## 2.1 A lenda e uma história oral

Muito se ouve o ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto”. Seguindo essa concepção, vários são os contornos atribuídos a Sepé pela tradição oral: lenda, mito, santo, líder.

A oralidade é marca presente nas diversas sociedades e sua reverberação pode ser percebida nas lendas criadas ao longo do tempo. Luís da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1972), define lenda como

Episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere”, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características do conto popular (marchen, folktale): Antigüidade, Persistência, Anonimato, Oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. [...]. (CASCUDO, 1972, p. 511).

Partindo dessa definição, temos que a tradição oral e a literatura oral permeiam tanto a sociedade de forma geral, quanto a cultura guarani. Esta possui uma tradição oral forte e importante, não aprofundada nem discutida neste trabalho, mas que certamente foi um traço decisivo para que a história e lenda de Sepé Tiaraju fosse disseminada.

Já a palavra mito, muitas vezes, também atribuída a Sepé, surge a partir da história e de suas apropriações. Os mitos, segundo Antonio Augusto Fagundes (1996, p. 07)

[...] são cósmicos, universais a atemporais. Não se localizam no tempo e no espaço. Referem-se o mais das vezes a fenômenos da natureza e às suas forças: o céu, o sol, a lua, as estrelas, os ventos, as águas (o Dilúvio universal aí incluído), a criação do mundo, do homem e da mulher, o Bem, o Mal, os monstros do terror primitivo.

Essas atribuições feitas ao índio guarani reverberam da oralidade. O caráter lendário de Sepé apresenta também um traço místico (misterioso, espiritual e simbólico). As diferenças presentes nos relatos sobre a persona de Sepé Tiaraju, a partir do oral e do escrito, instigaram-nos a respeito da oralidade e de como se manifesta no cenário histórico. A relevância dessa tradição indígena pode, igualmente, ser percebida na literatura. À vista disso, analisar o oral e o escrito possibilita verificar as diferentes abordagens acerca de Sepé. A análise da oralidade também permite marcar a oposição entre textos oriundos de uma tradição oral, como o *Lunar de Sepé* – uma vez que Simões Lopes Neto afirma que recolheu os versos a partir da récita de uma senhora – e textos bem trabalhados em sua estrutura, como *O Uraguai*, uma epopeia em versos brancos. Conjuntamente, Frei Luiz Carlos Susin (2019) relata que:

**A alma e a mística dos povos nativos, indígenas, e dos povos afro-descendentes se refugiaram e se sintomatizaram no “causo”, na pajeação, na narrativa simplesmente oral, e numa certa literatura. Um bom exemplo, seguido por admiráveis gaúchos de sensibilidade e talento, é Simões Lopes Neto, que teve o cuidado de dar forma literária à sua paciente escuta e às suas notas junto à gente simples do povo e suas memórias. (SUSIN, 2019).**

Observamos, portanto, que a importância da palavra “oral” para as culturas tradicionais fomenta nossa sociedade. Teóricos da linguística como Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz et al. (2004) e Luiz Antônio Marcuschi (1997) trazem considerações sobre a oralidade. Para os pesquisadores Dolz, Schneuwly et al. (2004, p. 127) “[...] o termo ‘oral’, do latim os, oris (boca), refere-se a tudo o que concerne à boca ou a tudo aquilo que se transmite pela boca”. Os pesquisadores argumentam que “Não existe ‘o oral’, mas ‘os orais’ em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender [...]”. (DOLZ, SCHNEUWLY et al., 2004, p. 114). Marcuschi (1997, p. 119) também parte do pressuposto de que “[...] não é possível analisar as relações entre língua falada e língua escrita centrando-se apenas no código lingüístico [...]”. Além disso, o autor corrobora com a nossa ideia sobre oralidade e prática social, quando diz que considera “[...] a produção discursiva em seu todo como uma prática social e analisa os contextos de produção, os usos e as formas de transmissão da oralidade e da escrita na vida diária [...]”. (MARCUSCHI, 1997, p. 119).

Interessante notar que entre a morte do índio missioneiro, em 1756, e o poema de Simões Lopes Neto, em 1913, de acordo com as datas, o nome de Sepé aparece somente uma vez, no poema de Basílio da Gama, *O Uraguai*, publicado em 1769*.* A partir dessa constatação, questiona-se o que teria constituído Sepé Tiaraju na lenda que é hoje. A narrativa oral, certamente, tem grande influência sobre essa transfiguração de índio em lenda. Assim como as noções de “múltiplas formas”, de “os orais”, propostas por Schneuwly, Dolz et al. (2004), contribuem para a compreensão da diversidade, das variantes, na transmissão de Sepé e seus feitos.

Interessante chamar a atenção para um texto, que também faz parte da obra *Lendas do Sul* (2002) de Simões Lopes Neto,intitulado *São Sepé*. A escrita parece ser uma espécie de apontamento de Simões, outra coleta de informações por meio da oralidade.

SÃO SEPÉ

"**Arroio S. Sepé** - no município de Caçapava; nasce na coxilha de Babiroquá e deságua no Vacacaí. Deve o nome, que lhe foi posto pelos Jesuítas, ao célebre chefe índio José Tiaraiú, conhecido por Sepé, vencido e morto na batalha de 7 de fevereiro de 1756, no sopé da Coxilha de Sta. Tecla, perto de Bagé.

**"Era à margem deste arroio que existia a sepultura do referido índio**, indicada por uma grande cruz de madeira, com uma inscrição - meio em latim, meio indiático -, que dizer o seguinte:

+ Em Nome de Todos os Santos +

No ano de Cristo Jesus de 1756

a 7 de fevereiro

morreu combatendo

o grande chefe guarani Tiaraiú

em um sábado santo

+ Subiu ao Céu dias antes do que +

o grande chefe da Taba do Uruguai

que morreu a 10 de fevereiro em quarta-

feira combatendo contra um exército de

15.000 soldados.

+ Aqui enterrado +

A 4 de março

mandou levantar-lhe esta cruz

o padre D. Miguel

Descansa em paz

+

"Conforme a homenagem prestada pelos Jesuítas, na inscrição e na denominação do arroio, **e não havendo no calendário católico santo de nome Sepé, temos que concluir que as virtudes, o mérito do grande chefe índio foram forais para a sua estranha canonização, no entretanto perdurável e popularizada.**

**"Foi sob tal aspecto que recordamos aqui este curioso fato......................"** (LOPES NETO, João Simões. *Lendas do sul*, 2002, p. 34-35, grifo nosso).

As partes grifadas do texto merecem uma atenção especial; a expressão “Arroio S. Sepé” traz consigo a ideia de santificação atribuída ao índio. Depois, quando o autor descreve que “Era à margem deste arroio que existia a sepultura do referido índio [...]” (p.34), temos que o verbo existir está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo – existia – que se refere a um fato ocorrido no tempo passado, expressando uma ideia de continuidade, ou ainda a impossibilidade de precisão factual da existência da própria sepultura. Essa conjugação é comumente utilizada em lendas e fábulas. Partindo do pressuposto de que a lenda é uma vertente da oralidade, o fato do verbo estar conjugado colabora com a nossa observação de que o texto *São Sepé* está voltado ao quesito da oralidade, trazendo consigo um aspecto lendário. Outra configuração curiosa do texto é a expressão “estranha – canonização”. De acordo com o apontamento que Simões faz sobre a homenagem e o nome do arroio, é possível que ele tenha pesquisado na vertente popular sobre algum santo de nome Sepé. Não encontrando, acredita “[...] que as virtudes, o mérito do grande chefe índio foram forais para a sua estranha – canonização, no entretanto perdurável e popularizada.” (p.35).

Assim, a partir das nossas observações, acreditamos que as partes assinaladas nos mostram uma transição entre o *Lunar de Sepé* – um texto basicamente literário – e *A Lenda do Rio das Lágrimas*, que assim com o texto *São Sepé*, aponta para uma questão mais religiosa.*A Lenda do Rio das Lágrimas*, descrita por vários autores, está inserida no livro *Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul* de Antônio Augusto Fagundes (1996):

Não é um grande rio, antes quase um arroio. Bonito Cristalino, nasce no município de Bagé, na fronteira sul do Estado, em pleno pampa, como afluente do rio São Sepé.

E não nasceu por acaso.

Durante a Guerra das Missões (1750/1756) os índios guaranis, animados pelos padres e comandados por Nicolau Nhenguirú, o cacique Alexandre e pelo próprio Sepé Tiarajú, o Sepé, tentaram impedir que os Sete Povos das Missões caíssem nas mãos dos portugueses. Para isso, as tropas européias passar de Santa Tecla, nas terras de Bagé. Se passassem, nada poderiam impedir que entrassem nas Missões, de cujos campos dizia Sepé Tiarajú: “Essa terra é nossa!” Nós a recebemos de Deus e de São Miguel”.  
Pois os exércitos unidos de Espanha e Portugal, vencendo a heróica resistência, passaram. Nesse dia, derrotado, Sepé sentiu que tudo estava perdido. Perdidos os Sete Povos, as casas, as lavouras e as estâncias.  
Perdidos os índios, seus lares e suas famílias. Perdida enfim, a terra que tanto amavam.

Co ivy ñandêretã! Esta terra é nossa!

E Sepé Chorou.

De suas lágrimas, a própria lágrima da terra vencida nasceu um rio. E ele disse: Chereçá Y apaeri. Chereçá Y. Rio de lágrimas que eu chorei. Rio das minhas lágrimas. (FAGUNDES, 1996, p. 60-61).

Após o texto, Fagundes aponta em nota que “Walter Spalding recolheu esta lenda em Bagé [...]”[[9]](#footnote-9) (1992, p.61) Dessa forma, por ser recolhida, entendemos que alguém a contou. Esse mesmo traço é evidenciado em *Lunar de Sepé,* em que Simões Lopes Neto, inclusive, informa o nome da pessoa: Maria Genória Alves.

Por sua vez, o poema do Padre Pedro Luís, intitulado *Rio das Lágrimas*[[10]](#footnote-10), baseado na lenda das lágrimas de Sepé, descreve o triste fado de São Sepé:

Há um rio, campo afora,

que no azul seu canto esgalha,

e borbulha, e geme, e chora,

e uiva, e, trêmulo, gargalha,

quando a lua, em céu profundo,

verte banhos de limalha

de alabastro sobre o mundo.

**São Sepé,** um belo dia

– **contam vozes populares** –

foi sentar, feição sombria,

pra chorar os seus pesares,

numa pedra, destroçado:

flor das glórias militares,

derrotou-o negro Fado.

Só a vil vergonha abjeta

apartou-o assim vencido.

Nosso herói tenaz da seta,

nessa pedra retraído,

pôs as faces enrugadas

entre as mãos, estarrecido,

**e chorou em orvalhadas.**

**Cascateou-lhe em onda o pranto**,

e essas lágrimas correntes,

**qual milagre de algum santo,**

sempre mais entumescentes,

foram logo o início brando

de um caudal, como as vertentes

que iniciam porejando.

Pois, golpeando, o chão também

deu um fio de água andante,

lacrimal que foi além,

corgo aqui e rio adiante,

já das Lágrimas chamado,

por contar, num drama errante,

de Sepé o triste Fado.

**Hoje, roja o meigo rio**

**suas águas campo fora,**

memorando corredio,

sobre a tarde e à luz da aurora,

essa mágoa que espedaça,

e o fim bárbaro que chora

a tragédia de uma Raça.

(LUÍS, apud PRITSCH, 2004b, p. 272, grifo nosso).

A construção desse poema parte da narrativa popular. “Alguém contou” que Sepé se sentou em uma pedra e chorou; chorou tanto que suas lágrimas deram origem ao rio São Sepé. Essa versão de que as lágrimas do índio se transformaram no rio São Sepé é lenda, não é fato. É interessante ressaltar, conforme grifado no poema, as expressões “São Sepé” e, mais adiante, “qual milagre de algum santo”, pois a explícita narrativa popular expressa nesse poema também pode ser relacionada com as ideias de santo e de milagre atribuídas no enredo. São Sepé, santo popular, fez jorrar água, da mesma forma que outros santos já consagrados pela Igreja Católica.

Colaborando com o histórico da lenda, o *Jornal do Dia*, em 18 de dezembro de 1955, além de comentar sobre a lenda, reforça a ideia de que Sepé é gaúcho e rio-grandense:

Sepé Tiaraju é, portanto, **genuinamente rio-grandense**. É **o protótipo do gaúcho**, o condutor de homens que, em defesa da terra, contra portugueses e espanhóis, levou seus irmãos de tribo até os serros de Bagé, até **São Sepé que lhe recolheu o nome telúrico no rio** que, **conta a lenda, se formara com suas lágrimas partidas do coração esmagado pela pressão hispano-portuguesa.** (apud PRITSCH, 2004b, p.24, grifo nosso).

Esse trecho do jornal vai ao encontro da manifestação do poema do Padre Luís: as lágrimas de Sepé formaram a nascente do rio. Igualmente, a razão das suas lágrimas foi o difícil momento que ele estava vivendo, junto com seu povo.

Outra lenda bastante difundida trata do lunar em sua testa e a relação dele com a santidade de Sepé. Fagundes (1996) também a cita em seu livro. Denominada *A lenda de São Sepé*, o autor retrata que:

Sepé era um índio valente e bom, que lutou contra os estrangeiros para defender a terra das Missões. Ele era predestinado por Deus e São Miguel: tinha nascido com um lunar na testa.

Nas noites escuras ou em pleno combate, o lunar de Sepé brilhava, guiando os seus soldados missioneiros. Assim, quando ele morreu, vencido pelas armas e o número de portugueses e espanhóis, Deus Nosso Senhor retirou de sua testa o lunar, que colocou no céu do pampa para ser o guia de todos os gaúchos – é o Cruzeiro do Sul.

E o bravo cacique virou Santo – São Sepé. (FAGUNDES, 1996, p. 48-49).

Isto posto, contribuindo com a construção da lenda descrita por Fagundes (1996), o site *O Sul*[[11]](#footnote-11) apresenta uma descrição parecida:

O valente índio guarani Sepé Tiaraju foi um guerreiro que combateu nos Sete Povos das Missões, na época da colonização portuguesa e espanhola, em 1750. Ele era predestinado por Deus e São Miguel, pois nasceu com lunar na cabeça. Nas noites escuras e no combate, o lunar de Sepé brilhava e guiava os soldados. Quando Sepé morreu, vencido pelas armas dos colonizadores, Deus tirou o lunar da testa e colocou no céu do pampa, para ser o guia de todos os gaúchos – é o Cruzeiro do Sul. Ele passou a ser invocado como São Sepé, tornando símbolo do sentimento indígena de libertação. Esta é outra lenda gauchesca que marca as tradições do povo do Rio Grande do Sul, lembrada durante a Semana Farroupilha. (LENDA de São Sepé, 2015).

No site[[12]](#footnote-12) oficial da prefeitura de São Sepé também é descrita a versão popular da origem do nome da cidade:

A popular diz que o município recebeu esse nome em homenagem à memória do valente guerreiro Sepé Tiaraju que nasceu, viveu e combateu nos Sete Povos das Missões, na época pré-açoriana. Os missionários ensinavam que ganhariam o céu aqueles que tombassem em luta pela defesa das Reduções Cristãs contra os exploradores. Por esse motivo, segundo a tradição, o guerreiro morto passou a ser invocado como São Sepé, tornando-se assim símbolo do sentimento indígena de liberação. A marca desta santidade seria um sinal branco, em forma de cruz, no alto da testa – o lunar de Sepé – com que ingressou no imaginário popular.

 Segundo o historiador Aurélio Porto, no território do hoje município de São Sepé, havia uma taba de índios guaranis, da qual Tiaraju seria cacique, originando-se assim, a referência póstuma feita ao índio Sepé, de tanto simbolismo na memória popular. (PREFEITURA Municipal de São Sepé, [s.d.]).

Observando esses excertos, compreendemos que todas as lendas mobilizam os aspectos místico, lendário, santificado e mítico de Sepé, o que nos permite fazer relações entre oralidade, literatura e história.

Partindo da hipótese de que a história oral é tão verdadeira quanto a escrita, mas é vista, de certa maneira, com desconfiança no meio acadêmico, por não haver registros oficiais sobre a sua circulação, traremos, na próxima seção, as inter-relações entre História Oral e Literatura Oral. Desse modo, buscamos relacionar algumas músicas (dentro do aspecto oral) que, da mesma forma que os livros, fazem referência ao lendário e heroico Sepé.

## 2.2 História oral e literatura oral

No livro *Literatura oral no Brasil,* Luís da Câmara Cascudo (2012) faz, logo no primeiro capítulo, uma consideração sobre a Literatura Oral:

A denominação é de 1881. Criou-a Paul Sébillot com a sua *Littérature Oral de la Haute-Bretagne*. [...]. Essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência da oralidade. A fé pelo ouvir, ensinava São Paulo. (CASCUDO, 2012, p.13).

Em outro momento do texto, o autor ressalta que:

Não é preciso argúcia para determinar a importância da Literatura Oral nas ciências pedagógicas e a experiência credenciada pela psicologia popular para os conhecimentos administrativos. [...] a Literatura Oral é uma “constante” folclórica que não pode ser discutida. (CASCUDO, 2012, p.16).

Entendemos que Literatura Oral é um termo utilizado para representar textos e versos transmitidos oralmente, que se manifestam de maneiras diferentes do falar cotidiano. Visando ampliar essa compreensão, o texto de Josiley Francisco de Souza, intitulado *Literatura oral*, componente do Glossário CEALE[[13]](#footnote-13), é apontado como aporte teórico. O autor faz uma consideração importante sobre oralidade e escrita:

É importante considerar que, apesar do termo literatura oral vincular-se a expressões orais, não se faz pertinente instaurar uma oposição entre oralidade e escrita. É possível encontrar diferentes ocorrências de entrecruzamentos entre oralidade e escrita na nossa própria tradição literária, quando, por exemplo, personagens e histórias de tradições orais são transcriados por autores de textos de ficção. (SOUZA, [s.d.]).

Dessa forma, por meio dessa teorização, entendemos que, a partir da lenda de São Sepé, e, consequentemente, da questão de *O Lunar de Sepé*, foram criadas diversas outras vertentes registradas em músicas, poemas e livros. Várias são as composições feitas em homenagem ao índio, mas, para este estudo, interessam aquelas que o colocam em posição de “santo”, como é o caso da música *São Sepé Tiaraju*, de Barbosa Lessa (*apud* PRITSCH, 2004b, p. 273). Nessa música, há, igualmente, intertextualidade com a literatura. Acerca da música supracitada, podemos relacioná-la ao poema *O* *Lunar de Sepé*, de Simões Lopes Neto, conforme o seguinte trecho:

Nas Missões dos Sete Povos

Nasceu um dia Sepé,

Trazendo uma cruz na testa

- cicatriz sinal da fé;

A música retrata a cicatriz na testa, o “lunar”, associando-a à fé cristã. Traçando um paralelo, o poema de Simões Lopes Neto narra o seguinte:

Mas o lunar de Sepé

Era o rastro procurado

Pelos vassalos dos Reis,

Que o haviam condenado...

[...]

Por meio do seu clarão...

E o lunar na sua testa

Tomou no céu posição...

[...]

Dizendo, por nosso bem...

Sepé-Tiaraiú ficou santo

Amém! Amém! Amém!...

(LOPES NETO, 2002, p. 154).

Ou seja, acompanha os intuitos da lenda, apresentando um Sepé com um lunar na testa; um sinal de Deus relacionado à fé católica. Outro texto que também explora esse tópico é o episódio *A Fonte*, de *O Continente* (1949), de Erico Verissimo, na passagem em imediato: “– Olhem... Deus botou um lunar na testa de Sepé”. (VERÍSSIMO, 2002, p. 56). E “A alma de Sepé subiu ao céu e virou estrela. [...] Deus botou também na testa da noite um lunar como o de São Sepé”. (VERISSIMO, 2002, p. 60).

Dessa forma, a Literatura Oral está vinculada à História Oral, uma vez que a segunda permite uma ampliação em relação a conceitos e fontes, buscando compreender o passado através de entrevistas com pessoas que testemunharam fatos ou estiveram próximas aos acontecimentos pesquisados. Acerca da História Oral, Pinto (2016) infere:

Somente com essa técnica foi possível que historiadores e antropólogos realizassem uma nova construção de acontecimentos a partir da memória de pessoas que presenciaram os eventos. Ou seja, a história considerada verdadeira e que passaria a ser contada, é construída a partir da memória do entrevistado, memória essa que sofre influências de agentes externos, agentes culturais. A história narrada não é somente os eventos contados…. Não se trata da história em si, mas sim da memória de quem a conta. (PINTO, 2016).

Essa interrelação entre História Oral e Literatura Oral proporciona um percurso mais amplo e significativo sobre a história contada em que se insere Sepé Tiaraju, permitindo, para trabalhos futuros, um caminho além do que já está posto sobre esse personagem caracterizado por múltiplas facetas.

## 2.3 Para além da lenda: um herói histórico

Para além da lenda, a trajetória de Sepé Tiaraju é vasta; diversas abordagens sociológicas e literárias foram sendo construídas em torno dessa persona histórica. Diversos documentos atestam a existência de Sepé, dentre estes, a dissertação de mestrado de Rafael Burd (2012), que analisa a documentação primária – diários e documentos da época –, intitulada *De alferes a corregedor: a trajetória de Sepé Tiaraju durante a demarcação de limites na América Meridional – 1752/1761*; e a obra, organizada por Ptolomeu de Assis Brasil e publicada pelo Senado Federal, *Batalha de Caiboaté: Episódio Culminante da Guerra das Missões,* que aborda pesquisa bibliográfica e investigação de campo.

Sepé Tiaraju foi um índio guarani que viveu no século XVIII e teve participação efetiva na Guerra Guaranítica (1752-1756), desencadeada a partir do Tratado de Madri de 1750, que acabou desalinhando os Sete Povos das Missões[[14]](#footnote-14). Sepé foi corregedor (prefeito) de São Miguel (RS) na época em que cerca de 50 mil índios missioneiros habitavam os aldeamentos. Segundo Alcy Cheuiche (2005a), eles “viviam em cidades organizadas plantando trigo, milho, algodão, criando cabras, ovelhas e gado bovino, do qual, em suas estâncias, tinham cerca de 2 milhões de cabeças”. (CHEUICHE, 2005a, p. 23). Foi nesse período que as coroas portuguesa e espanhola assinaram o Tratado de Madri, com o intuito de definirem, entre outras regiões, as suas fronteiras na América Meridional. O resultado desse tratado decretava que os índios dos Sete Povos das Missões “[...] deveriam abandonar suas cidades, lavouras e mudar-se para a margem direita do rio Uruguai, atual território argentino. Os portugueses tomariam conta do fruto do trabalho de mais de um século dos guaranis e, em troca, entregariam à Espanha a Colônia do Sacramento, em atual território uruguaio”. (CHEUICHE, 2005a, p. 23). No combate, os guaranis lutaram contra os exércitos portugueses e espanhóis.

O marco da Guerra Guaranítica, na época, não fez de Sepé o líder central. Durante o evento, o nome em destaque era Nicolau Neenguiru[[15]](#footnote-15), um amigo dos jesuítas. Contudo, quem ficou marcado na memória literária e popular foi Sepé, desencadeando uma ampla representatividade. Tiaraju pertence à persona histórica, uma vez que é atestado como tal em documentações, transformando-o em um sujeito histórico, ainda não identificado como herói. Foi reconhecido por ter mostrado resistência[[16]](#footnote-16) aos ataques militares espanhóis e portugueses, tornando-se um líder para seu povo. A configuração do herói passa por diversas representações históricas e literárias perceptíveis – escritas ou faladas –, abrangendo, igualmente, um valor mítico.

## 2.4 Sepé Tiaraju e a identidade gaúcha

**A identidade gaúcha vem sendo construída e sofrendo alterações desde o início dos povoamentos. Os termos “gaúcho” e “gaudério” já foram considerados pejorativos por se equipararem ao bandidismo; considerados inimigos da ordem. Segundo Sergius Gonzaga (1980), no texto “As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura”, ao longo do tempo, o termo “gaúcho” começou a ser usado para denominar os trabalhadores das estâncias. Ao final do século XIX, ampliou-se “o espectro semântico da palavra”. (GONZAGA, 1980, p. 118). Segundo o autor, as transformações semânticas da palavra foram ocorrendo a partir das “reviravoltas sociais”. Dessa forma, considera-se que a relação da figura criminosa com o gaúcho estivesse eliminada no final do século XIX.**

**É interessante destacar a construção da identidade gaúcha como a convergência de diversos elementos, como valentia, força e apego à terra e atividade pastoril,** essa última citada, anteriormente, a partir de Cheuiche (2005a). Também merece destaque a identificação de Sepé com o cavalo; várias são as representações em que o índio missioneiro aparece com o animal. Pritsch (2004a) cita padre Enis que, em seu diário, escreve sobre Sepé e a fatalidade que ocorreu no dia de sua morte: o cavalo de Sepé tropeça. A informação, descrita pelo padre, também aparece em versões literárias. O *site* oficial da Prefeitura Municipal de São Sepé colabora com a versão: “Numa escaramuça, seu cavalo rodou e ele foi ferido pela lança de um soldado”. Em outro trecho, inclusive, faz referência ao registro do padre Enis[[17]](#footnote-17):

O fato citado acima é descrito pelo depoimento do Pe. Auxiliar de São Miguel, Tadeu Henis, S.J., quando Sepé e seus companheiros foram perseguidos pelo esquadrão do Governador J.J. Viana, seu cavalo tropeçou em um buraco, ou fossa feita por um estouro, e Sepé caiu, vindo a ser lançado por um dos soldados do esquadrão e, posteriormente morto com um tiro de pistola, efetuado pelo Governador Viana.

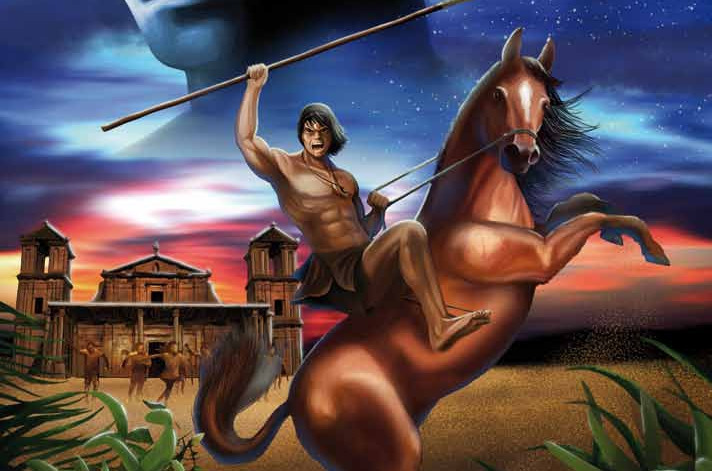
**As características, elementos e habilidade citados podem ser associadas a Sepé e sua identidade gaúcha. Seguem, abaixo, algumas imagens em que Sepé Tiaraju é representado a cavalo:**

Figura 1 - **Livro Sepé Tiaraju, 250 anos depois**

****

Fonte: registrada pela autora

Figura 2 - História em quadrinhos sobre Sepé Tiaraju publicada pela Câmara dos Deputados



Fonte:https://museudasmissoes.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/SEPE\_TIARAJU\_o\_indio\_o\_homem\_o\_heroi-1.pdf

**Outro aspecto que corrobora com o “gauchismo” de Sepé é a sua latente luta em defesa da terra, fato que, ainda hoje, faz parte da vida de muitos indígenas rio-grandenses.** A atávica referência, conhecida como o grito de Sepé “Esta terra tem dono”, também remete à bravura dos gaúchos, seus descendentes.

**Nesse contexto, a figura de Sepé que está nos limites de histórico, lendário e ainda literário, apresenta muitas vertentes, inclusive, ligando-o, pela lenda, a uma representação de lugar (Hemisfério Sul) pela associação de seu lunar à constelação do Cruzeiro do Sul. Como forma de resistência de memórias, as lendas, mitos e contos da narrativa popular referentes a Sepé foram sendo contados de geração em geração. Nesses “causos”, como são localmente chamados, da narrativa popular, o lunar na testa de Sepé, citado no poema de Simões Lopes Neto, o qual foi escrito com base na narrativa oral e na sabedoria de uma velha senhora da região, acaba se tornando o Cruzeiro do Sul. A ligação de Sepé com o Rio Grande do Sul não se dá, somente, pela Constelação que, afinal, é visível em todo o Hemisfério Sul, mas a recobre desse caráter místico. É, no entanto, a heroicidade de Sepé, presente no poema de Lopes Neto, que fez com que ele passasse a pertencer, efetivamente, à formação da identidade gaúcha. Luiz Carlos Susin, no artigo** *Sepé Tiaraju e a identidade gaúcha* **(2005) reforça essa ideia quando diz que a identidade gaúcha é formada por uma figura real, ao mesmo tempo que lendária. De acordo com o autor:**

**Se o alferes e depois corregedor (ou apenas capitão) da cidade missioneira de São Miguel fosse apenas o mito trágico e brilhante em que se tornou, se fosse apenas uma lenda com sucesso, como o Negrinho do Pastoreio, se São Sepé estivesse mais para São Jorge ou Santo Expedito do que para Santo Antônio, ainda assim, e exatamente assim – como mito fundante e significante – teria uma importância histórica e hagiográfica, sagrada, decisiva na formação da identidade gaúcha. (SUSIN, 2005 p. 41).**

**Seguindo essa perspectiva sobre identidade gaúcha, várias são as músicas regionalistas, centros tradicionalistas gaúchos e nomes de ruas que levam o nome de Sepé. Há um município, no coração do Rio Grande do Sul,** “que o canoniza em seu próprio nome municipal, a cidade e o município de *São Sepé[[18]](#footnote-18)”*.

**Os CTGs, exatamente pelo tradicionalismo, manifestaram-se a favor da construção de um monumento em homenagem ao índio Sepé. Conforme Pritsch (2004a, p. 53), “[...] por ver em sua figura a representação de valores consagrados pela ideologia tradicionalista, em que se destacam a coragem, o bom cavaleiro, o amor ao pago, o ideal de liberdade, entre outros”.**

**A expressão “esta terra tem dono*”,* também conhecida como o grito de Sepé, é,por sua vez, compreendida como uma representação do amor à terra e à bravura dos gaúchos, que são, muitas vezes, retratados como seus descendentes. Ademais, para contribuir com essa concepção, a Profa. Dra. Maria Eunice Maciel, na palestra** *Sepé: mito e lenda do sul do Brasil***,** destaca que a figura de Sepé Tiaraju é essencial para a construção do gaúcho. Nas palavras de Maciel: “É uma narrativa extremamente importante para os gaúchos nos dias de hoje, assim como a experiência missioneira é para toda a população rio-grandense”.

## 2.5 Herói oficial

Celebrado como um santo popular rio-grandense, Sepé Tiaraju passa a ser um herói gaúcho e brasileiro. As leis estadual e federal legitimam-no herói. A Lei Estadual nº 12.366, de 03 de novembro de 2005, declara Sepé Tiaraju herói guarani missioneiro rio-grandense. O artigo 2º dessa lei também institui o dia 07 de fevereiro, data da sua morte, como homenagem a sua memória. A Lei Federal nº 12.032, de 21 de setembro de 2009, por sua vez, comunica que, em homenagem aos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju, seu nome será inscrito no *Livro dos Heróis da Pátria*. Em 2010, um livro[[19]](#footnote-19) foi publicado pela Câmara dos Deputados, trazendo ilustrações e a história de Sepé, não apenas como forma de resgatar e atribuir valor ao índio missioneiro, mas, também, de divulgá-lo em âmbito nacional.

Organizações tradicionalistas, como os CTGs e Piquetes, referenciam em seus nomes o índio missioneiro, tal qual músicas tradicionalistas e poesias. Em adição a essas nomeações, encontram-se monumentos que espelham a figura mítica e histórica de Sepé Tiaraju.

Acerca dessas representações oficiais, ressalta-se uma grande controvérsia, ocorrida por volta de 1955, envolvendo a construção do primeiro monumento em homenagem ao bicentenário da morte de Sepé Tiaraju. (PRITSCH, 2004a). Darlan de Marchi (2018), em sua tese de doutorado, também disserta sobre as polêmicas envolvendo essa construção. As veementes discussões promovidas fizeram com que o monumento não saísse do papel com verbas já aprovadas pelo governo do estado. Entretanto, alguns anos depois, em Santo Ângelo (RS), iniciou-se uma construção em homenagem ao índio missioneiro, com verbas municipais, por meio da uma lei datada de 27 de julho de 1960. A obra, contudo, foi concluída somente anos mais tarde, devido à morte do escultor Valentin Von Adamovich.

Em imediato, uma fotografia do Monumento ao Índio Sepé Tiaraju, localizado em Santo Ângelo (RS):

Fotografia 1 - Monumento ao Índio Sepé Tiaraju



Fonte: Portal das Missões

O monumento a seguir está localizado na cidade de São Luiz Gonzaga (RS). Em uma entrevista ao *IHU Online[[20]](#footnote-20)*, em 31 de maio de 2010, Antônio Cechin esclarece o porquê da escultura na cidade: muitos escritores, em suas obras, retratam a cidade como a cidade natal de Sepé Tiaraju, o que, segundo Cechin, fez “o povo desta cidade missioneira [...] estufar o peito”. Despertou-se, portanto, o orgulho de serem concidadãos do grande herói-santo, erigido em modelo para todos os prefeitos do Brasil. Cechin ainda declara o seu apreço pela obra:

Há um par de anos, os briosos sãoluizenses, concretizaram suas homenagens a São Sepé Tiaraju num monumento de dois metros de altura, erguido na entrada da cidade. Trata-se, a nosso ver, da mais linda representação em estátua, que conhecemos: Sepé está a pé e não a cavalo como costuma aparecer sempre quando pintado ou esculpido. Quando a cavalo, o animal diminui o cavaleiro em importância visual, além de também estar mais próximo do chamado “gaúcho a pé” que é o pobre, contra o “gaúcho a cavalo” que é o típico latifundiário ou representante da classe hegemônica. (CHECHIN, 2010).

Fotografia 2 - Monumento instalado em frente à prefeitura de São Luiz Gonzaga (RS)



Fonte: Portal das Missões

No monumento localizado em São Luiz Gonzaga (RS), chamamos atenção para alguns elementos relevantes para análise: primeiramente, a cruz na mão direita, como símbolo do índio cristão; segundo, a lança apontando para a terra, como se Sepé declarasse:“essa terra tem dono”;por último, as boleadeiras, conectando-o à atividade pastoril e, portanto, ao gauchismo.

Contribuindo, igualmente, com a construção do herói, o *Espetáculo Som e Luz*, exibido nas ruínas de São Miguel[[21]](#footnote-21), implementado em 1978, identifica aspectos heroicos na figura do índio missioneiro Sepé Tiaraju. A atração conta com uma narrativa histórica “[...] associada à iluminação, criando um ambiente emotivo no qual as ruínas são os protagonistas”. (MARCHI, 2018, p.179). A apresentação dura, aproximadamente, 50 minutos, e é narrada a partir de personalidades históricas de São Miguel das Missões (RS) e pelas protagonistas, a igreja e a terra, que se encontram preservadas.

Fotografia 3 - Espetáculo Som e Luz



Fonte: Anderson Fetter / Agência RBS

Fotografia 4 - Ruínas de São Miguel, fotografada durante o dia



Fonte: Registrada pela autora

Ceres Karam Brum (2007), no seu texto *“Essa terra tem dono*”, disputas de representação sobre o passado missioneiro do Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju*,* publicado no *Cadernos IHU idéias*, diz que o *Espetáculo Som e Luz* é uma espécie de memorial a Sepé Tiaraju

É à memória de Sepé Tiaraju que o espetáculo é dedicado ao enfatizar sua luta pela terra das Missões e as razões de sua morte em prol da justiça, sendo apresentado como um cacique-corregedor da Redução de São Miguel com poder de decisão e influência sobre seus pares guaranis. O modelo de virtudes cristãs que encerra, em razão de sua formação jesuítica se insurge contra a notícia da disposição do Tratado de Madrid de trocar os Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento. É nesta conjuntura que ocorre sua célebre manifestação: – “Esta terra tem dono. Ela nos foi dada por Deus e por São Miguel.” (BRUM, 2006, p. 10).

Apresentado como um verdadeiro e idealizado herói, Ceres se mostra preocupada com a reverberação desse movimento junto aos guaranis, pois o espetáculo é excludente, porque acaba negligenciando a figura do índio real, construindo uma invisibilidade do povo guarani, que atualmente mora e trabalha vendendo seu artesanato no sítio arqueológico em São Miguel. Ainda, complementa em outro texto, *A invisibilidade indígena no Rio Grande do Sul: por uma antropologia das circularidades entre mito, diversidade cultural e educação*, que é necessário “[...]ultrapassar a percepção estática de um índio comemorado como se branco fosse pelas virtudes que alguns grupos apostam engendrar. É necessário perceber a pluralidade simbólica de Sepé Tiaraju como signo de reversão que interessa também as próprias nações indígenas.” (BRUM, 2015, p. 14). Ou seja, a idealização exacerbada do herói guarani no *Espetáculo Som e Luz* pode não ser o que Sepé Tiaraju representa de fato em sua luta. Pois, o guerreiro tomba lutando pelo seu povo, e é essa representatividade para com o povo guarani dos dias atuais, que deixa a desejar no espetáculo.

# 3 SEPÉ: ENTRE HERÓI E SANTO

Embora a religiosidade pudesse ter sido abordada como mais uma faceta de Sepé, essa circunstância ganha destaque em um capítulo à parte, justamente para que seja possível abordar questões referentes à proposta de canonização e o contraponto de como algumas lideranças guaranis se manifestam a esse respeito.

Várias foram as concepções desenvolvidas em um significativo trajeto literário sobre a figura mítica e histórica, bem como diversas adaptações ao longo do tempo, projetando relações identitárias. Sepé Tiaraju “era ao menos de terceira geração cristã” (SUSIN, 2021, entrevista via whatsapp). Seus pais e avós foram batizados no catolicismo. De acordo com a documentação enviada ao Vaticano, muitas pessoas apoiam a causa em virtude de seus atos; isto posto, a valentia e o heroísmo em defender a terra e o povo são os principais norteadores do processo de santificação.

Visando compreender os aspectos que mobilizam a personalidade conhecida como Sepé Tiaraju, este capítulo aborda o processo de santificação do índio missioneiro, evidenciando atualizações do processo, principais organizadores e documentações e discorrendo acerca de termos como mártir, santo e santo popular.

No capítulo *A Fonte*, da obra *O Continente*, Erico Verissimo escreve sobre essas dimensões de Sepé Tiaraju.

A importância de Sepé no capítulo “A Fonte” não reside na sua caracterização intrínseca, mas nas relações que a personagem pode estabelecer com outras questões importantes, principalmente nas relações internas dentro da obra em si – a vinculação de Sepé com o pai de Pedro, com São Miguel, com o próprio Pedro, protagonista e admirador do líder guarani. Essa admiração, adicionada ao misticismo de Pedro, resultou num “movimento de canonização” ao índio Sepé. É Pedro quem nota o lunar na testa de Sepé – *Olhem... Deus botou um lunar na testa de Sepé* – e *A alma de Sepé subiu ao céu e virou estrela.* (...) *Deus botou também na testa da noite um lunar como o de São Sepé*. O elemento místico transforma-se aqui na hagiologia católica: São Sepé. (PRITSCH, 2004a, p. 13).

Outro texto literário que traz um Sepé místico e santificado é *O Lunar de Sepé***,** de Simões Lopes Neto. O poema, além de caracterizar o índio como um herói, descrevendo-o como um homem forte e destemido, que luta pelo seu povo, estabelece associações à doutrina cristã:

Sepé foi erguido

Pela mão do Deus-Senhor, [...]

E, subindo para as nuvens,

Mandou aos povos benção! [...]

Sepé-Tiaraiú ficou santo

Amém! Amém! Amém!...

(LOPES NETO, 2002, p. 154)

Em seu trabalho, denominado *As Vidas de Sepé*, Pritsch (2004a)estabelece conexões entre esses versos do poema e o catolicismo:

É nítida a ideia de intercessor atribuída ao herói. Para o catolicismo, os santos são seres que realizaram grandes obras em vida ou que simplesmente defenderam a justiça e, dessa forma, após a morte, são recompensados podendo interceder em favor dos vivos, enviando à terra bênçãos dos céus. (PRITSCH, 2004a, p.195).

Por isso, de acordo com Antônio Cechin (apud PRITSCH, 2004b, p. 297),“[...] além de herói, para quem tem fé cristã, ele é também santo. Jesus Cristo disse que ‘não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles a quem se ama’”[[22]](#footnote-22). Ainda segundo Cechin, “[...] o início do cristianismo, o cristão que morresse mártir, era canonizado, isto é invocado como santo, no instante mesmo de sua morte, sem necessidade de processo canônico de espécie alguma.” (apud PRITSCH, 2004b, p. 297). Foi o que aconteceu com o índio Sepé. Essa concepção condiz, também, com a expressão “santo popular”, analisada mais adiante.

## 3.1 A religiosidade de Sepé Tiaraju segundo o cristianismo

O Frei Luiz Carlos Susin (2021) diz que é “[...] importante lembrar que Sepé Tiaraju foi cristão desde seu nascimento, cristão ao menos de terceira geração, com pais e avós católicos, educado com esmero desde criança pelos padres jesuítas da cidade de São Miguel, falando, além de sua língua materna, espanhol e um pouco de latim [...]”. (Anexo A intitulado *Santo, ainda que tarde!*). Como comentado em capítulo anterior, as cartas, que supostamente foram encontradas com Sepé, traçam um indicativo da sua religiosidade cristã. Ceres Karam Brum (2006, p. 224) destaca que “[...] há a proposta de sua canonização por uma parte da Igreja Católica, inspirada na Teologia da Libertação”. Na época, o processo de canonização iniciou com o irmão marista Antônio Cechin, que, em 2005, também criou e coordenou o “Comitê do Ano de Sepé Tiaraju”.

No entanto, com o falecimento de Cechin em 2016, quem, agora, continua com a ação é o Pe. Luiz Carlos Susin, teólogo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Em uma reportagem feita por Paula Sperb (2019) para o jornal *Folha de São Paulo*, Susin ressalta que é “[...] mártir também quem deu sua vida pela vida do outro. Além disso, o caso de Sepé também se enquadra no que chamamos de ‘ódio à justiça’. Ele não é santo porque vai curar a doença de alguém, mas porque morreu defendendo o seu povo”. Assim, Susin explica que o líder guarani é considerado um mártir, o que o qualifica como santo.

Em entrevista[[23]](#footnote-23), quando perguntado sobre o embasamento do processo de beatificação, Susin responde que:

Deve-se considerar três fatores, de diferente importância: 1. Na passagem dos eventos historicamente ocorridos à memória que é sempre interpretação e, sobretudo em eventos significativos, a sua “mitificação”, há uma resistente memória popular e literária em que Sepé Tiaraju emerge como “São Sepé”, não apenas um herói político, mas como alguém que morreu de forma violenta para defender o direito de seu povo, sob o signo e a invocação da sua fé cristã. Essa memória é encontrada de múltiplas formas, e não é o caso agora trazê-la; 2. Há um ressurgimento interpretativo desta memória nos movimentos populares religiosos ligados à terra e à identidade cultural. Por exemplo, as Romarias da Terra, começadas em São Gabriel-RS, que se espalharam por todo o Brasil; o MST, com assentamentos portando o nome de São Sepé. 3. A consulta e assinatura de centenas de pessoas de diferentes segmentos sociais, intelectuais, políticos, religiosos, etc. (SUSIN, 2021).

Ainda sobre a religiosidade de Sepé, há quem defenda a teoria do índio missioneiro, “Cristão praticante, sem perder os valores fundamentais da sua raça.” (CHEUICHE, 2005b, p. 59). Alcy Cheuiche, autor do livro *Sepé Tiaraju, Romance dos Sete Povos das Missões,* quando indagado em uma entrevista concedida ao *IHU On-Line*, impressa no livro *Sepé Tiaraju: 250 anos depois,* sobre Sepé, a cultura indígena e o cristianismo, Cheuiche respondeu que [Sepé]:

[...] é um símbolo histórico do índio missioneiro do século dezoito. Cristão praticante, sem perder os valores fundamentais da sua raça. [...] Parece-me claro que Sepé, ao não aceitar o Tratado de Madri, provou que os índios não eram escravos dos jesuítas, como alguns poucos ainda teimam em afirmar. (CHEUICHE, 2005b, p. 59).

Seguindo a mesma concepção, argumenta também o irmão marista Antônio Cechin, em entrevista *ao IHU On-Line*, no ano de 2005, impressa no livro *Sepé Tiaraju: 250 anos depois* dizendo que:

Antes de mais nada, Sepé já é santo canonizado popularmente pelos índios e pelos pobres do Rio Grande do Sul. [...] Isso porque, no entender do povo, Sepé lutou para implantar valores humanos e cristãos que cultivou durante toda a sua vida pessoal e comunitária, entre os guaranis. (CECHIN, 2005, p. 61).

Tanto Cheuiche, quanto Cechin abordam o tema da canonização a partir do reconhecimento de um valoroso elemento: Sepé lutou pelo povo. A inconformidade com o papel “subalterno” dos indígenas também foi – e continua sendo – um dos motivadores para a continuação do processo.

Para um melhor entendimento, é necessário delimitar os termos, mártir, santo e santo popular, que permeiam a trajetória do índio missioneiro Sepé Tiaraju.

### 3.1.1 Definição de mártir

De acordo com o *Dicionário Aulete Digital,* (2021)mártir é “Quem se sacrificou, ou foi morto, em nome de uma crença ou de um ideal [...]. 2. Quem sofre intensamente por alguma coisa; VÍTIMA.” Uma segunda definição, encontrada no *Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1992, p. 581) “[...] diz-se do cristão que, apesar das perseguições, atentados e até mortes, permanece fiel à sua religião. 2. Diz-se daquele que sofreu morte ou maus tratos, devido a sua crença ou ideologia sustentada”. Durante esta pesquisa, em uma conversa informal com um padre conhecido, Edison Stein[[24]](#footnote-24) (2021), observou-se que mártir “é aquele que derrama seu sangue por causa de Jesus, morrendo pela fé. É o batismo de sangue que encaminha direto para Deus. É a definição dada aos que foram mortos por causa da fé”. A partir dessas afirmações, martírio, portanto, significa derramamento de sangue.

Essa concepção acentua a ideia de que Sepé teria sido morto por causa da sua fé, o que, de certa forma, não procede, pois tanto espanhóis quanto portugueses eram católicos. Porém, a ideia de martírio pode ser ampliada para a noção de que o mártir é vítima de agressão e violência, fator que, notoriamente, procede na história de Sepé. A defesa da sua fé foi em detrimento de aspectos políticos, uma vez que foi morto por defender sua terra e sua gente da troca de territórios decorrente do Tratado de Madri.

### 3.1.2 Definição de santo

Vários são os termos usados ao se tratar de processos de canonização, contudo, há, entre eles, certas diferenças. O processo para a veneração como santo é bastante longo e rigoroso, passa primeiro pela beatificação e depois para a canonização. O primeiro termo trata de uma dimensão local, ou seja, é permitido culto ao beato em espaço limitado. Já o segundo termo traz uma dimensão universal, culto público para toda a Igreja, quando o beato passa para santo. No site *Canção Nova[[25]](#footnote-25)* (2014)**,** encontramos a seguinte definição: “Canonização é o termo usado pela Igreja católica para o processo em que se proclama um beato como santo. Trata-se de um processo que inclui diversas fases, que vão desde a investigação da vida do candidato a santo até a constatação de milagres realizados por sua intercessão”. Esse é um conceito bastante genérico, porque é possível a santificação sem que se tenha um milagre atribuído, como é o caso do jesuíta José de Anchieta, que foi declarado santo pelo papa Francisco em 03 de abril de 2014. De acordo com o site *Valor Globo*, um artigo publicado pela Folhapress – São Paulo (2014), a comprovação do milagre foi dispensada pelo papa, que atribuiu a causa a amplitude de seguidores e fiéis.

Padre Edison relata que santo não é, necessariamente, martirizado. Santo é alguém que teve uma vida de muitas virtudes. O *Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1992, p.794), por sua vez, evidencia que santo é quem “[...] está puro ou isento de mácula ou impurezas; sagrado; venerável. Refere-se a quem se deve respeito e veneração”. Uma segunda definição, no mesmo dicionário, faz referência à palavra para a teologia: “Diz-se da pessoa canonizada pela Igreja, beato, eleito”.

### 3.1.3 Definição de santo popular

A definição de santo popular pode ser compreendida por meio do conceito de imaginário social e identidade. Sepé Tiaraju se encaixa nesse viés, pois sua história é contada a partir de lendas do imaginário popular que, de certa forma, se identificam com algo em sua trajetória. O culto, as romarias e as procissões fazem parte do movimento em torno do santo popular, assim definido pela sociedade. Dando sequência, santo popular é aquele já considerado santo por parte da comunidade, mas que, no entanto, ainda não tem o aval da Igreja e do Vaticano.

Posto que, considerando os fatos históricos, não há como afirmar se Sepé vivia de maneira “santa” e “pura”, surge o questionamento acerca de quais razões levam a sociedade, após a morte – trágica – do índio, incorporarem-no em seu imaginário como santo. Bronislaw Baczko (1985) diz que essa mobilização ocorre através do imaginário social que a sociedade designa em sua identidade. A sociedade elabora determinada representação com a figura, gerando crenças comuns.

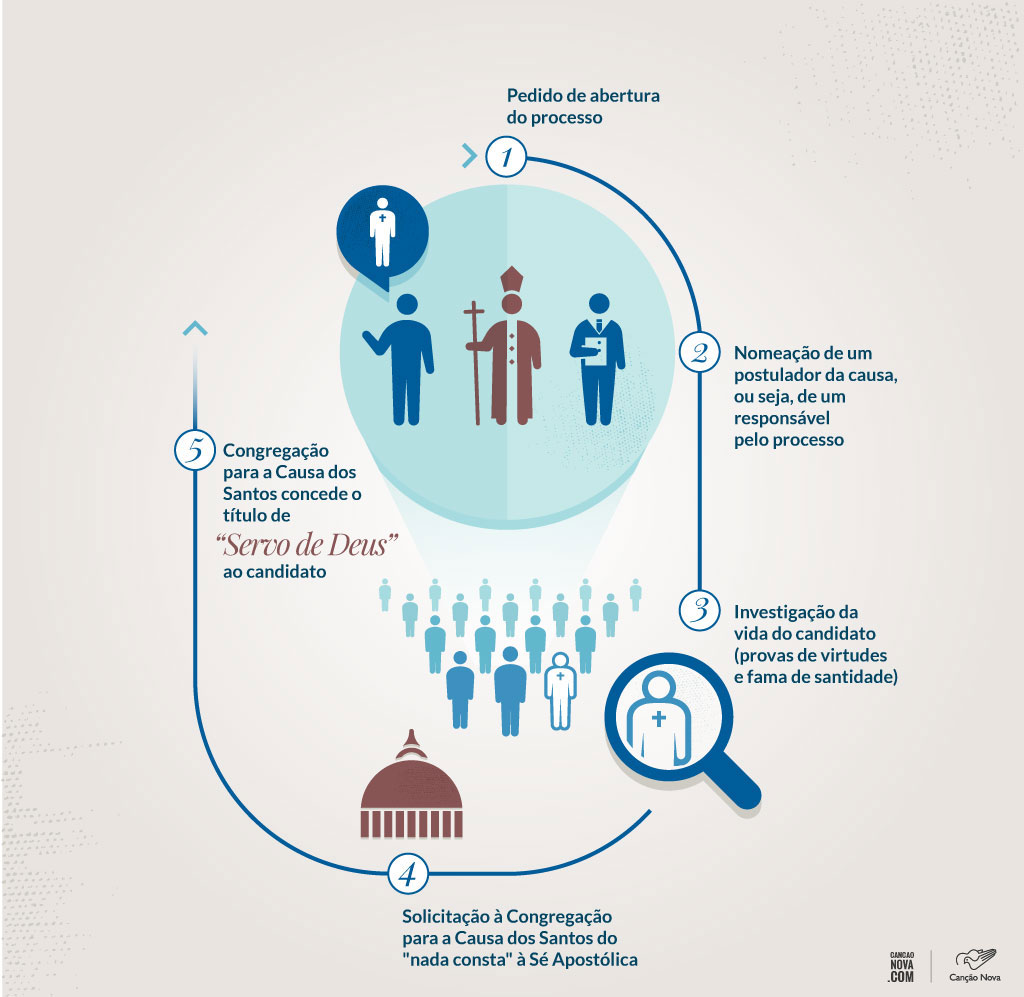
## 3.2 O processo de santificação

Em contraponto ao genérico conceito de santo encontrado durante a pesquisa, Frei Luiz Carlos Susin propõe que Sepé seja considerado santo porque foi martirizado, derramando o seu sangue pela vida do outro. Ou seja, a partir dessa perspectiva, Sepé move-se da definição de derramamento de sangue por defesa da fé para a defesa do outro. Frei Susin (2021), quando perguntado sobre a base do processo em curso respondeu que a memória popular e literária na qual Sepé emerge como “São Sepé” é muito consistente. Várias foram as pessoas consultadas sobre esse processo, assim como as que assinaram o documento. A questão da visibilidade guarani, dos movimentos populares religiosos ligados à terra e a identidade cultural também somaram para o envio do processo. Ou seja, há uma série de fatores que implicaram na iniciativa do envio do documento ao Vaticano. A crescente adesão das comunidades eclesiais populares também contribuiu para que o pontapé inicial fosse dado.

Em uma reportagem publicada pelo *IHU Online*, em 12 de fevereiro de 2020, o Padre Alex Kloppenburg, ao falar de Sepé, também utiliza a expressão “santo popular”, expondo que o processo de canonização do índio guarani “tem início desde o momento da **morte de Sepé”. (CORBARI, 2020). Complementa que o debate que estão conduzindo hoje “[...]** é um novo ciclo, muito anunciado e muito esperado, onde esperamos alcançar o reconhecimento por parte da**Igreja Católica”.** Kloppenburg considera o herói guarani como um exemplo de líder, que bravamente lutou contra questões que ainda hoje se fazem presentes na sociedade, como, por exemplo, massacres de povos em prol de interesses. Também, segundo ele, a causa pela qual Sepé lutava continua viva e, por esse motivo, coloca todos em posição de manter-se lutando e doando si mesmos.

Sepé Tiaraju foi morto em terras guaranis, atualmente São Gabriel (RS). Diante disso, a diocese de Bagé (RS) recolheu as assinaturas e deu o primeiro passo em direção ao Vaticano, junto à Congregação para a Causa dos Santos. O processo de santificação em andamento já passou pelas fases de mártir, servo de Deus, e venerável, como atesta a documentação mais adiante. O infográfico abaixo ilustra o que tem ocorrido no processo de canonização de Sepé Tiaraju:

Figura 3 - Passos do processo de santificação



Fonte: Canção Nova

A comunicação entre a diocese de Bagé (RS) e o Vaticano ocorreu por intermédio do bispo emérito Dom Gílio, conforme Dom Frei Leonir ao *IHU Online*:

“Cheguei na diocese há pouco mais de um ano, o processo já havia sido encaminhado pelo Dom **Gílio**, já tínhamos então a autorização para dar continuidade neste projeto que representa um momento muito especial para todos nós, direcionando um olhar voltado para a história ao mesmo tempo em que afirmamos a posição no momento presente”. (LEONIR, 2019.)

Dom Gílio, em carta ao Vaticano, comunicou as razões pelas quais a comunidade acreditava que Sepé deveria ser considerado santo, bem como apresentou, no relato, diversas assinaturas de autoridades políticas, padres e intelectuais de diversas áreas. Corroborando com essas afirmações, Frei Luiz Carlos Susin pontua em entrevista que:

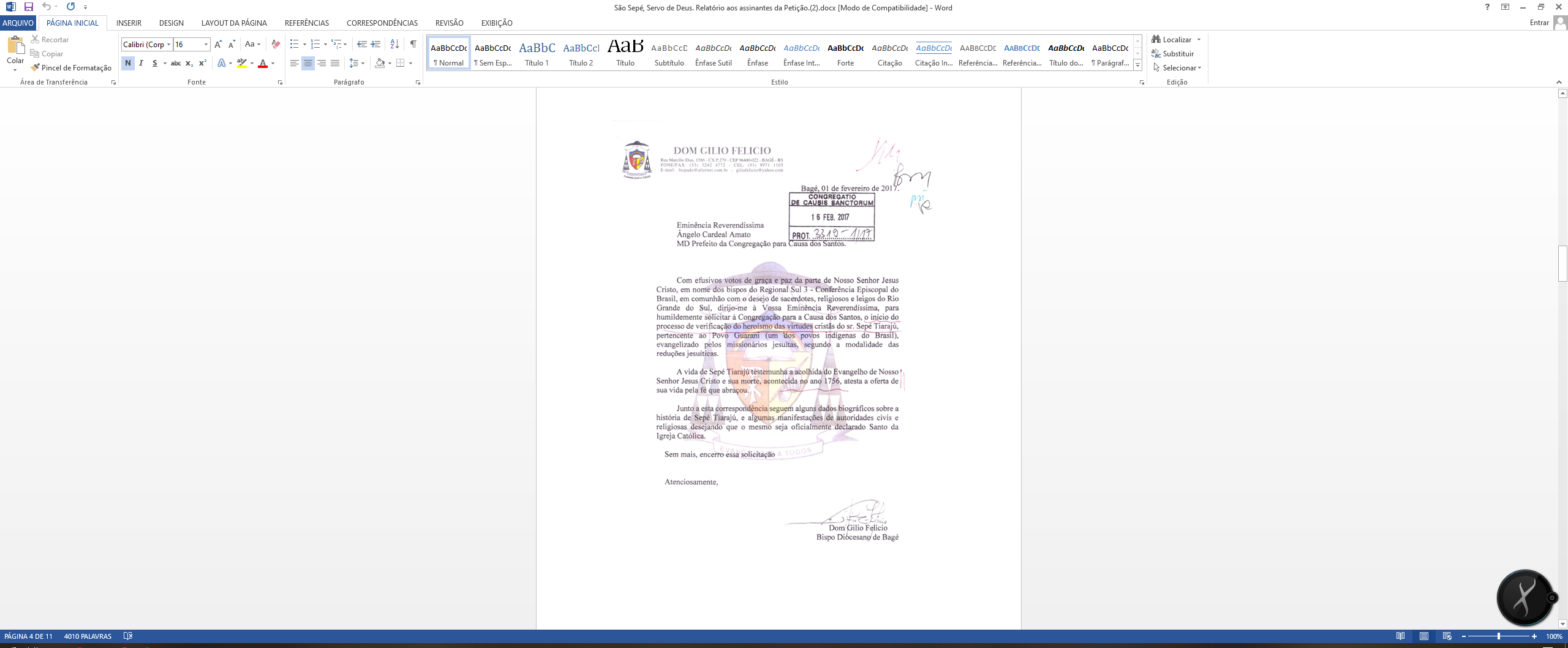
O processo começou com o pedido, por parte do então bispo de Bagé, Dom Gílio, apresentado à Congregação para a Causa dos Santos, e a aceitação ou o *nihil obstat* dado pela mesma a que se comece o processo na diocese de Bagé. Este primeiro assentimento permite que se chame “Servo de Deus” aquele que está em causa, ou seja, Sepé Tiaraju. O bispo que sucedeu Dom Gílio, agora Dom Cleonir Paulo Dalbosco, constituiu uma comissão inicial, composta de historiador, canonista, teólogo e alguns outros especialistas dedicados à causa. A pandemia interrompeu temporariamente as reuniões dessa comissão, pois os passos seguintes deverão ser a constituição de um Postulador, algumas subcomissões, como a de história e a de juízo. Há normas que deverão ser seguidas.[[26]](#footnote-26) (SUSIN, 2021).

Vários são os registros por parte da Igreja que atestam a veracidade documental dos envios ao Vaticano, assim como o desdobramento do assunto. Conforme relatório do Frei Luiz Carlos Susin (2018):

Em fevereiro de 2017, Dom Gílio viajou a Roma e, com a petição em mãos, encontrou-se com as autoridades da Congregação para a Causa dos Santos. No dia 16 de fevereiro a Petição foi assentada e protocolada na Congregação. (SUSIN, 2018). (Cf. Anexo B).

Segue, abaixo, o documento enviado por Dom Gílio ao Ângelo Cardeal Amato:

Figura 4 - Carta enviada ao Vaticano, por Dom Gílio para dar início ao processo de canonização



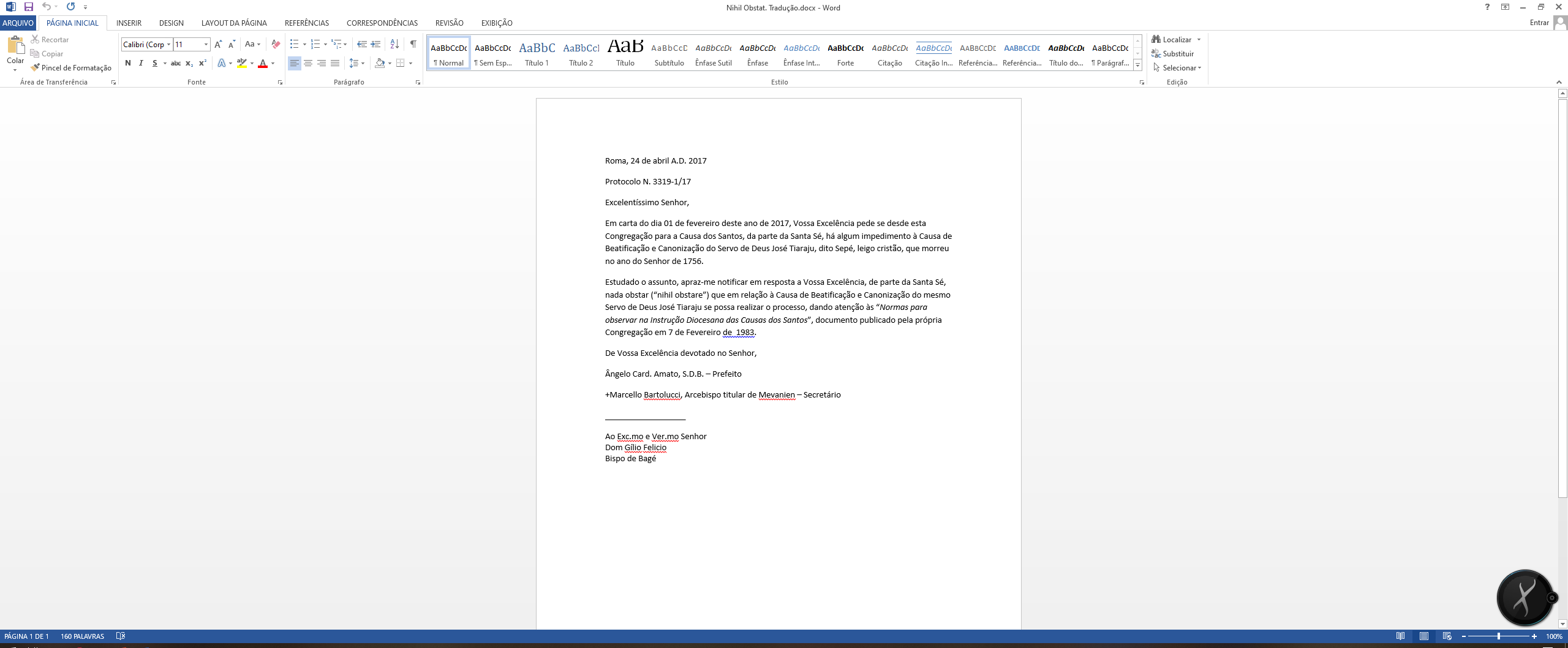
Fonte: Acervo pessoal do Padre Edison Stein

Em 24 de abril de 2017, o Vaticano enviou um documento, intitulado *Nihil Obstat*, que quer dizer “sem objeções”. Ou seja, por parte da Santa Sé, nada impede a beatificação e canonização de Sepé Tiaraju. O documento esclareceu, também, que Sepé já poderia ser invocado como “Servo de Deus”. Esse retorno foi um grande passo para o reconhecimento oficial, pela Igreja Católica, de Sepé Tiaraju como santo. Em seu relatório, o Frei Susin (2018) reporta que:

No dia 24 de abril de 2017 foi expedido documento com assinatura do Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, Cardeal Ângelo Amato, e do secretário da Congregação Marcello Bartolucci, afirmando que, uma vez examinada a petição, autorizava-se o processo de reconhecimento de santidade de “Iosephus Tiarajú”. (SUSIN, 2018). (Anexo B).

A seguir, destacamos a carta enviada pelo Vaticano acerca da Causa de Beatificação e Canonização de Sepé:

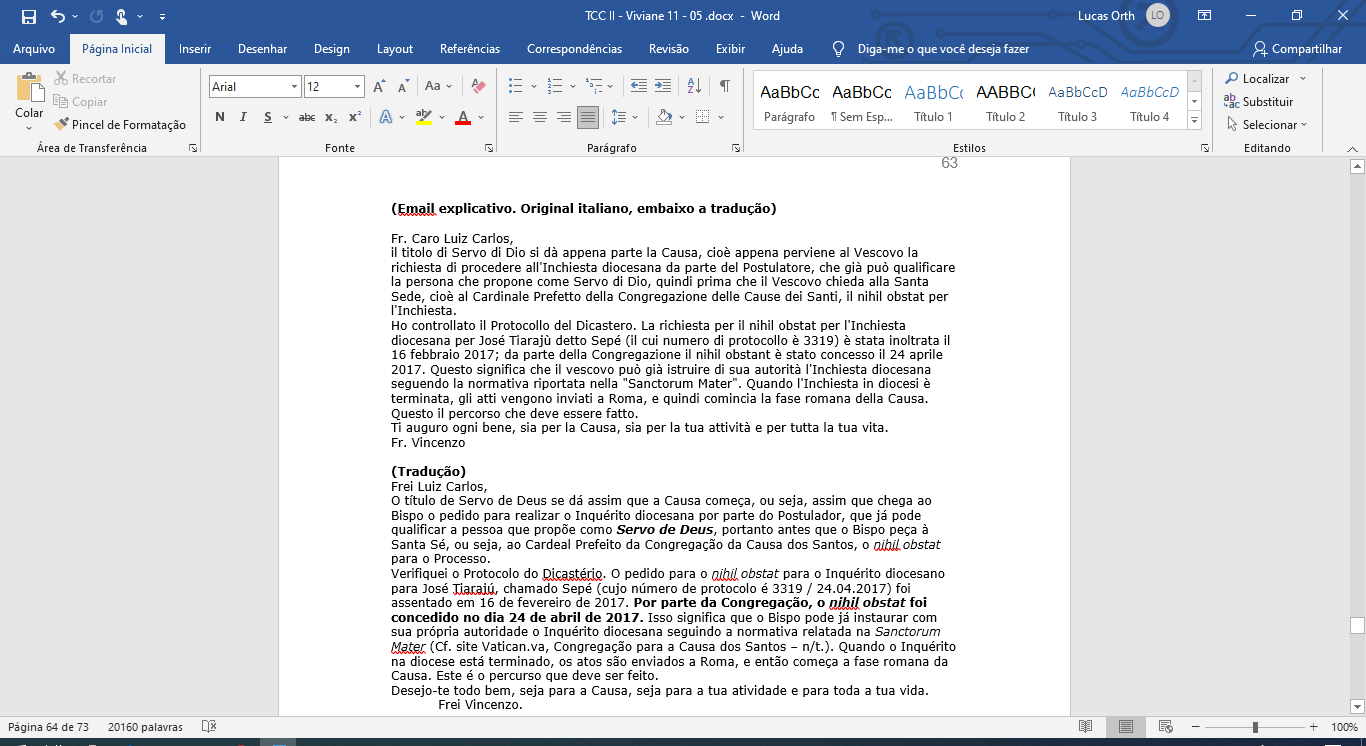
Figura 5 - Carta do retorno por parte do Vaticano pela causa de Sepé Tiaraju



Fonte: Acervo pessoal do Padre Edison Stein

De acordo com o Anexo B, intitulado *Santo, ainda que tarde! Relatório do percurso e do estado atual da Petição de reconhecimento de santidade de José (Sepé) Tiaraju, o São Sepé,* com o esclarecimento provindo da Congregação, não há necessidade de terminar o inquérito diocesano para que se possa invocar Sepé como “Servo de Deus”, dessa forma, o índio já recebeu o primeiro título de reconhecimento de santidade.

Figura 6 - E-mail explicativo

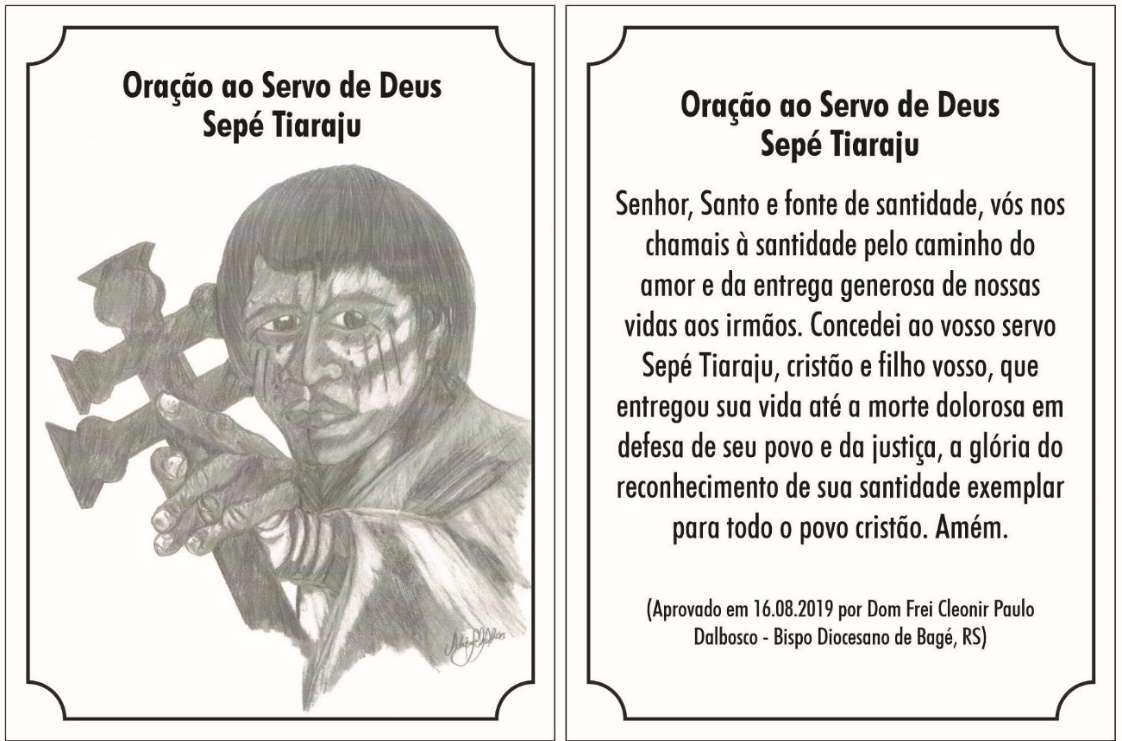


Fonte: Acervo pessoal do Padre Edison Stein

A partir do momento em que a Congregação da Causa dos Santos autorizou o início do processo, Sepé Tiaraju já é considerado Servo de Deus.

Isto posto, o bispo da diocese de Bagé (RS) aprovou a produção de um “santinho”, contendo uma imagem ilustrativa de Sepé (de autoria de Adriano Alves) e uma oração, intitulada *Oração ao Servo de Deus Sepé Tiaraju***.** Por intermédio dessa imagem e oração, os cristãos podem, portanto, invocar as graças de Sepé.

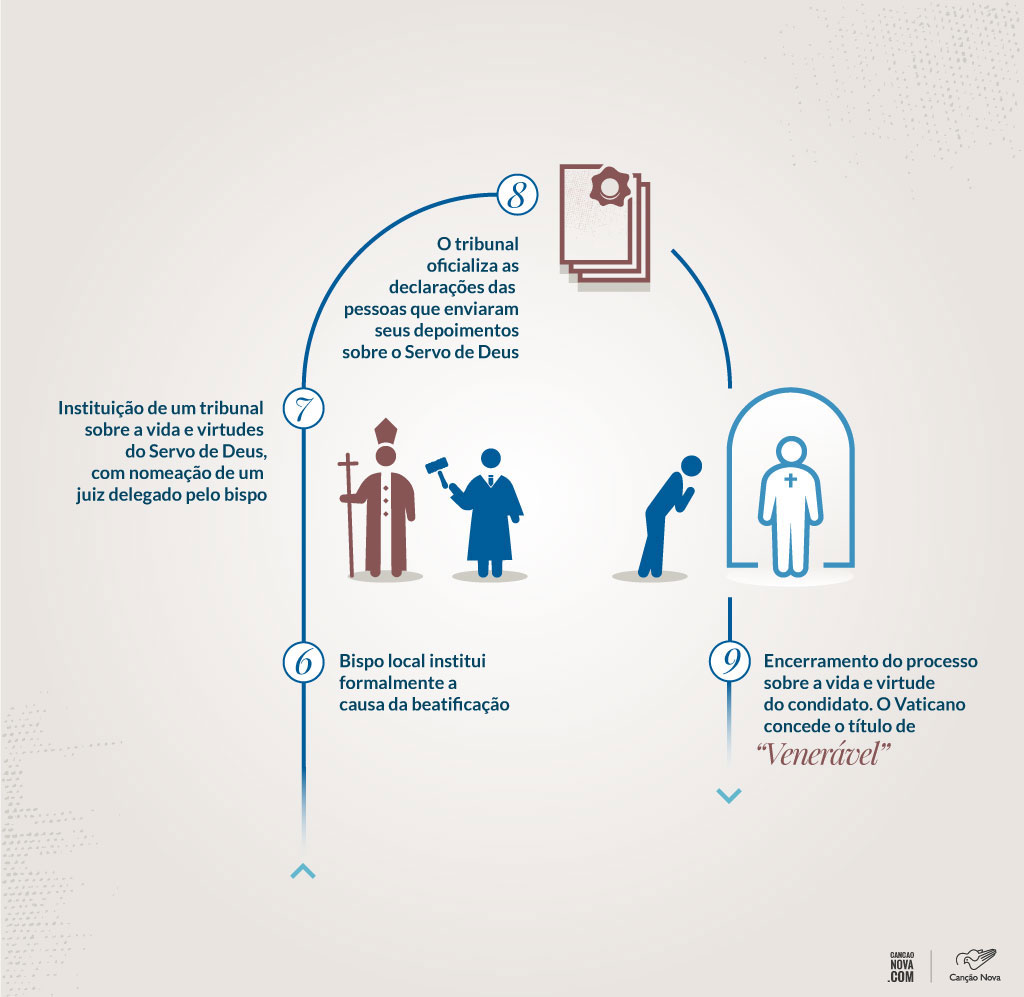
Figura 7 - Santinho com imagem ilustrativa de Sepé Tiaraju e uma oração

****

Fonte: Acervo pessoal do padre Alex Kloppenburg.

**Segundo Susin, o bispo que sucedeu a Dom Gílio, Dom Cleonir Paulo Dalbosco constituiu uma comissão inicial, necessária para dar andamento ao processo. Essa comissão foi composta por um historiador, um canonista, um teólogo e alguns especialistas dedicados à causa.** A pandemia, porém, interrompeu temporariamente as reuniões dessa comissão, pois os passos seguintes deverão ser a constituição de um postulador[[27]](#footnote-27) e algumas subcomissões, como a de história e a de juízo. O frei também comenta que há normas a serem seguidas. O infográfico abaixo mostra em que situação está o processo:

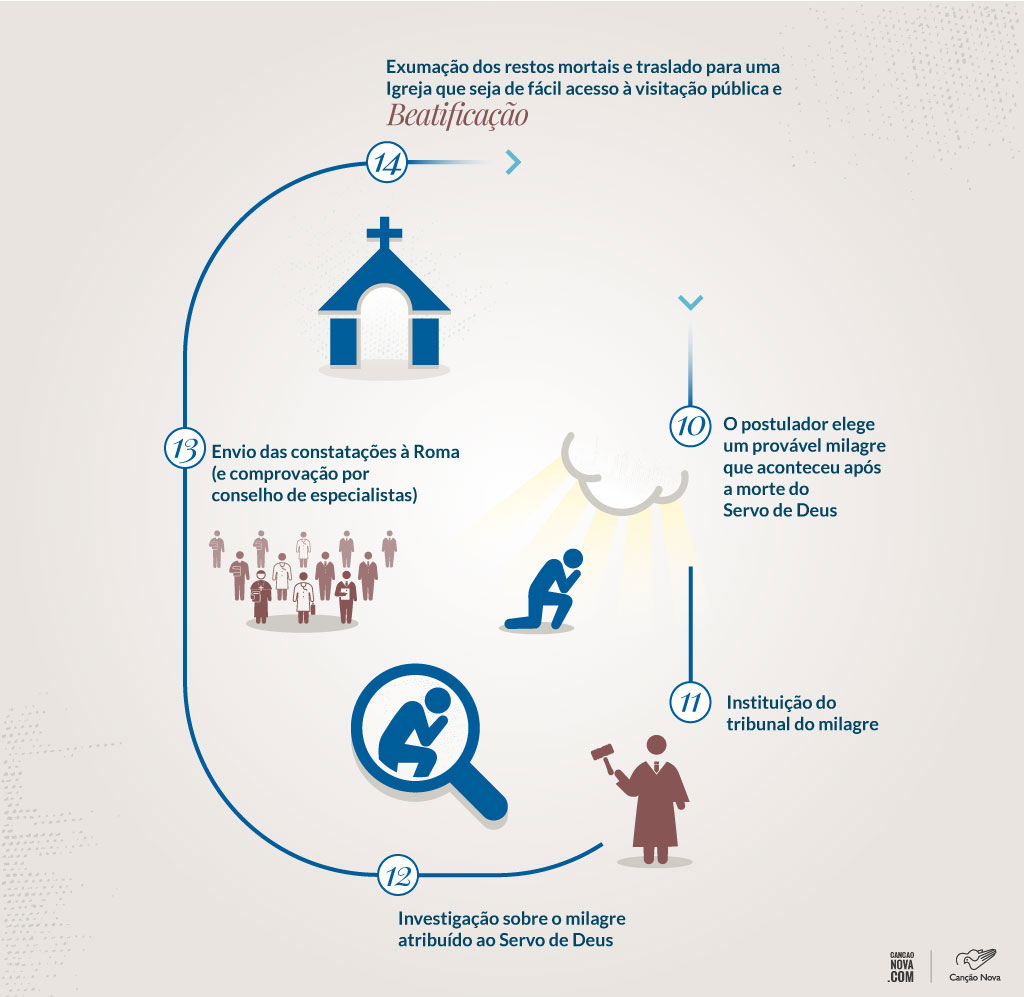
Figura 8 - Continuação do processo de santificação: parte 1



Fonte: Canção Nova

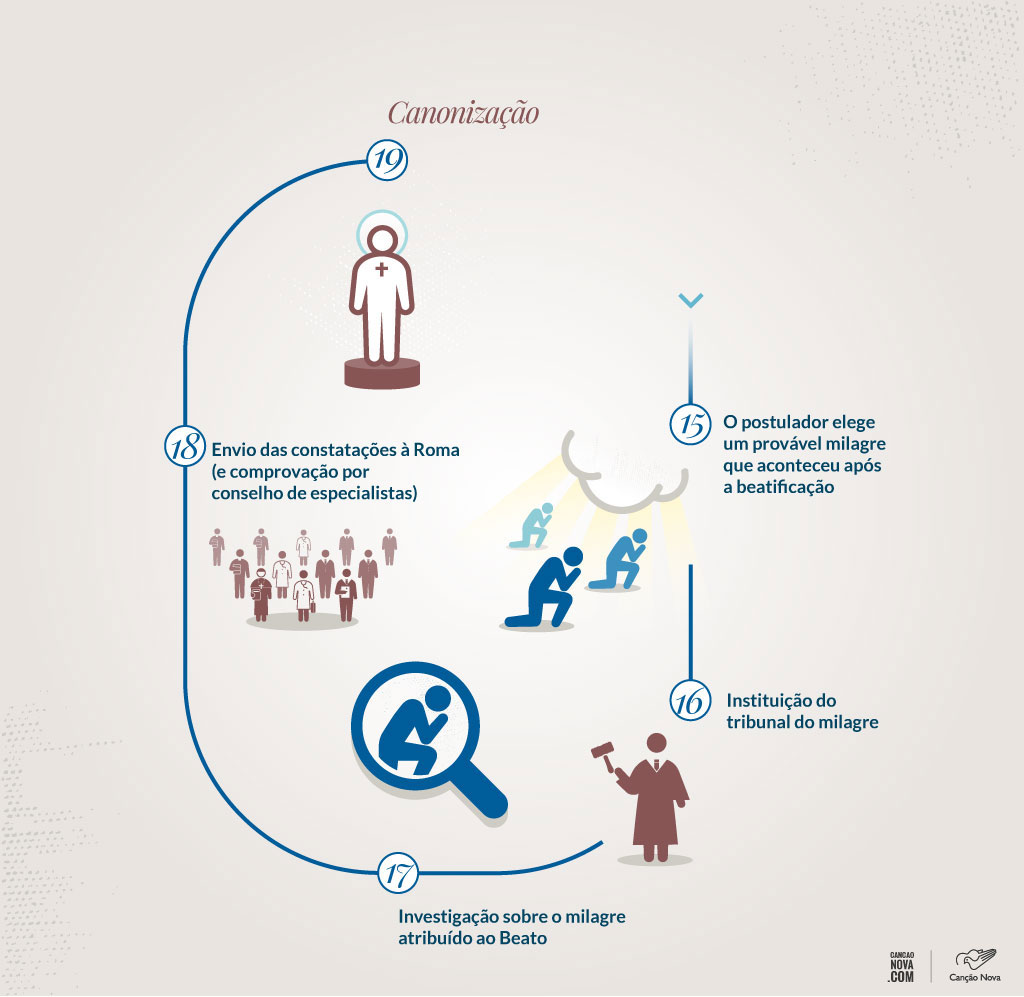
**As próximas figuras representam o que ainda falta para Sepé ser proclamado santo:**

Figura 9 - Continuação do processo de santificação: parte 2



Fonte: Canção Nova

Figura 10 - Continuação do processo de santificação: parte 3



Fonte: Canção Nova

**Quando questionado, na entrevista realizada, sobre o reencaminhamento do processo, o Frei Susin respondeu que “[...]** não é uma retomada, é uma iniciativa” e complementa dizendo que:

[A razão desse trabalho] é o possível incremento de autoestima e mesmo de recuperação de autoestima do povo que tem sangue índio, o “bugre” e sua descendência, que tem um buraco na sua ancestralidade e na sua identidade. Um povo que não tem autoestima perde capacidade de luta para melhorar sua vida e de seus filhos. *Não há motivação eclesiástica nesse reconhecimento de santidade,* pois a liderança da Igreja, historicamente, não foge da ambiguidade em que esteve metida. *A razão é reconhecimento da dignidade do povo da terra, povo “pêlo duro”, que precisou recalcar suas origens indígenas.* É mesmo uma questão de justiça, ainda que tardia. (SUSIN, 2021).

**Essa perspectiva denotada pelo Frei Susin (2021) converge com o próximo capítulo, no qual analisaremos as percepções guaranis sobre todo esse processo.**

# 4 SEPÉ GUARANI

Rosana Bond (2008), no texto *Guaranis desmentem livros e revelam nova história,* articula que, buscando nas histórias orais, é possível descobrir facetas ainda não vistas sobre fatos e lendas dos povos guaranis. Em uma dessas pesquisas sobre Sepé Tiaraju, a autora sugere que:

A pesquisa a respeito de Sepé baseou-se na história oral, preservada na memória de índios centenários que viveram no Rio Grande do Sul, entre eles a velha xamã Tatãty Yva Rete (Maria Candelária Garay), apontada por antropólogos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e PUC de São Paulo como uma das lideranças femininas mais importantes e respeitadas da tribo. (BOND, 2008, n.p.).

Nessa entrevista, a liderança feminina indígena, Tatãty Yva Rete, revela que Sepé não era guarani, mas, sim, filho de outro povo indígena que não fora identificado; tendo sido, portanto, adotado e cuidado pelo povo guarani. Também cita que Tiaraju não era cristão convicto, respeitando mais a sua religião (guarani) do que a católica. Em outro momento de seu texto, Rosana apresenta um impasse entre a religiosidade católica e as concepções guaranis. A autora declara que:

O bravo e exemplar Sepé Tiarajú (sic) transformou-se num símbolo para os gaúchos. Há um rio e um município com seu nome e, em Santo Ângelo, uma estátua no centro da cidade. Os guaranis não vêem problema nisso, mas há uma questão de fundo que parece lhes desgostar e incomodar há muito tempo. Que é a “desindianização” de Sepé. (BOND, 2008, p. 02).

O contraponto apresentado pela autora demonstrou-se instigante, uma vez que, ao pensarmos na religiosidade segundo o cristianismo e as concepções guaranis, Sepé não era um líder religioso, não foi e nem teria sido um pajé. Nesse contexto, surge uma indagação: Sepé é guarani?

Mesmo que não tenha sido possível realizar uma pesquisa quantitativa sobre a inserção de Sepé nas comunidades guarani, devido à pandemia de COVID-19, a partir de entrevistas e vídeo de Maurício da Silva Gonçalves, liderança guarani-mbya, foi possível perceber que os guaranis acolhem o traço lendário, que Sepé Tiaraju tem importância, e que o usam como uma forma de argumentação.

Liderança guarani de grande influência, Maurício da Silva Gonçalves aparece em vídeos e responde entrevistas, além de também ter feito parte do Comitê do Ano de Sepé Tiaraju[[28]](#footnote-28). Analisando as participações e entrevistas da liderança, foi possível perceber que suas ações, justamente como liderança guarani, estão em divergência ao que Rosana Bond (2008) cita no seu texto. Segundo a entrevista de Eliana Pritsch ao *IHU* e, posteriormente, publicada no livro *Sepé Tiaraju: 250 anos depois*, (2005), Maurício da Silva Gonçalves esteve presente na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, quando houve o lançamento do projeto de lei que reconhece Sepé Tiaraju como “herói guarani missioneiro rio-grandense”: “Recentemente, quando do lançamento do projeto de lei, na Assembléia Legislativa do Estado, em 22 de junho deste ano, o cacique guarani Maurício da Silva Gonçalves [...]”. (p. 75). Para mais, também discursou em evento, segundo Alcy Cheuiche: “[...] um líder dos remanescentes de sua tribo pediu que, ao homenagearmos Sepé, não nos esquecêssemos dos guaranis de hoje”. (CHEUICHE, 2005, p. 56). Ou seja, há uma desconstrução em relação ao que Bond (2008) coloca, pois o fato de Maurício ser uma liderança que foi até a Assembleia Legislativa, ao lado de lideranças da Igreja Católica, a fim de legitimar a lei – como um guarani – além de também estar presente nas comemorações que subsidiaram a ideia de Sepé ser um herói gaúcho, nos mostra que os guaranis tratam com importância a história de Sepé Tiaraju. Ainda hoje, Maurício é presente em homenagens e comemorações, como mostra o vídeo *260 anos do assassinato de Sepé Tiaraju e da luta Guarani pela terra[[29]](#footnote-29),* de2016, em que ele faz um depoimento como liderança guarani-mbya.

O traço de oralidade presente nas narrativas pode trazer diferentes apreensões sobre Sepé, alguns querendo deslegitimá-lo por ser guarani e, outros, como o Maurício que, em ocasiões como 2005, emprestou seu nome para estar junto com o irmão marista Antonio Cecchin e o frei Luiz Carlos Susin para reconhecer o projeto de lei. O fato de existirem leis estadual e federal que reconhecem a heroicidade de Sepé ratifica a hipótese de que quando um guarani dirige-se para esse tipo de celebração ou comemoração de reinvindicação, ele dá importância, não de ordem religiosa, tratando-se do catolicismo, mas descontrói a ideia de que Sepé não era guarani.

Pensando no reconhecimento de Sepé por seus semelhantes, surgem novas indagações: de que forma Sepé é lembrado por seus semelhantes? Qual a visão do povo guarani em relação a canonização de Sepé? Essas questões são respondidas por Olívio Jekupé, Santiago Franco[[30]](#footnote-30) e Maurício da Silva Gonçalves. O primeiro, nativo guarani, escritor e líder dentro da sua comunidade, reside em São Paulo (SP); o segundo e terceiro são lideranças guaranis no estado do Rio Grande do Sul.

Jekupé e Franco foram entrevistados por meio do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp. Quando questionados se tinham conhecimento de quem era Sepé Tiaraju, Jekupé (2021) respondeu que: *“Sim eu sei muito bem quem é Sepé Tiaraju. é... foi um grande guerreiro eu fico muito feliz de saber que esse grande líder tá sendo comentado nos dias de hoje né [...]”.* Denotamos que o conhecimento sobre esse guerreiro e líder vem por meio da oralidade, como apresentado no capítulo 2, *O Herói*, desta pesquisa. Essa característica é evidenciada no trecho a seguir: *“[...] Sepé que eu conheço muito tempo a história dele, né e isso me deixa feliz, né. E outras pessoas aqui da aldeia também já ouviu falar dele né não tem assim muito conhecimento mas muitos já ouviram falar né”*. (JEKUPÉ, 2021). Sobre a mesma pergunta, Franco (2021) responde que: *“É… bom, o Sepé Tiaraju é mais conhecido aqui no Rio Grande do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. É... só que ele foi reconhecido pelo Brasil, todo Brasil. Na verdade, ele é uma liderança muito importante pra nação guarani, o principal né. Por isso que foi reconhecido como herói né, herói Sepé Tiaraju no Brasil [...]”*.A partir da fala dos entrevistados guaranis, percebemos que Sepé é reconhecido, nesse primeiro momento, tanto como liderança quanto herói.

Em outro momento da entrevista, perguntamos se o povo guarani enxerga Sepé como um herói, e, a partir de suas respostas, compreendemos que o assemelham a um líder:

Então pra… pras lideranças, que quem mais conhece Sepé são sempre as lideranças porque aqui na aldeia Às vezes as pessoas não [...] as pessoas vivem mais na aldeia então as vezes não escuta muito falar dele, mas a maioria das lideranças é que escuta mais e tem conhecimento… então eles tem o maior respeito por ele porque a gente sabe que ele foi um grande líder que lutou pela causa, né. Mesmo sendo convertido porque a gente que convertido mas ao mesmo tempo lutou né. Porque o importante não é se converteu, não deixou de lutar né. Mas ele foi um líder que mesmo sendo convertido mas ele como um cara que lutou pela causa, né. Então isso é importante. (JEKUPÉ, 2021).

Isto posto, de acordo com a resposta de Jekupé (2021), para o povo guarani, a conversão de Sepé não muda a forma que o enxergam: um líder defensor da causa. Para eles, é essa característica que importa.

Santiago Franco (2021), por sua vez, responde que: *“[...] aqui no estado ele assumiu essa [...] no Rio Grande do Sul, a missão, mais pela missão, né. Missão jesuítica. Então... é... só que ele foi reconhecido como herói do guarani. Então é isso que a gente conhece dessa forma, tá bom?”*

Em consequência dessas falas, surgiu uma inquietação: a que se atribui o termo líder? De acordo com o *Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1992, p. 550), “s.m. Chefe, guia; tipo que representa uma sociedade”. À vista disso, podemos traçar uma intertextualidade entre os termos líder e herói, ambos mencionados veementemente nos discursos de Jekupé e Franco.

Em fevereiro de 2016, em homenagem aos 260 anos da morte de Sepé Tiaraju, o Conselho Indianista Missioneiro publicou um vídeo na plataforma YouTube[[31]](#footnote-31) com uma entrevista concedida por Maurício da Silva Gonçalves, liderança guarani-mbya. Sobre as lideranças da época[[32]](#footnote-32), Maurício define que representavam a resistência do povo guarani. Acerca de Sepé, afirma que:

[...] à história foi um Guarani, um grande lutador da época lá de 1750. Ele acabou tombando pela luta, pela terra, pela garantia de território dos Guarani, aqui nessa região e hoje nós, liderança de hoje, lideranças atuais também lutamos para garantir nossos direitos, nosso território, para que nossos filhos tenham o espaço garantido, nossos velhos tenham seu espaço para rezar. Para continuar a nossa cultura né. **Então Sepé pra gente, Guaranis de hoje, ele representa força, representa a resistência do povo Guarani.** (GONÇALVES, 2016, apud 260 ANOS...).

Maurício Gonçalves também foi entrevistado pelo *IHU Online (UNISINOS)*. Essa entrevista compõe o livro organizado pelo Comitê do ano de Sepé Tiaraju, intitulado *Sepé Tiaraju 250 anos depois.* Uma das indagações surgidas tratava da representatividade de Sepé para a nação guarani, a qual Maurício respondeu que Sepé “[...] foi um grande líder, que lutou pelo seu povo [...]”. Novamente, a palavra líder faz parte de Sepé. Durante a entrevista, questionaram-no, igualmente, sobre a canonização do índio guarani. A resposta de Maurício foi clara: “para a minha comunidade, em Itapuã, temos a definição de que Sepé, sendo canonizado ou não, representa um símbolo. Para nós, ele já é um santo”. (GONÇALVES, 2005, p.51).

Essa ideia de santo apresentada pelo Maurício nos remete a outro ponto: o que significa santo para os guaranis? De acordo com as entrevistas, percebemos que a ideia de santo atribuída pelos indígenas é controversa. Conforme Franco (2021) cita, em um trecho da entrevista, fazendo referência à religião: “Só que o guarani não vai dizer que Sepé Tiaraju já é santo guarani, por exemplo, né. A religião é outro, né. Só que a gente vai respeitar isso né”.Partindo disso, podemos relacionar as falas com as suas respectivas comunidades. Pode ser que Maurício tenha usado o termo santo como parte da sua – e da comunidade em que reside – religião guarani. Já Franco (2021) foi claro ao dizer que seu povo não vai invocar Sepé como santo, dando a entender que o termo não pertence à sua religião e à comunidade em que vive. Isto posto, podemos considerar que, mesmo entre comunidades guarani-mbya, há diferenças em suas visões em relação ao termo santo que é atribuído a Sepé.

As três lideranças guaranis apresentaram semelhanças em suas falas. Olívio Jekupé (2021), paulista, afirma que já ouviu falar de Sepé e que é importante que se ouça e que se fale sobre ele. Santiago Franco (2021) também o conhece a partir da oralidade, acreditando ser importante falar-se sobre o índio, ainda que fique desconfortável sobre a apropriação da Igreja Católica, e, por isso mesmo, prefere caracterizá-lo como herói guarani. Maurício (2005) participou do Comitê do Ano de Sepé Tiaraju, reivindicando a lei em nome da luta do seu povo. Todos apresentam um ponto central: foi unânime a fala de que Sepé é um líder grandioso para o povo guarani. Ou seja, não importa se é legitimado como santo, herói, santo popular ou liderança, desde que seja dada a devida relevância a Sepé Tiaraju e a sua luta.

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A gente tem que tentar falar sobre Sepé*

*para que não seja morto duas vezes.*

*Mata o corpo e depois mata a história.*

*(Olívio Jekupé)*

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou perceber o quanto a própria literatura representou as diferentes facetas da história de Sepé Tiaraju. Partimos da leitura de textos literários, mas o estudo em si está voltado às percepções lendárias e religiosas. Isto posto, encontramos um Sepé bravo, valente, justo que se assemelha aos heróis trágicos das narrativas, descritos por vários teóricos e pesquisadores do assunto. Quanto à oralidade abordada, é interessante pensarmos no fato de que a história oral vai continuar; a lenda do herói e líder Sepé continuará sendo contada, não somente por guaranis, mas também por todos que buscam nas histórias – e na religião – um alento.

A representação do herói Sepé, seja pela oralidade dos guaranis seja pela literatura, continuará aparecendo nos diferentes campos, visto que, algumas vezes, a história é escrita depois que é narrada, assim como ocorreu com o célebre poema *Lunar de Sepé*.

As entrevistas com lideranças guaranis nos mostram a identificação que têm com o índio, mesmo que este tenha sido convertido ao cristianismo, e hoje considerado Santo Popular por grande parte dos católicos. Desse modo, foi possível concluir que Sepé Tiaraju não é desacreditado como liderança guarani, pelo contrário, sua imagem como líder do povo está mais viva do que nunca. Maurício Gonçalves (2016) argumenta que **para o povo guarani “[...] ele é uma liderança, é importante ele ser reconhecido, ter visibilidade, pois assim o povo guarani acaba tendo uma visibilidade e reconhecimento maior. Não incomoda que seja católico. Que os brancos reconheçam, que a luta dele seja vista como forma de resistência, que temos até hoje”. Portanto, a partir desse relato, notamos que não há rancor por parte do povo guarani em relação à religião cristã e à comunidade católica.**

**Nesse emaranhado de considerações, há três títulos que chamam a atenção: líder, herói e santo. Traçamos um paralelo para esses conceitos, a fim de buscar uma significação para os termos. Nas entrevistas com as lideranças guarani, encontramos tanto o termo líder quanto o termo herói. Porém constatamos que o termo líder foi atribuído em momentos de referência ao povo guarani, e o herói em situações de nível maior, como diz Franco (2021): “***Por isso que foi reconhecido como herói né, herói Sepé Tiaraju no Brasil”*. Ou seja, no contexto não-literário, na história real, aplica-se a noção de líder, partindo da literatura a ideia de transformar um líder em herói.

**Consideramos que esse percurso não está acabado: enquanto existir mobilização popular, continuarão sendo contadas histórias. Entretanto, não há como afirmar onde as lendas sobre Sepé chegarão, quais terras e ouvintes alcançarão. Sabe-se que a lenda do *Lunar de Sepé* ficou alicerçada na literatura. Mas, outras representações surgirão, moldando-se ao longo do tempo. As reverberações desse início da história vêm sendo construídas e novas possibilidades serão formadas no decorrer da trajetória guarani.**

**A identidade gaúcha do índio missioneiro pode até ser desacreditada por alguns, mas é explícito que o seu papel e o de sua comunidade guarani têm grande influência na nossa cultura. O famoso chimarrão, conhecido como símbolo gaúcho, é, na verdade, uma herança do povo indígena. Ou seja, a representatividade que Sepé lembra, ultrapassa a figura do índio montado a cavalo. É necessário um olhar para a visibilidade guarani na atualidade, e o processo de beatificação, segundo Antônio Cechin (2005) é uma forma de propiciar essa percepção: “A importância da canonização cresce, quando olhamos para a situação em que se encontram os índios de hoje, no Rio Grande e no Brasil”. (CECHIN, 2005, p. 62). Não podemos esquecer que a história nos aponta caminhos controversos na relação entre lideranças religiosas e indígenas. Se a santificação do índio missioneiro ocorrer, aspectos como demonstrar a importância e carga histórica da sua própria cultura, da cultura do seu povo devem estar entre os objetivos para que a visibilidade, de fato, ocorra.**

**O termo santo, desenvolvido ao longo da pesquisa, possibilitou observarmos as percepções da comunidade católica. Uma vez que em vários momentos foi abordada a questão da santidade por meio de aspectos heroicos – “também é santo quem dá a sua vida pela do outro” –, principalmente o herói trágico, entendemos que os vocábulos podem ser diferentes, mas a visão que trazem é muito parecida. Tanto o herói quanto o santo carregam um fado e ambos acabam padecendo por seus atos valentes, normalmente em defesa da vida do outro.**

**Pensando na contribuição deste estudo, ressaltamos as atualizações sobre o processo de santificação do índio Sepé Tiaraju, e suas relações com a comunidade cristã e guarani: santo para uns, líder para outros.** Este trabalho é uma primeira investigação, apontando indícios para futuras construções de perspectivas e contribuindo com a representatividade de um herói nativo de nossa terra.

# REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social*.* **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v.5: Anthropos-homem. p. 296-332.

BRASIL, Ptolomeu de Assis. **Batalha de Caiboaté.** Brasília: Senado Federal, 2005. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1110/743399.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 25 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.032, de 21 de setembro de 2009**. Inscreve o nome de Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=22/09/2009. Acesso em: 02 fev. 2021.

BRUM, Ceres Karam. “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: A figura de Sepé Tiaraju. **Cadernos IHU idéias**, São Leopoldo, ano 4, v. 46, 2006. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/046cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

BRUM, Ceres Karam. “Esta terra tem dono”: Representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul. O mito de Sepé Tiaraju. **Revista AntHropológicas,** Recife, ano 11, v. 18, p. 215-236, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/viewFile/23707/19363. Acesso em: 05 mar. 2021.

BRUM, Ceres Karam; JESUS, Suzana Cavalheiro de. Mito, diversidade cultural e educação: notas sobre a invisibilidade guarani no Rio Grande do Sul e algumas estratégias nativas de superação. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 201-227, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0201.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.

BURD, Rafael. **De alferes a corregedor:** a trajetória de Sepé Tiaraju durante a demarcação de limites da América Meridional – 1752/1761**.** 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/62024/000867567.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 06 maio 2021.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1988. Disponível em: https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf. Acesso em: 06 maio 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil.** 1. ed. digital. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/24118374/literatura-oral-no-brasil-camara-cascudo>. Acesso em: 20 de out. 2021.

CECHIN, Antônio. “Sepé já foi canonizado por índios e pobres”: entrevista. In:COMITÊ do Ano de São Sepé (Org.). **Sepé Tiaraju,** **250 anos depois.** São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 60-67.

CECHIN, Antonio. **Depoimento.** Mensagem recebida por Eliana Inge Pritsch em 12 jan. 2004.

CECHIN, Antônio. Sepé Tiaraju: exemplo heróico guarani. Entrevista a Patrícia Fachin. **IHU On-line:** Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, São Leopoldo, 31 mai. 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3250-antonio-cechin-3. Acesso em: 20 abr. 2021.

CHEUICHE, Alcy. Sepé Tiaraju, 250 anos depois. In:COMITÊ do Ano de São Sepé (Org.). **Sepé Tiaraju,** **250 anos depois.** São Paulo: Expressão Popular, 2005a, p. 9-25.

CHEUICHE, Alcy. Um símbolo de resistência guarani: entrevista. In:COMITÊ do Ano de São Sepé (Org.). **Sepé Tiaraju,** **250 anos depois.** São Paulo: Expressão Popular, 2005b, p. 53-67.

COMISSÃO pró-canonização de Sepé Tiarajú inicia ações públicas. **IHU On-line:** Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, São Leopoldo, 12 fev. 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3250-antonio-cechin-3. Acesso em: 20 abr. 2021.

CONSELHO Indigenista Missionário. **260 ANOS do assassinato de Sepé Tiaraju - e da luta guarani pela terra.** YouTube, 2016. (5 min 54 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1XPxRj-EFPA. Acesso em: 20 abr. 2021.

CORBARI, Marcos. Comissão pró-canonização de Sepé Tiarajú inicia ações públicas. **IHU On-line:** Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, São Leopoldo, 12 fev. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596229-comissao-pro-canonizacao-de-sepe-tiaraju-inicia-acoes-publicas>. Acesso em 20 abr. 2021.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins Livreiro,1996.

FETTER, Anderson. Espetáculo "Som e Luz" estreia com nova tecnologia em São Miguel das Missões. **GZH,** Porto Alegre, 01 mai. 2016. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/05/espetaculo-som-e-luz-estreia-com-nova-tecnologia-em-sao-miguel-das-missoes-5790699.html. Acesso em: 27 mai. 2021.

FRANCO, Santiago. **Entrevista [cedida a Viviane Maria Werner Orth].** Disponível em: Anexo F. Acesso em: 16 maio 2021.

GAMA, José Basílio da. **O Uraguai.** Porto Alegre: L&PM, 2017.

GONÇALVES, Maurício da Silva. Sepé representa a luta pela nossa dignidade: entrevista. In:COMITÊ do Ano de São Sepé (Org.). **Sepé Tiaraju,** **250 anos depois.** São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 49-52.

**GONZAGA, Sérgius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In:FREITAS, Décio et. al. RS: cultura e ideologia*.*  Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 113-132.**

HÁ 263 anos morria Sepé Tiarajú, ícone da cultura missioneira. **Rádio Alto Uraguai**, [S.I.], 07 fev. 2019. Disponível em: https://www.radioaltouruguai.com.br/ha-263-anos-morria-sepe-tiaraju-icone-da-cultura-missioneira/. Acesso em: 13 abr. 2021.

JEKUPÉ, Olívio. **Entrevista [cedida a Viviane Maria Werner Orth].** Disponível em: Anexo E. Acesso em: 15 abr. 2021.

KLOPPENBURG, Alex. **São Sepé Tiaraju.** Mensagem recebida por <[viviane.werner1@gmail.com](mailto:viviane.werner1@gmail.com)> em 15 abr. 2021.

LENDA de São Sepé, uma tradição do povo gaúcho. **O Sul**, 16 set. 2015. Disponível em: https://www.osul.com.br/lenda-de-sao-sepe-uma-trdicao-do-povo-gaucho. Acesso em: 11 maio 2021.

LÍDER. In:**Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo: Edipar, 1992, p. 550.

LOPES NETO, Simões. **Lendas do Sul.**Introdução e notas: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

MACIEL, Maria Eunice. Sepé: fundamental para a formação do gaúcho. **Instituto Humanitas da Unisinos.** São Leopoldo, 26 de jun. 2010. Disponível em: http://unisinos.br/blogs/ihu/eventos/sepe-fundamental-para-a-formacao-do-gaucho/. Acesso em: 15 abr. 2021.

MAIA, Raul (Org.). **Estudante Nota 10.** São Paulo: DCL, 2010.

MARÇAL, Jéssica. Como funciona um processo de canonização? **Canção Nova,** [S.I.], 28 mar. 2014. Disponível em: https://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/como-funciona-um-processo-de-canonizacao/. Acesso em: 25 mar. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica,** v. 9, n. 1, p. 119-145, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v9i1.7396>. Acesso em: 27 out. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Orgs.). **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MÁRTIR. In:**Aulete Digital**, 2021. Disponível em: <https://aulete.com.br/m%C3%A1rtir>. Acesso em 13 jun. 2021.

MÁRTIR. In:**Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo: Edipar, 1992, p. 581.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONUMENTO Sepé Tiaraju. **Portal da Missões**, [S.I.], ©2021. Disponível em: https://www.radioaltouruguai.com.br/ha-263-anos-morria-sepe-tiaraju-icone-da-cultura-missioneira/. Acesso em: 13 abr. 2021.

PAPA declara padre José de Anchieta como santo. **Valor,** [S.I.], 03 abr. 2014. Disponível em: https://valor.globo.com/brasil/noticia/2014/04/03/papa-declara-padre-jose-de-anchieta-como-santo.ghtml. Acesso em: 13 abr. 2021.

PERSONA. In:**DICIO, Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/persona/>. Acesso em 11jun. 2021.

PERSONAGEM. In:**DICIO, Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/personagem/>. Acesso em 11 jun. 2021.

PINTO, Fabiana. O que é história oral? **Revista Capitolina,** v. 2, n. 24, 2016. Disponível em: http://www.revistacapitolina.com.br/o-que-e-historia-oral/. Acesso em: 27 out. 2020.

PRITSCH, Eliana Inge. 1956: a homenagem embargada a Sepé Tiaraju. In:Comitê do Ano de São Sepé (Org.). **Sepé Tiaraju,** **250 anos depois.** São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 27-34.

PRITSCH, Eliana Inge. **As vidas de Sepé.**2004. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2004a. v. 1.

PRITSCH, Eliana Inge. **As vidas de Sepé.**2004. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2004b. v. 2.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 12.366, de 03 de novembro de 2005.** Declara Sepé Tiaraju Como Herói Guarani Missioneiro Rio-Grandense E Dá Outras Providências. Disponível em: https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-12366-2005-rio-grande-do-sul-declara-sepe-tiaraju-como-heroi-guarani-missioneiro-rio-grandense-e-da-outras-providencias. Acesso em: 05 nov. 2020.

SANTO. *In:* **Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo: Edipar, 1992, p. 794.

SÃO SEPÉ. Prefeitura Municipal. **História.** São Sepé, [2021?]. Disponível em: http://www.saosepe.rs.gov.br/o-municipio/historia/. Acesso em: 11 maio 2021.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim*.* **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIQUEIRA, Sueli. **O trabalho e a pesquisa científica na construção do conhecimento**. Governador Valadares: Univale, 2002.

SOUZA, Josiley Francisco de. Literatura oral. **Glossário Ceale.** [2021?]. Disponível em: http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-oral. Acesso em: 28 set. 2020.

SPERB, Paula. Guarani morto ao defender território pode ser primeiro santo indígena brasileiro. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 22 set. 2019. Disponível em: https://folha.com/s7awezgt. Aceso em: 27 out. 2020.

STEIN, Edison. **Materiais sobre Sepé Tiaraju**. Mensagem recebida por <[viviane.werner1@gmail.com](mailto:viviane.werner1@gmail.com)> em 09 nov. 2020.

SUSIN, Frei Luiz Carlos. Sepé Tiaraju e a identidade gaúcha. **Rede Soberania,** [S.I.], 11 fev. 2019. Disponível em: https://redesoberania.com.br/artigos/sepe-tiaraju-e-a-identidade-gaucha/. Acesso em: 02 fev. 2021.

SUSIN, Luiz Carlos**. Entrevista [cedida a Viviane Maria Werner].** Disponível em: Anexo G. Acesso em: 01 maio. 2021.

SUSIN, Luiz Carlos. Sepé Tiaraju e a identidade gaúcha. **Conselho Indigenista Missionário,** 13 jul. 2005. Disponível em: https://cimi.org.br/2005/07/23676/. Acesso em: 17 abr. 2021.

VERISSIMO, Erico **O tempo e o vento - I: O Continente.** 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

# ANEXO A

***“Santo, ainda que tarde!”***

**Por uma postulação de reconhecimento de santidade de José Tiarajú (São Sepé, o Tiarajú)[[33]](#footnote-33)**

No bairro Teresópolis, em Porto Alegre, encontra-se a rua *Sepé Tiarajú*. As placas de esquina completam a informação: “corregedor indígena, defensor da terra missioneira”. Logo adiante, na rua, há um posto de gasolina com o nome: *Sepé Tiarajú*. E mais adiante uma lancheria: *São Sepé*. Há também uma escola, um CTG, uma praça: *Sepé Tiarajú*. E levantando o olhar para o mapa do Rio Grande do Sul, ou mesmo examinando-o por Internet, não há cidade de médio ou muitas inclusive de pequeno porte, que não tenham algo em seu nome, um bairro em Santo Ângelo, até chegarmos a uma cidade inteira, no coração do Rio Grande, que o canoniza em seu próprio nome municipal, a cidade e o município de *São Sepé*.[[34]](#footnote-34)

Acima das controvérsias políticas e das interpretações históricas viciadas pelo olhar luso-açoriano (em confronto histórico com o castelhano) que impediram a ereção de um monumento a São Sepé por ocasião do bicentenário de sua morte, na verdade chegamos aos 250 anos com diversos monumentos, placas, denominações públicas ou de iniciativa popular, e, sobretudo, o reconhecimento oficial de Herói Riograndense e de Herói Nacional. Ou seja, ao invés de diminuir, sua fama cresce! *O que deve ser tem força*. Mas por duas razões não se trata de um herói ao modo grego, narrado pelo vencedor e pela lógica do mais forte, que para isso estão nossas ruas e praças com nomes de coronéis e figuras ilustres da sociedade. As duas razões são claras: A primeira, a percepção popular difusa pelo Rio Grande é de que se trata de um “santo” ao modo dos santos católicos, e daqui ocorre o título mais original que lhe é dado com longa insistência: “São Sepé”. E segunda, porque de fato, politicamente e friamente, ele não foi um herói vencedor, foi vítima da política de dois impérios coloniais, juntamente com o povo pelo qual ele era responsável e pelo qual lutou e deu sua vida. Para a lógica dos vencedores, ele é, como o caso de Jesus, um “anti-herói”. A ele cabe bem a homenagem do francês Antoine Mercié com sua dolorosa e serena escultura em memória dos jovens do levante de Paris em 1870: “*Gloria Victis*” (1874) - a vítima erguida por um anjo pronto para o voo, com olhar sereno lançado para um horizonte mais vasto do que a miséria do poder do mais forte. Ou, melhor ainda, no caso de São Sepé, já que sua motivação foi profundamente cristã: como a figura joanina de Cristo sereno em oferecimento de si na cruz transformada de suplício sob o poder mundano em trono de redenção. A cruz de São Sepé interpreta bem a dolorosa, perseverante e resistente memória popular do povo guarani vencido e disseminado na população gaúcha, de alguma forma identificada com seu santo corregedor, São Sepé. *Gloria Victis*:reconhecimento já secular da cruz de Cristo, cujo sangue derramado sob a aliança de poderes em solo gaúcho tem se revelado um caminho de Páscoa, um *risus paschalis* do povo originário que é a raiz principal do verdadeiro gaúcho para quem decide conhecer sem preconceitos a história mais que milenar desta região do mundo.

A memória de santidade de José, seu nome cristão de batismo conservada no epíteto *Sepé*, está também tipificada em seu nome guarani “Tiarajú”, um autêntico nome bíblico-guaraní, com sentido pascal, nome que se tornou origem de uma narrativa hagiográfica ao estilo “edificante” como as legendas medievais de Santo Antônio e São Francisco ou da mais famosa *Legenda Aurea*. O nome *Tiarajú* diz exatamente, em língua guarani, “facho de luz”. Segundo o poema do mais ilustre dos contadores de histórias populares, Simões Lopes Neto, é “o *lunar* de sua testa (que) tomou no céu posição!”. De tal forma que quem olha para o Cruzeiro do Sul nas noites abertas do RS vê ali seu altar irradiando desde o céu o que ele foi na terra: a vigilância, o juízo e a decisão, a luz de proteção do “corregedor” do RS – o prefeito, juiz e presidente do *cabildo* da maior das cidades de então, São Miguel das Missões. Como as demais cidades, cobiçada, caluniada e mal vista ao mesmo tempo por dois impérios, cidade guarani-cristã já há diversas gerações. Sepé era cristão católico de terceira geração. “Facho de luz”, em uma narrativa pascal como as que se encontram nos textos evangélicos, ele foi estabelecido anjo da guarda de um povo inspirado em seu próprio patrono celeste, São Miguel, e que por isso contava com Deus: A referência de sua missão até a luta trágica foi Deus e seu Arcanjo Miguel, “que deram essas terras ao seu povo” segundo a convicção religiosa dos guarani cristãos. Por isso só eles – Deus e seu Arcanjo - poderiam deserdar os filhos desta terra. Esta afirmação conservada na memória narrativa revela a convicção e a motivação que consumou sua missão e sua “caridade política”(EG 205). A partida de São Sepé liderando seus companheiros para a defesa da vida do povo dessas cidades tem algo da partida de Jesus para Jerusalém à frente de seus discípulos, ao encontro inevitável de um embate de deuses: o Deus do Reino do direito e da justiça em confronto com um deus do poder imperial português e espanhol, vampiros e sacrificadores sob o manto do sagrado cristão. Seu nome ligado ao “facho de luz” de sua testa que, “enquanto seu corpo cai na terra, sobe aos céus e toma posição” (Simões Lopes Neto), é luz brilhante e orientadora: tem um claro recurso à narrativa pascal, semelhante ao recurso com que os evangelistas contam as aparições brilhantes de Jesus. É, portanto, a narrativa da paixão, morte e ressurreição de um cristão guaraní, proto-gaúcho, mártir ao lado dos três jesuítas mártires em meio aos mal-entendidos e injustiças da história, gaúcho diante do qual todo gaúcho está em dívida. Ele agora continua vigilante e protetor do povo que vive desguaritado pelos poderes da sociedade gaúcha, santo do povo sem importância e invisível aos olhos das classes bem sucedidas. É o santo protetor da “opção preferencial pelos pobres” na história desta terra.

A memória dos sete povos missioneiros encontra-se de forma dolorosa e trágica como um *paraíso perdido* na visão sombria de Érico Verissimo, em sua trilogia *O tempo e o vento*, na figura originária de Pedro Missioneiro, que carrega na dispersão da catástrofe um crucifixo quebrado e um punhal, queda original e expulsão do paraíso no destino paradoxal do RS, no qual o crucifixo se mantém discreto sob o cuidado da linhagem de mulheres de geração em geração enquanto os homens manejam o punhal, depois a arma de pólvora e o revólver num Rio Grande belicoso de identidade inquieta.

Nessa recuperação de memória e dignidade originária, resistente, escondida e envergonhada pela cultura dominante, voltando a Simões Lopes Neto, na mais bela narrativa gaúcha - o “Negrinho do Pastoreio” - ele evoca em uma frase, numa preciosa interpolação da memória, o juiz da carreira de cancha reta em que começam as desgraças do negrinho representante de toda uma população escrava sob o peso das charqueadas: o juiz que sentencia honestamente, ainda que ele mesmo esteja entre os perdedores da aposta, “era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiarajú, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo” (sic, no original).É assim, pelos rastros da cultura popular, das denominações, da literatura de fundo oral, que o povo reconhece o “rastro das almas” (Coelho Neto), e sabe por uma conatural empatia a respeito da santidade e do valor de pessoas que se tornaram seus reais heróis, sem o triunfalismo da história dos vencedores: *gloria victis*, ainda que nas catacumbas verdes da pampa gaúcha*.* Por isso o povo simples do RS já tem como santo, com seus cânones de *sensus fidei* e seus critérios de santidade e de martírio: São Sepé combateu pela vida do povo e deu a sua própria vida por isso, que não pode ser em vão, porque é de Deus, igual a Jesus. E, com lógica pascal, oposta à lógica do mundo e por isso escândalo e pedra de tropeço tornada pedra angular, testemunha que o impossível dos homens é possível de Deus: *Quem como Deus?* Ele combateu o bom combate.

São Sepé, como já foi mencionado, tem elementos lendários como Santo Antônio, São Francisco, Santa Joana D’Arc, São Sebastião, ou mesmo a Virgem Maria em alguns de seus títulos mais belos. Mas isso, ao invés de depor contra sua história ou criar dificuldades, se torna um rastro de busca de interpretação da pessoa de carne e osso que lhe está na origem. A narrativa simbólica exige uma cuidadosa hermenêutica, a mesma que se aplica aos anjos cantando na noite de Belém, a Jesus andando sobre as águas, ao aparecimento de Jesus ressuscitado no cenáculo e no caminho da Galileia: ele é um critério canônico de interpretação da linguagem simbólica que diz mais do que a mera historiografia, linguagem da memória que produz sempre de novo a história dos que não estão contemplados na história dos vencedores. Mas há mais informações históricas sobre a pessoa de Sepé Tiarajú do que do beato Juan Diego, o vidente de Guadalupe beatificado por João Paulo II, por exemplo, ou mesmo de alguns santos do santoral e do martirológio cristão. Sobre ele e sobre os acontecimentos que o envolveram até sua morte, há historiadores contemporâneos ou imediatamente posteriores que dão suas versões dos fatos mas convergem na admiração da virtude de Sepé, reconhecida inclusive por inimigos.[[35]](#footnote-35)

Pode-se facilmente inferir que o incômodo mais ou menos persistente na consideração oficial de sua santidade está também na perturbação que provocam figuras proféticas: morrendo sob os interesses que continuam, essas figuras também continuam, como memória, provocando o incômodo que eles provocaram em seu tempo. Um exemplo muito atual é o beato Dom Oscar Romero, assim como foi no começo da colonização da América a figura de Bartolomeu de Las Casas. Suas memórias continuam a gritar. Aqui se trata da memória do “mais belo florão das missões”, daquele momento histórico incomparável reconhecido até pelo anticlerical Voltaire como “grande triunfo da humanidade”, o melhor momento da evangelização dos povos originários das Américas, que, de resto, foi uma evangelização manchada pelo genocídio e pela escravidão, pelo extermínio cultural e espiritual, diante do qual o papa Francisco, recentemente, como já tinha feito João Paulo II, reiterou pedido de perdão por parte da Igreja.

É importante lembrar que Sepé Tiarajú foi cristão desde seu nascimento, cristão ao menos de terceira geração, com pais e avós católicos, educado com esmero desde criança pelos padres jesuítas da cidade de São Miguel, falando, além de sua língua materna, espanhol e um pouco de latim, demonstrando-se apto a ser eleito, como de fato foi, e confirmado pelos padres, “corregedor” de São Miguel, o que hoje poderíamos interpretar como líder máximo, prefeito, juiz, presidente da câmara – do *cabildo* – e, portanto, realmente encarregado da vida de uma comunidade que abrangia alguns milhares de membros.

José Tiarajú, em sua responsabilidade máxima, sofreu com o seu povo o decreto de desterro ou morte nas negociações do Tratado de Madri, de 1750. O que era uma negociação de fronteiras e benfeitorias para as grandes potências coloniais, para os guarani, fossem eles cristãos católicos e vivendo em paz em suas cidades e em suas terras, nas terras da memória de seus antepassados, tal tratado era decreto de morte de milhares de inocentes. Somente os padres poderiam ainda cogitar que haveria alguma chance, ainda que difícil, na mudança para a outra margem do rio, ainda que soubessem, segundo Escandón, que já não havia terra “realenga” disponível do outro lado. Mas não era assim para os que só conheciam aquelas terras de seus antepassados e na qual tinham todo o seu mundo, inclusive o que tinham de mais sagrado, a sepultura de seus antepassados. Os chefes guarani não podiam aceitar a tergiversação dos missionários, pois isso seria alta traição aos seus povos e às suas responsabilidades. É comovente ler as cartas, hoje disponíveis, dos chefes guarani de cada cidade ao governador de Buenos Aires sobre a reação, o impacto, o pedido sensato de reconsideração, e a forma religiosa, respeitosa, insistente, com clara exposição de motivos indeclináveis, das suas cartas. E, diante da absoluta negativa, a sua firmeza com motivos bem justificados. Eles fizeram como Santo Agostinho: até que tivesse uma alma sob seu cuidado, mesmo com os riscos da invasão bárbara, o bispo devia permanecer.[[36]](#footnote-36) Ou como o beato Oscar Romero: mesmo tendo o convite de Dom Pedro Casaldáliga para vir um tempo ao Brasil enquanto estivesse tão ameaçada a sua vida, decidiu permanecer com seu povo que sofria as arbitrariedades e mortes infligidas pela ditadura. Ou como Ir. Dorothy Stang, o anjo da Amazônia, que preferiu continuar incentivando o povo a se organizar na floresta mesmo sob a ameaça de morte por parte dos grileiros, até ser morta por seus pistoleiros abraçada à Bíblia. Assim o corregedor partiu por primeiro, quando todos os recursos estavam esgotados, para confrontar os dois exércitos que já entravam em suas terras. Tratava-se do último recurso na resistência e na proteção da vida de seus povos, já a única possibilidade em seu horizonte. Mas, segundo documentação portuguesa – e o próprio épico de Basílio da Gama, *O Uraguay* – o líder de São Miguel, em meio às reiteradas tentativas de negociações, apresentou-se para uma última tentativa de dissuasão em Rio Pardo, onde já se encontrava o general Gomes Freire de Andrade com o propósito de tomar as cidades guarani, assim como tinha estado em Santa Tecla para negociar o recuo dos espanhóis. As conversações, logicamente, fracassaram. Ao corregedor e seus companheiros das demais cidades restou o caminho da defesa em total desproporção de forças. Os diversos documentos, espanhóis, portugueses e do Pe. Henis coincidem no essencial da morte de Sepé e do massacre indígena.[[37]](#footnote-37) Escandón descreve o que se encontrou entre os em torno de 1500 guarani abatidos pelos dois exércitos em 10 de fevereiro de 1756, na localidade de Caiboaté, estância guarani da antiga São Gabriel, da missão dos Tapes destruída pelas incursões predatórias dos paulistas: eles tinham, junto a seus corpos perfurados, imagens de crucifixos, os nomes de Jesus, de Maria e dos santos inscritos em papéis, para que os santos de Deus fossem protetores contra os que vinham tornar impossível a vida de suas famílias[[38]](#footnote-38): *Gloria victis!*

Esses fatos mostram em São Sepé um homem que buscou a paz e se encontrou em meio a contradições que decretaram o esmagamento de seu povo, com dois impérios coloniais normalmente em conflito agora unidos para expulsar – este é o verbo afinal utilizado - os guarani destas suas cidades. Em nome de seu povo ele se levanta utilizando a autoridade moral e religiosa que lhe foi ensinada, com a consciência de que aquelas terras eram o espaço de vida dado pelos antepassados, por Deus e por seus santos patronos, cujo dever de consciência era defender, ainda que isso implicasse a morte. Por isso pode ser realmente comparado a Santa Joana D’Arc e São Luís IX, rei da França. Com alguma vantagem e maior clareza do que os dois grandes santos da identidade católica francesa por ser a sua missão mais clara e com menos ambiguidades, inclusive as suas possibilidades e as suas intenções ou os efeitos colaterais mortais das suas ações na dolorosa decisão do mal menor, o uso de armas.

Mas o principal incômodo durante os séculos que se seguiram não se deve ao fato de ser um líder de uma guerra ou de uma cruzada, como foram os santos franceses, pois facilmente se enquadra no que a encíclica *Populorum Progressio* chama de ofensa grave aos direitos fundamentais da dignidade da pessoa e do bem comum que justifica uma insurreição justa (Cf. PP 31 ). O incômodo foi outro: o triunfo da historiografia oficial e a repressão das origens indígenas e da contribuição africana na formação do RS, o “branqueamento” e o silenciamento a respeito da grande massa de descendentes indígenas e africanos que sobreviveram até nossos dias e jazem nas periferias da civilização hegemônica neste sul do Brasil ainda em dívida e má consciência com sua história.

Portanto, o reconhecimento da santidade de São Sepé é um clamor de justiça seja a ele seja aos descendentes do povo por quem ele deu sua vida de forma extrema, com seu sangue, sob o ódio à justiça e sob o triunfo do poder injusto e sanguinário. Trata-se de um gesto de oferta de redenção aos próprios causadores e de todos os que vivemos nesta terra que ainda maldiz Caim por causa do sangue de Abel derramado nela, maldição que se perpetua através da turbulência da identidade gaúcha fragmentada e conflituosa. Trata-se também de um gesto de justiça, ainda que tardia, aos descendentes dos povos originários que até hoje jazem espoliados por nós outros que aqui moramos com má consciência todos esses séculos, reprimindo a verdade da nossa história riograndense.

Como Igreja Católica, trata-se de reconhecer que eles foram católicos antes de nós nesta terra – Tiaraju é de terceira geração de católicos nativos - e que foi um santo católico aquele que deu sua vida por seus irmãos, cumprindo assim o maior mandamento no seguimento de Jesus até a cruz. Por isso, também, trata-se de reconhecer um verdadeiro “mártir” *propter odium justitiae* como foi o próprio Jesus. De fato, jesus só indiretamente foi mártir por causa da sua fé, ou seja, por causa da forma como ele testemunhava Deus em si. Diretamente, foi mártir porque foi executado sob os poderes do seu tempo por causa de sua ação pela justiça do Reino de Deus, por suas opções e suas confrontações.[[39]](#footnote-39) Como Jesus não podia trair sua missão e voltar atrás em Jerusalém, São Sepé não podia trair a sua condição de corregedor e por isso administrador, juiz e defensor político de seu povo em todas as circunstancias, algo que também ocorreu a São Luís ou Santa Joana D’Arc, como já disse, ao se encontrarem em meio a contradições e violência incontornável. E, no entanto, mais transparente do que na complexa ambiguidade em que aconteceram as cruzadas numa das quais morreu o santo que deu fisionomia ao catolicismo francês medieval ou sob os interesses políticos de França e Inglaterra, com os bispos divididos e alcançados pela corrupção de então, no caso de Joana D’Arc. A “caridade política” – expressão que vem acompanhando o ensinamento dos papas desde Paulo VI - se radicalizou em Sepé Tiaraju na exposição de sua vida e em sua morte trágica como máxima figura das missões. Os Estados Unidos, com menos do que isso, tem sua santa indígena e seu santo missioneiro reconhecidos.[[40]](#footnote-40) Aqui há um mártir.

Para a Igreja Católica o processo de reconhecimento de virtudes heroicas e santidade de São Sepé, José - o Tiarajú, certamente será ocasião de uma nova evangelização, de certo modo mais profunda e autêntica por recuperar aspectos que ainda clamam por justiça, pois se trata de segmentos populares indefinidos mas reais e presentes em grandes maiorias, com faces e nomes, que andam em ônibus de periferias, fazem mil trabalhos e serviços subalternos ou – os que ficaram fora - ainda jazem à beira de estradas, eles que, naquele paraíso perdido, na república missioneira, podiam fazer seus trabalhos comunitários, no *Tupãbaê*,cantando, segundo cartas da época. Na cultura e no biótipo gaúcho, além do negro afrodescendente está em grande abundância miscigenado o descendente do indígena originário – é algo tão óbvio no cotidiano social, na antropologia visual do povo rio-grandense, que, exatamente por isso e por mecanismos vários de defesa, não se toma a devida consciência. Em termos religiosos, esse descendente inumerável não consegue se identificar com a Igreja Católica - nem açoriana e nem romanizada das culturas de migração europeia - por razões culturais e até afetivas óbvias. O lugar que atualmente mais lhe acaba correspondendo parece ser o das pequenas comunidades pentecostais, quando, na verdade, nas origens estava já sob o cuidado evangelizador da Igreja Católica e contava com gerações de católicos em cidades pujantes para o período. Em que erramos? Em que continuamos errando? Em que queremos continuar a errar ou afinal acertar?

Seremos capazes realmente de uma honesta e coerente “evangélica opção preferencial pelos pobres”? Essas perguntas vão diretamente ao nosso santo, Sepé Tiarajú: o reconhecimento de sua santidade – servo de Deus e servo do povo de Deus de então – podem ser um sinal de recomeço, a nova e justa evangelização em relação à multidão de gaúchos de descendência indígena que permaneceram calados e envergonhados, *desidentificados* de nossa Igreja que os ignorou e deve-lhes justiça e oportunidade de voltar à alegria do evangelho e da comunidade eclesial com seus rostos, sentimentos e cultura. Não é suficiente, como advertiu o descendente missioneiro Pedro Ortaça, cuidar dos monumentos como fonte de turismo e de memória, embora o turismo religioso seja hoje uma ocasião preciosa de evangelização. É que há descendentes do povo de São Sepé clamando reconhecimento, estima e pão.[[41]](#footnote-41) Os 260 anos da morte de Sepé Tiarajú podem ser uma oportunidade de recomeço, de conversão, de nova evangelização. E pode ter como eixo estimulante o interesse pelo processo de reconhecimento de um grande cristão que deu sua vida por seus irmãos nas origens do RS sob o embate de dois impérios unidos contra o povo originário, líder cristão e sinceramente católico, dizimado e calado pelos canhões de reinos equivocadamente cristãos e católicos.[[42]](#footnote-42) Dele poderemos ganhar um passo importante de redenção da unidade na diversidade superando as exasperações dos confrontos que nos tornam continuamente duais e conflituosos, e absolvidos pela vítima, poderemos ainda nos orgulhar se fizermos agora o nosso dever, se retirarmos os equívocos e injustiças, redimindo assim os nossos próprios antepassados. Reconhecer a santidade não acrescenta nada ao santo, mas se torna um grande benefício à fraternidade universal na comunhão dos santos para a qual Jesus derrubou toda fronteira de raça, língua, nação, etc.

Além disso, desde a primeira Romaria da Terra, justamente na data da morte de Sepé Tiarajú, sete de fevereiro, e na terra de sua Páscoa, em São Gabriel, e que teve a participação ativa de dois grandes bispos-profetas – Dom Tomás Balduíno e Dom Pedro Casaldáliga - a memória de São Sepé, o Tiarajú, não cessou de infundir uma mística típica de Reino de Deus para o movimento social, popular e religioso ao mesmo tempo. Revela-se um potencial enorme de agregação de energias de fé e esperança em busca de uma vida justa segundo os desígnios divinos para o povo de nossa região, a começar pelos mais “pequeninos”, como convém.

Por isso, PROPOMOS A POSTULAÇÃO do processo de reconhecimento de santidade através do título de “Servo de Deus” por parte da Diocese que atualmente corresponde à região das cidades de São Miguel das Missões e de quase todas as demais cidades missioneiras que sofreram o horror da guerra dos impérios contra elas, a diocese de Santo Ângelo, com seu bispo e seu povo cristão de hoje. Propomos que o pedido seja dirigido ao bispo de Santo Ângelo para que possa pedir o *nihil obstat* à Congregação para a Causa dos Santos em Roma e possa constituir a comissão adequada para receber e examinar a documentação disponível,[[43]](#footnote-43) os testemunhos da tradição a seu respeito e apreciações teológicas, além da nomeação de postulador em nível de diocese, segundo o que julgar mais conveniente conforme as normas da Igreja.

Seguem assinaturas e anexam-se listas de assinaturas:

# ANEXO B

**Santo, ainda que tarde![[44]](#footnote-44)**

**Relatório do percurso e do estado atual da Petição de reconhecimento de santidade de José (Sepé) Tiaraju, o São Sepé.**

Aos assinantes da Petição – autoridades civis, presbíteros, acadêmicos, Povo de Deus, bispo de San Juan Bautista de las Misiones/Paraguay, Mons. Mario Melanio Medina,

Transcorridos praticamente três anos, é tempo de dar notícia do processo e da situação em que se encontra a nossa petição de reconhecimento da santidade de Sepé Tiaraju, o São Sepé. Vamos aqui fazê-lo através da linha do tempo e com os documentos anexos ao final.

- Uma vez colhidas as assinaturas em número abundante e representativo – prefeitos e vereadores, ex-governador (São Sepé foi autoridade municipal), acadêmicos em literatura e história, presbíteros de diversas dioceses e de congregações, o bispo Dom Mario Melanio Medina, homens e mulheres que amam o povo do RS – essas assinaturas foram entregues por Irmão Antônio Cechin, pelo governador Olívio Dutra, pelo pesquisador José Roberto de Oliveira, pelo Pe. Alex Kloppenburg representando a Diocese de Bagé - região em que tombou Sepé Tiaraju - e pelo padre jesuíta Antônio Betancor, à Diocese de Santo Ângelo, diocese missioneira, reunida com seu bispo em assembleia no dia 10 de novembro de 2015. Nessa petição se pedia ao bispo que encaminhasse a Roma, à Congregação para a Causa dos Santos, conforme as normas, a concessão de *Nihil Obstat* para dar início à fase diocesana do processo, a “Instrução” ou o “inquérito” diocesano.

- No dia 27 de novembro houve uma troca de e-mails entre Frei Luiz Carlos Susin, que não conseguiu estar presente no dia 10 de novembro, e o bispo diocesano de Santo Ângelo, com algumas explicações práticas conseguidas junto à Congregação da Causa dos Santos em Roma. Dom Liro respondeu esclarecendo que estava se informando na diocese e iria colocar a petição seja no Conselho Presbiteral seja na reunião dos bispos do RS. Mas que isso só seria possível no começo do ano seguinte.

- O assunto foi acolhido na pauta da reunião dos bispos do RS. Alguns bispos hesitaram ou se mostraram céticos em relação ao sucesso do processo. A principal objeção seria a falta de elementos históricos. Pode-se compreender tal hesitação pelo fato do desconhecimento a respeito de detalhes do assunto por parte dos bispos que lideraram este ponto de vista. O mais importante, porém, é que não se opuseram a que se iniciasse o processo.

- Já no seio do Conselho Presbiteral da diocese de Santo Ângelo houve resistências e objeções. Mais tarde, em julho, Dom Liro as recolheu e se dirigiu ao Frei Luiz Carlos Susin e ao Irmão Antônio Cechin em carta. Pelo teor da carta, ela foi dirigida a estes dois destinatários. Foram tomadas então duas decisões: 1. Responder fraternalmente a cada questão da carta, que agora aqui vai em anexo para uma compreensão do que esteve em discussão, até porque a intenção desta resposta era ser uma carta aberta. Ela não foi, porém remetida porque nesse ínterim Irmão Antônio veio a falecer quase repentinamente, um ano depois da entrega da petição em Santo Ângelo. 2. Com a petição devolvida, e com ela em mãos, a segunda decisão: ir ao encontro do bispo Dom Gílio Felício, de Bagé, que é a outra diocese natural em que se pode recorrer por ter-se dado a morte de Sepé Tiaraju em espaço que agora é diocese de Bagé. Um pouco antes do Natal de 2016, depois do falecimento de Ir. Antônio Cechin, Frei Luiz Carlos Susin se encontrou em Bagé, de fato, com Dom Gílio e com Pe. Alex Kloppenburg, e entregou a petição no espaço de uma longa conversa de esclarecimentos. O bispo se mostrou muito receptivo e positivo.

- Em fevereiro de 2017, Dom Gílio viajou a Roma e, com a petição em mãos, encontrou-se com as autoridades da Congregação para a Causa dos Santos. No dia 16 de fevereiro a Petição foi assentada e protocolada na Congregação (Cf. anexo, email do secretário, Fr. Vincenzo Criscuolo a Fr. Luiz Carlos Susin).

- No dia 24 de abril de 2017 foi expedido documento com assinatura do Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, Cardeal Ângelo Amato, e do secretário da Congregação Marcello Bartolucci, afirmando que, uma vez examinada a petição, autorizava-se o processo de reconhecimento de santidade de “Iosephus Tiarajú” (O documento, em latim, está em anexo digitalizado, juntamente com a tradução em outro anexo).

- A razão de somente agora, depois de ano e meio, dar a conhecer este bom começo foi o problema de saúde de Dom Gílio que, infelizmente, começou a afetar sua memória. O que veio a afetar também a recepção e a localização do precioso documento. Decorrido certo tempo, frei Susin buscou informação junto ao seu confrade na Congregação, que confirmou a expedição do documento com as datas precisas. Mas todas as buscas, diligentes e cuidadosas, junto aos papéis de Dom Gílio, tinham sido frustradas. A dificuldade cresceu com a renúncia de Dom Gílio, devida ao seu estado de saúde.

**- Hoje, porém, o Administrador Diocesano, Pe. Alex Kloppenburg, deu a boa notícia do encontro do documento latino aqui anexo. O modo de celebrar o achado é esta comunicação a todos que estão interessados, que simpatizam e, sobretudo, aos que assinaram a Petição.**

- Para dar prosseguimento, agora, há alguns passos a serem dados: 1. Quando for nomeado o novo bispo da diocese de Bagé, na ocasião oportuna, será necessário colocar o novo bispo a par de todos os eventos ocorridos até agora. 2. Será necessário definir com toda clareza quem é – pessoa, grupo ou instituição (diocese?) – que assume a figura de “Autor” e a quem é confiado a importante figura de “Postulador” da causa. 3. Seguir os passos do documento *Sanctorum Mater*, que se encontra no site do Vaticano, link da Cúria, Congregação para a Causa dos Santos. Ali, por exemplo, se orienta a criação de uma comissão de juízes, historiadores, notário, etc. na fase de inquérito diocesano, modos de entrevistas, investigações, etc.

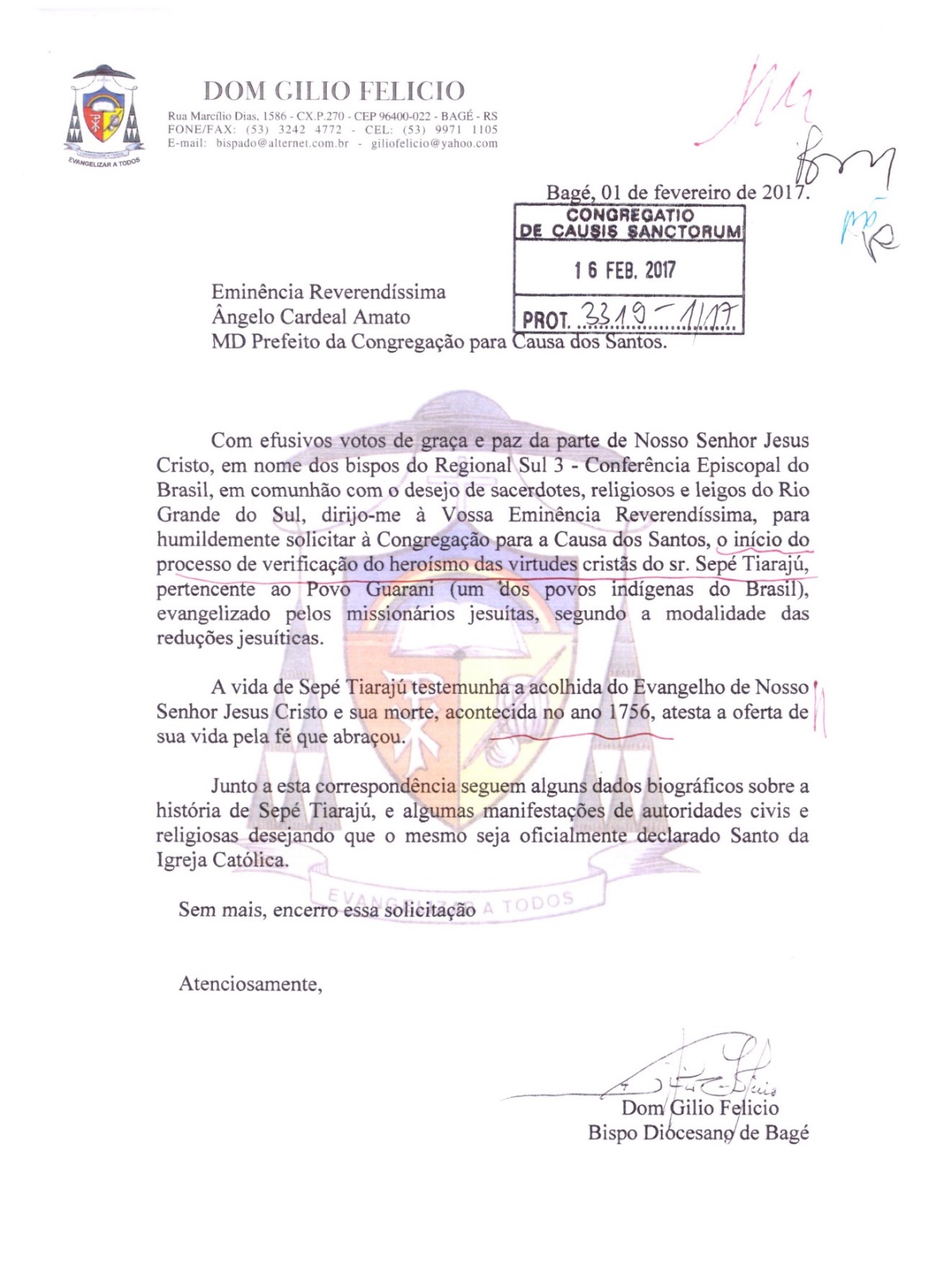
- Conforme esclarecimento provindo da Congregação (cf. email para fr. Luiz Carlos Susin em anexo), não há necessidade de terminar o inquérito diocesano para que se possa invocar São Sepé como “Servo de Deus”, mas desde que, por parte do bispo diocesano, é dirigido o pedido de autorização - o *Nihil Obstat* - à Santa Sé, ele já pode ser invocado como “Servo de Deus”, o primeiro título de reconhecimento de santidade. Embora seja normal que os que o invocam na verdade o reconheçam desde o começo como “santo”: São Sepé! Santo de cara e valor de índio, santo gaúcho, “protogaúcho”. Como disse Paixão Côrtes, que há pouco nos deixou: “Gaúcho é um estado de espírito”. Sepé Tiaraju, São Sepé, é a figura desse estado de espírito gaúcho por excelência, já reconhecido e já “canonizado” santo: cânon e medida que une a terra gaúcha aos céus, a paisagem do pampa à sua estrela, a simplicidade dos gaúchos à grandeza da alma heroica que deu a vida por seu povo. Santo, ainda que tarde!

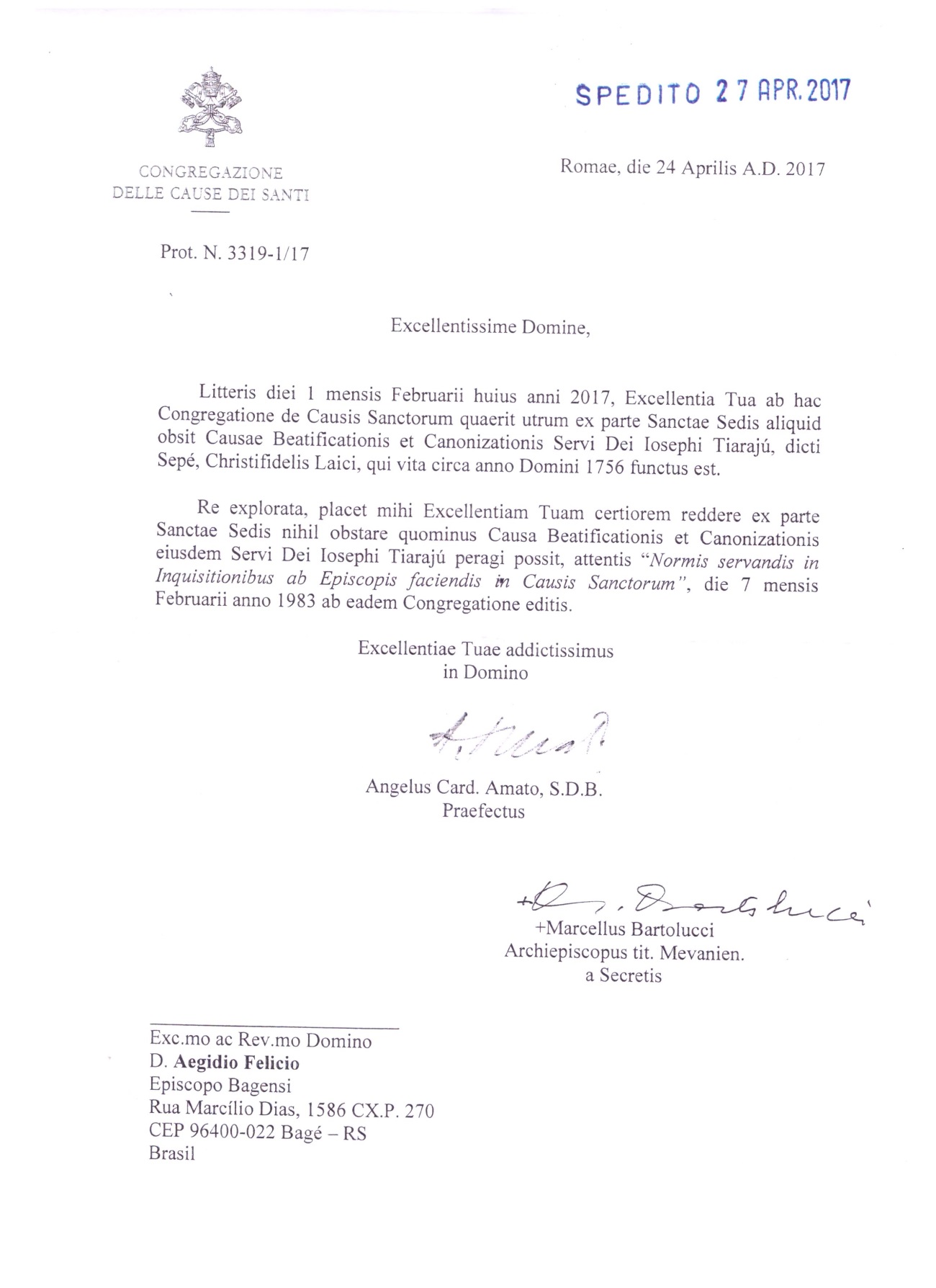
Porto Alegre, 18 de setembro de 2018.

Susin Assinatura I

Frei Luiz Carlos Susin

**Nota: seguem quatro anexos.**





***NIHIL OBSTAT* DE ROMA À CAUSA DE SÃO SEPÉ**

**(JOSÉ TIARAJU, chamado SÃO SEPÉ)**

**Roma, 24 de abril de 2017**

**(TRADUÇÃO LIVRE)[[45]](#footnote-45)**

Roma, 24 de abril A.D. 2017

Protocolo N. 3319-1/17

Excelentíssimo Senhor,

Em carta do dia 01 de fevereiro deste ano de 2017, Vossa Excelência pede se desde esta Congregação para a Causa dos Santos, da parte da Santa Sé, há algum impedimento à Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus José Tiarajú, dito Sepé, leigo cristão, que morreu no ano do Senhor de 1756.

Estudado o assunto, apraz-me notificar em resposta a Vossa Excelência, de parte da Santa Sé, nada obstar (“nihil obstare”) que em relação à Causa de Beatificação e Canonização do mesmo Servo de Deus José Tiarajú se possa realizar o processo, dando atenção às “*Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos*”, documento publicado pela própria Congregação em 7 de Fevereiro de  1983.

De Vossa Excelência devotado no Senhor,

Ângelo Card. Amato, S.D.B. – Prefeito

+Marcello Bartolucci, Arcebispo titular de Mevanien – Secretário

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Ao Exc.mo e Rev.mo Senhor

Dom Gílio Felicio

Bispo de Bagé

**(Email explicativo. Original italiano, embaixo a tradução)[[46]](#footnote-46)**

Fr. Caro Luiz Carlos,

il titolo di Servo di Dio si dà appena parte la Causa, cioè appena perviene al Vescovo la richiesta di procedere all'Inchiesta diocesana da parte del Postulatore, che già può qualificare la persona che propone come Servo di Dio, quindi prima che il Vescovo chieda alla Santa Sede, cioè al Cardinale Prefetto della Congregazione delle Cause dei Santi, il nihil obstat per l'Inchiesta.

Ho controllato il Protocollo del Dicastero. La richiesta per il nihil obstat per l'Inchiesta diocesana per José Tiarajù detto Sepé (il cui numero di protocollo è 3319) è stata inoltrata il 16 febbraio 2017; da parte della Congregazione il nihil obstant è stato concesso il 24 aprile 2017. Questo significa che il vescovo può già istruire di sua autorità l'Inchiesta diocesana seguendo la normativa riportata nella "Sanctorum Mater". Quando l'Inchiesta in diocesi è terminata, gli atti vengono inviati a Roma, e quindi comincia la fase romana della Causa. Questo il percorso che deve essere fatto.

Ti auguro ogni bene, sia per la Causa, sia per la tua attività e per tutta la tua vita.

Fr. Vincenzo

**(Tradução)**

Frei Luiz Carlos,

O título de Servo de Deus se dá assim que a Causa começa, ou seja, assim que chega ao Bispo o pedido para realizar o Inquérito diocesana por parte do Postulador, que já pode qualificar a pessoa que propõe como ***Servo de Deus***, portanto antes que o Bispo peça à Santa Sé, ou seja, ao Cardeal Prefeito da Congregação da Causa dos Santos, o *nihil obstat* para o Processo.

Verifiquei o Protocolo do Dicastério. O pedido para o *nihil obstat* para o Inquérito diocesano para José Tiarajú, chamado Sepé (cujo número de protocolo é 3319 / 24.04.2017) foi assentado em 16 de fevereiro de 2017. **Por parte da Congregação, o *nihil obstat* foi concedido no dia 24 de abril de 2017.** Isso significa que o Bispo pode já instaurar com sua própria autoridade o Inquérito diocesana seguindo a normativa relatada na *Sanctorum Mater* (Cf. site Vatican.va, Congregação para a Causa dos Santos – n/t.). Quando o Inquérito na diocese está terminado, os atos são enviados a Roma, e então começa a fase romana da Causa. Este é o percurso que deve ser feito.

Desejo-te todo bem, seja para a Causa, seja para a tua atividade e para toda a tua vida.

Frei Vincenzo.

**(Esta carta não foi enviada porque um dos dois remetentes, Ir. Antônio Cechin, faleceu alguns dias depois, quase repentinamente. Ao invés disso, foi decidido passar o pedido diretamente ao bispo de Bagé, Dom Gílio, o que foi feito em dezembro de 2016. O bispo entregou pessoalmente à Congregação para a Causa dos Santos em Roma em fevereiro de 2017, e recebeu o *Nihil Obstat* em abril de 2017.)**

Porto Alegre, 29 de outubro de 2016[[47]](#footnote-47)

Estimado Dom Liro Vendelino Meurer – Bispo Angelopolitano,

Estimados membros do Conselho de Presbíteros da Diocese Angelopolitana,

Paz e Bem!

Com fraterna saudação queremos obsequiosamente responder às perguntas que nos foram dirigidas em carta de 18 de julho deste ano de 2016, que, por sua vez, foi resposta à petição de encaminhamento de reconhecimento de santidade de São Sepé, encaminhado no dia 10 de novembro de 2016. Entendemos que o tempo longo ajuda a pensar melhor, mas também pensamos que as perguntas merecem o obséquio da uma nossa palavra. A carta que recebemos foi dirigida “aos que pedem a beatificação de Sepé Tiaraju”, e como puderam ter em mãos, trata-se de uma pequena multidão de requerentes: prefeitos de diversos municípios (de São Gabriel, de Santa Maria, municípios missioneiros...), vereadores, deputados, o presidente da associação de municípios missioneiros, o ex-governador Olívio Dutra, (dado o fato de que São Sepé é padroeiro dos prefeitos, portanto santo da “caridade política”), acadêmicos de diversas universidades (entre os quais, o historiador e literato Alcy Cheuiche), pesquisadores, padres de diversas dioceses do RS, inclusive o bispo de San Juan Bautista de las Misiones/Paraguay, Mons. Mario Melanio Medina, e listas de leigos e leigas catequistas, pastoralistas, etc, etc.

Num primeiro momento entendemos que a carta em que Dom Liro reporta a resposta em forma de perguntas do Conselho Presbiteral e da conversa dos bispos reunidos deveria ser transmitida a todos os que fazem o pedido, até porque de diferentes assinantes nos chegam perguntas sobre o destino do pedido. Mas não nos parece ser o tom da carta, e por isso precisamos nós também fazer uma nova pergunta: devemos passar adiante esta carta ou podemos esperar outra para dar alguma satisfação aos que assinaram?

Agradecemos a análise do Conselho de Presbíteros e suas considerações. Há perguntas que provieram desta análise. E agradecemos especialmente a Dom Liro por ter levado o assunto aos bispos do RS, pois de fato o assunto interessa a toda a Igreja do RS. Dessa reunião provém outras perguntas. Não nos cabe propriamente “resolver” e menos ainda refutar, mas ao responder as perguntas que nos foram dirigidas, o que podemos fazer é refletir e aprofundar, buscar compreender para dar outro passo num caminho tão esperançoso.

1. Sobre se os índios foram consultados, se eles querem o reconhecimento da santidade de Sepé, cabem aqui duas reflexões:

a) Se por “índios” se entendem as comunidades guaranis que ainda conservam um pouco do seu modo de vida, sua língua e *sua própria religiosidade* *ancestral*, então é claro que se necessita respeitar o fato de que não são propriamente católicos, e seria um absurdo ir perguntar a eles ou esperar que eles queiram ou não queiram. Seria algo parecido a perguntar aos cristãos valdenses italianos se eles queriam ou não a canonização do também italiano Pe. Pio de Pietrelcina pelo simples fato de serem italianos como o Pe. Pio. Ou se os judeus queriam ou pediam a canonização de Edith Stein. São Sepé era um guarani cristão, católico, já de terceira geração. Cabe bem aos católicos pedirem o católico reconhecimento. Mesmo assim é nossa constatação de muitos anos que essas comunidades guaranis, quando tomam conhecimento a respeito de São Sepé, assumem com orgulho e autoestima a sua causa enquanto guarani. Grupos guarani costumam ir a São Gabriel todo dia 07 de fevereiro para homenagear Sepé Tiaraju. Ou seja, tudo o que exalta São Sepé lhes faz bem!

b) Se por “índios”, ao invés, como esperamos que esteja esclarecido em nosso texto de justificação da petição, nos referirmos, como de fato o fizemos, a alguns milhões de gaúchos - entre os mais de dez milhões que somos - que portam em seu corpo e sangue, em seu psiquismo profundo, em sua cultura e relações afetivas, a descendência indígena mestiçada com outras origens, mas que por efeito já comprovado pela antropologia – de que justamente o que é reprimido é também o que mais determina a identidade resistente em seu modo de vida -, então não estamos falando somente de um Olívio Dutra ou de um Pedro Ortaça ou Noel Guarany, descendentes mais notáveis, mas do fato de alguns “milhões” dos que chamamos às vezes “pelo duro” ( embora pejorativo, “pelo duro” indica a *resistência* cultural indígena que lhe está na raiz, como se disse acima)... na verdade são os atuais *gaúchos peões* sobretudo nas periferias das cidades, nas paradas de ônibus, e basta olhar ao redor: são *alguns milhões*! Quem são estes milhões de gaúchos em termos *religiosos*? Já foram mais ou menos católicos até por força das circunstâncias. Muitos estão entre os “sem religião” no sentido institucional, mas as igrejas pentecostais estão acolhendo, soerguendo seu modo de ser e sua estima como evangélicos, basta ver ao redor. Nós, de origem açoriana, alemã, italiana, polonesa, não temos nenhuma liderança para a evangelização com estes milhões de gaúchos – mas São Sepé sim! Nosso texto de justificação trata de forma mais extensa estes aspectos, e gostaríamos que fosse revisitado até porque a pergunta nos dá a impressão de não termos sido entendidos ou talvez não tenhamos sido lidos naquele texto.

2. As perguntas sobre quem poderia se dedicar com tempo integral à causa do reconhecimento da santidade e sobre os custos: são detalhes que podem ser vistos num segundo momento, mas que, na intenção de adiantar questões práticas, foram tocadas num e-mail de Frei Luiz Carlos Susin (aqui, redator principal desta carta) dirigido a Dom Liro e gentilmente respondido por ele, tudo no mesmo mês de novembro passado. Lá se falou do contato com o secretário encarregado dos relatórios no dicastério romano e suas explicações. Em síntese, a fase diocesana certamente não exige tal dedicação integral, nem custos elevados. Ao contrário, a fase diocesana é bem simples, e no email já tínhamos sugerido os conselhos de quem tem prática no assunto, Dom Ângelo Salvador. Segue o email em anexo a esta carta. Se a causa não fosse além da fase diocesana ou se fosse muito lentamente, isso não tem importância agora: importante é começar e realizar as tarefas iniciais bem simples. Se a diocese faz bem a sua parte e se reconhece, por parte da Igreja, São Sepé como “Servo de Deus”, temos um enorme passo! Em nosso pedido evitamos continuamente a palavra “canonização”, pois o reconhecimento da santidade tem diversos passos, e não precisam ser cumpridos todos em uma única geração. Mas agradecemos o realismo das palavras: “Na diocese não temos ninguém preparado para assumir uma causa de canonização”. Em nosso entender, como já escrevemos no email, é suficiente um padre entusiasmado pela causa, eventualmente cercado por um grupo de cristãos católicos. Este padre pode recorrer a tantas outras pessoas que estão disponíveis como voluntárias, peritos em história, em teologia, em antropologia religiosa, em movimento popular Rio Grande afora, gente interessada. O conhecimento, o investimento de tempo e de custos virá gradativamente com o tempo e a colaboração, mas a experiência nos mostra que isso é simples, não é problema. O entusiasmo sim, este é problema ou solução. No caso, Dom Estanislau Kreutz foi um belo exemplo. Reconhecemos que não podemos forçar, pois entusiasmo e inspiração para se dedicar é ação do Espírito, e respeitamos os limites confessados. A nossa esperança é que talvez a confissão seja também uma conversão, porque não? Alguém pode reconsiderar e querer tomar a peito, inspirado por um zelo pastoral em relação ao povo simples do Rio Grande do Sul ferido em sua identidade e justiça.

3. Ficamos felizes em saber que os bispos do Rio Grande do Sul, unanimemente, não são contrários à possibilidade de um processo de reconhecimento de santidade de São Sepé. Tanto quanto buscamos compreender as questões, elas sugerem que boa parte dos senhores bispos não teve acesso ao texto de justificação, até porque de fato não se dirigiu a todo o episcopado. Por isso repetimos aqui em síntese, quanto às questões levantadas: sobre quem seria o autor do pedido, a causa da santidade, elementos históricos, ampliação dos estudos, abrangência.

a) Em primeiro lugar o autor do pedido: o que se precisa clarissimamente é de “um bispo”, é o bispo o autor do pedido oficial a Roma, e é isso que fizemos, nos dirigimos a um bispo para que seja autor. Nosso parágrafo final do texto de petição parece claro e correto dirigindo-se a um bispo para que ele seja o que encaminha, e, segundo as normas, é ao bispo que qualquer cristão católico ou mesmo qualquer pessoa pode dirigir-se, e a ele, ao bispo, compete acolher ou não, e encaminhar. Não podemos absolutamente sermos nós, os assinantes que se dirigem ao bispo. Porque o bispo de Santo Ângelo, se São Sepé foi morto na região que agora pertence à diocese de Bagé, sendo o bispo de Bagé o primeiro candidato segundo as normas? Porque há esta possibilidade nas normas, a de onde sua vida mais transcorreu e “tem maior significado”. Pensou-se justamente e logicamente a diocese “missioneira” com seu bispo, inclusive como uma oportunidade sem igual para a evangelização missioneira, lá onde há testemunhos missioneiros, cultura missioneira, etc.

b) Sobre a causa da santidade: no texto de justificação da petição se diz de forma mais extensa, mas em síntese se trata de caridade política com fundamento religioso que pagou com a vida e seguiu o Cordeiro inocente na fidelidade até o fim em meio às contradições da violência cometida pelos impérios contra os povos guaranis católicos. Sua santidade é mais clara do que a de São Luís Rei, de Santa Joana D’Arc, do recente beato Frei Junípero da Califórnia. Suas tentativas pacíficas, seu discernimento e estratégia do menor estrago possível, sua fama testemunhada pelos demais companheiros e cravada nos textos contemporâneos. Enfim, há boa literatura sobre isso, além da fama permanente através de sinais por todo o RS, o que, segundo o secretário do dicastério romano, é um dos melhores indícios.

c) Sobre se há suficientes elementos históricos e a ampliação dos estudos, é evidente que há literatura suficiente, algumas testemunhas contemporâneas absolutamente confiáveis, sobretudo dois jesuítas nomeados no texto de justificação e petição – Pe. Escandón e Pe. Henis – textos ao alcance, além de outros textos citados. Há historiadores de diferentes épocas com diferentes métodos, e alguns nossos contemporâneos. A figura é mais histórica do que muitos santos com menor documentação, inclusive recentemente beatificados, como o beato Juan Diego, de Guadalupe. Mas é claro que a literatura e a lenda fazem parte da vida dos santos em geral. Por isso a necessidade de compreender a função das narrativas e da simbolização popular, dos símbolos e ritos próprios das culturas que são vencidas, subalternas, mas resistentes, portanto estudos de antropologia – tudo isso existe de forma suficiente. Evidentemente se deve ampliar, como se diz a partir das observações dos bispos, mas isso é o que estamos também desejando para o devido tempo do processo. Não se pode aceitar o pedido inicial como se tudo já estivesse concluído, isso seria pedir demais para o começo. Depois da aceitação e encaminhamento por parte do bispo, então se convoca historiadores, antropólogos, etc. e certamente o RS tem recursos competentes e voluntários mais que suficientes. Na lista de assinaturas já estão alguns nomes, mas primeiro o bispo.

d) O assunto não se restringe a uma diocese, de fato, e interessa a todo o RS. Mas há um epicentro “missioneiro” que se supõe que tenha entusiasmo para liderar e recuperar a importância histórica de uma história com origens santas, o sonho de um paraíso nas origens do RS, mas cujos sinais de santidade ainda tem luz e calor sob as cinzas do RS real e belicoso, segundo Érico Veríssimo e outros que pensaram e pensam as contradições da identidade gaúcha. Claro que se pode pensar em São Gabriel e por isso a diocese e o bispo de Bagé. Então, permita-nos o bispo de Santo Ângelo e o Conselho Presbiteral que perguntemos com toda delicadeza: porque deixariam passar esta oportunidade única de evangelização através de um bem possível sinal de Deus, já suficientemente comprovado? Estaria na confissão de que “na diocese não temos ninguém preparado para assumir uma causa de canonização”, mas que talvez tenha sido o mesmo susto que os profetas e até Maria tiveram diante da sua parte na missão? O mensageiro divino normalmente foi insistente, explicou melhor para que a aceitação e o desígnio se cumprissem. Depois de meditada a justificação da petição, gostaríamos que esta carta significasse a mesma insistência explicativa do anjo a Maria. Com a esperança de que possam reconsiderar e entusiasmar alguém que lidere o movimento que é nosso, de todo o RS, mas que precisa de um líder que seja possivelmente diocesano, sob a caneta do bispo.

Por ora retemos o dossiê da petição com todas as assinaturas, mas sempre disponíveis a remeter novamente para as eventuais novas considerações. Certos da amabilidade de um bispo que é também irmão, e dos demais irmãos no presbiterado, aqui ficamos, atentos e disponíveis, na espera de nova palavra em nosso diálogo à luz de tão grande cristão já justamente apelidado de santo, São Sepé,

Irmão Antônio Cechin

Frei Luiz Carlos Susin

# ANEXO C

**Release para imprensa[[48]](#footnote-48)**

**Vaticano dá sinal verde para o reconhecimento da santidade de Sepé Tiaraju.**

Ele já é santo na devoção popular – “São Sepé” – mas como guarani cristão e católico, morto na defesa do seu povo contra dois impérios, ele merece também figurar nos altares das igrejas. Já é reconhecido como herói guarani missioneiro rio-grandense e herói da pátria brasileira enquanto defensor da dignidade de um povo que é brasileiro, e defensor até a morte. Sem separar política e religião, o povo que guarda a sua memória já o chama de “santo”. Falta a Igreja Católica reconhecer oficialmente.

Mas isso já pode ser remediado. O bispo de Bagé, Dom Gílio, tendo levado a Roma as razões e as assinaturas de mais de uma centena de autoridades políticas, de padres, de intelectuais das diversas áreas, recebeu o “*Nihil Obstat*” do Vaticano, ou seja, via livre e sem objeções para começar o processo de reconhecimento oficial da santidade de nosso índio *protogaúcho*. E junto veio o esclarecimento: ele já pode ser aqui invocado como “Servo de Deus”, primeiro passo no processo que leva à “beatificação” e depois à “canonização”.

Sepé Tiaraju foi morto sob Espanha e Portugal nas terras guaranis em que hoje está a cidade de São Gabriel, portanto diocese de Bagé. Esta a razão pela qual o bispo de Bagé acolheu as assinaturas e se tornou o agente deste primeiro passo junto à Congregação para a Causa dos Santos, do Vaticano. É ainda o começo, mas é um bom começo.

Mais informações com o Administrador da Diocese de Bagé, Padre Alex Kloppenburg (celular 53.999642503) e/ou com o professor de teologia Frei Luiz Carlos Susin (celular 51.999742391)

# ANEXO D

**Servo de Deus Sepé Tiaraju – Oração[[49]](#footnote-49)**

Senhor, Santo e fonte de santidade, vós nos chamais à santidade pelo caminho do amor e da entrega generosa de nossas vidas aos irmãos. Concedei ao vosso servo Sepé Tiaraju, cristão e filho vosso, que entregou sua vida até a morte dolorosa em defesa de seu povo e da justiça, a glória do reconhecimento de sua santidade exemplar para todo o povo cristão. Amém.

(Aprovado em 16.08.2019 por Dom Frei Cleonir Paulo Dalbosco – Bispo Diocesano de Bagé, RS)

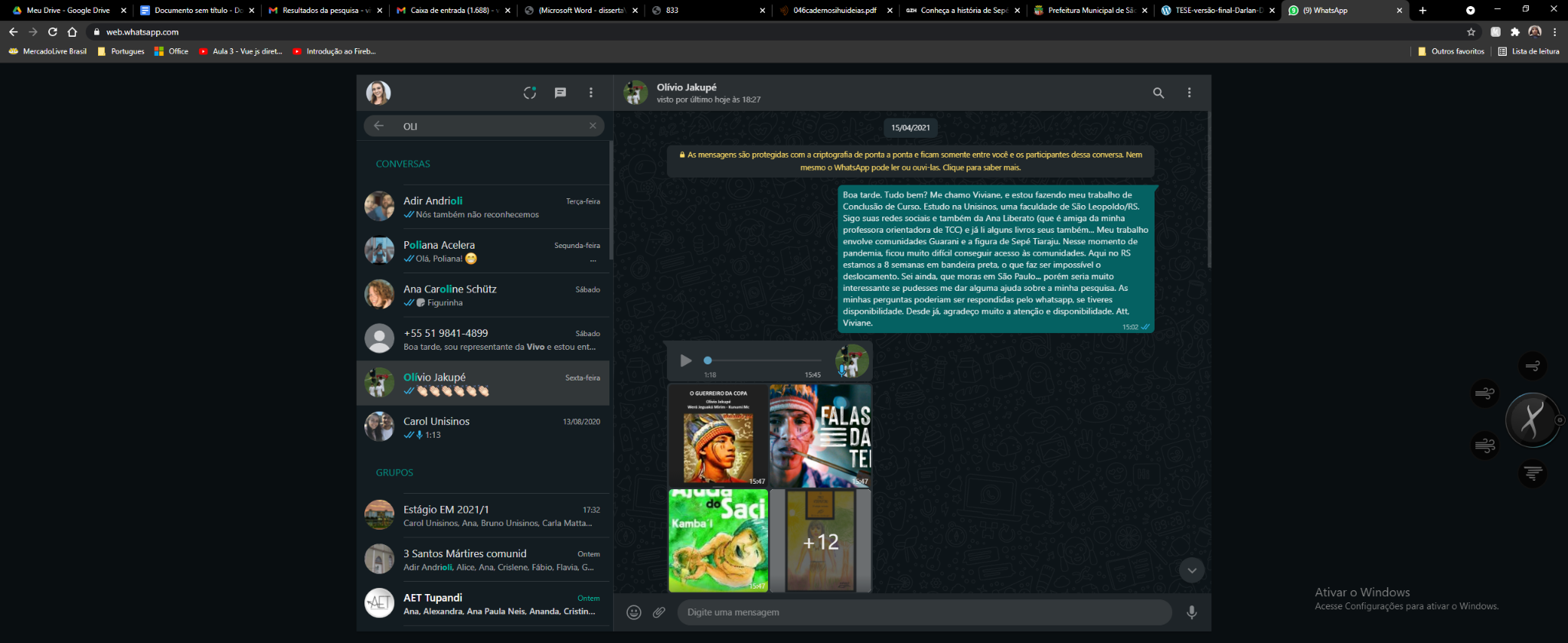
**Oração ao Servo de Deus Sepé Tiaraju**

Senhor, Santo e fonte de santidade, vós nos chamais à santidade pelo caminho do amor e da entrega generosa de nossas vidas aos irmãos. Concedei ao vosso servo Sepé Tiaraju, cristão e filho vosso, que entregou sua vida até a morte dolorosa em defesa de seu povo e da justiça, a glória do reconhecimento de sua santidade exemplar para todo o povo cristão. Amém.

(Aprovado em 16.08.2019 por Dom Frei Cleonir Paulo Dalbosco – Bispo Diocesano de Bagé, RS)

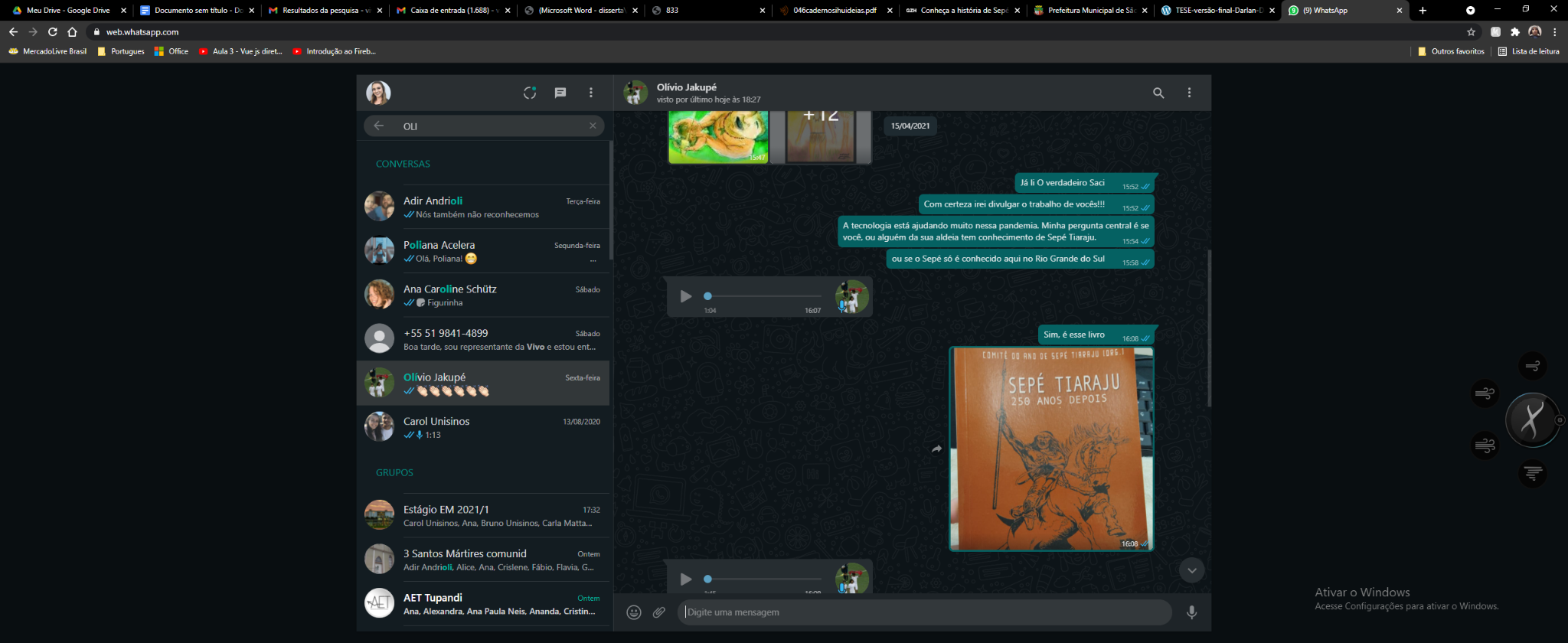
# ANEXO E

Entrevista com Olívio Jekupé.



Transcrição do primeiro áudio:

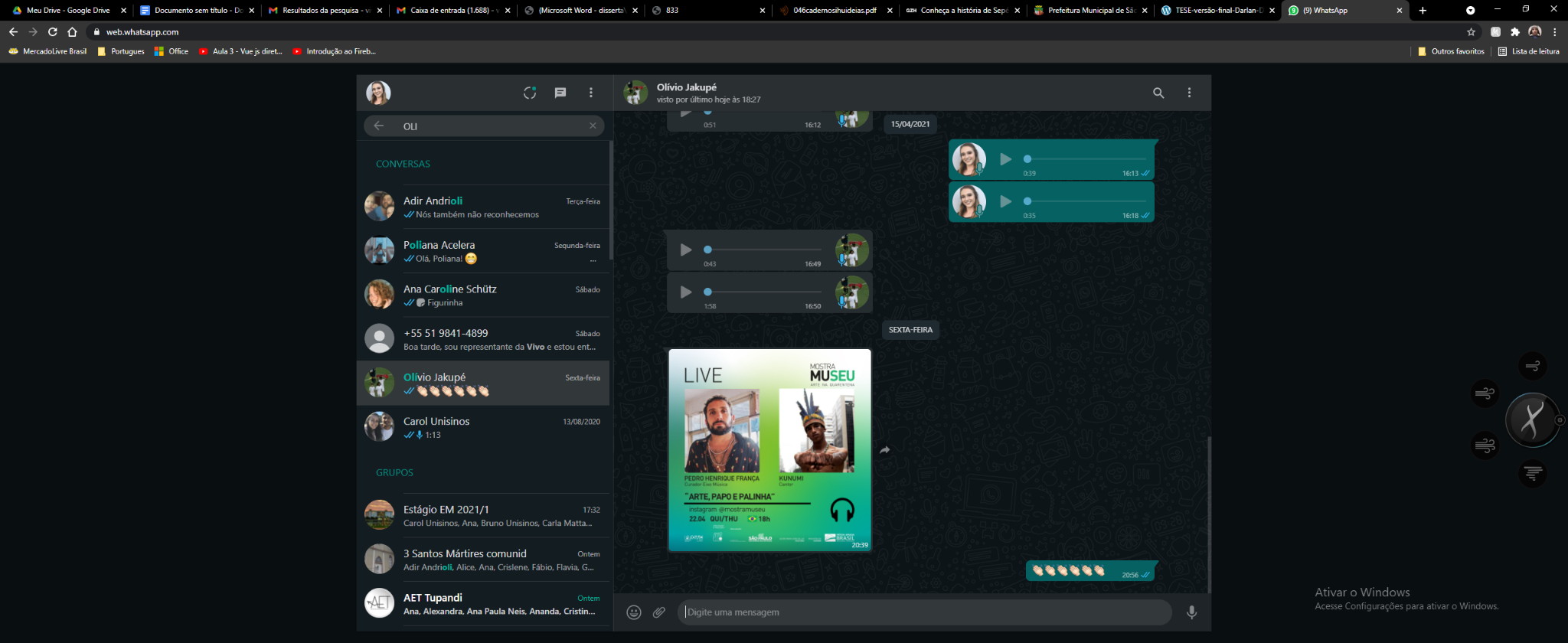
*Que bom que você me achou, hein. Achou a pessoa certa no momento certo e na pandemia, né. Que essa pandemia não tá fácil mesmo, né. Tô aqui na aldeia também e é difícil a gente sair, né. Atrapalhou toda vida da gente, que não “do” mais palestra. Difícil sair da aldeia a gente fica só aqui, né. Tentando divulgar meus livros que não tá fácil as editoras não tão vendendo, gente tem que ficar divulgando aos poucos pela internet né. Então fico feliz e espero que você conheça meus livros, que eu... eu já publiquei 21 livros até agora né E esse ano agora eu vou lançar meu... mais um livro chamado CONIMIA (?) o guerreiro da Copa. Na verdade junto com meu filho né que meu filho também escritor, é compositor, tradutor, toca violino, toca violão, tem dois livros publicados, dois filmes na Europa e dois CD e vários vídeos... videoclipe e... esse ano vai fazer seu terceiro disco tá gravando... e domingo e segunda-feira agora ele vai passar no programa chamado Falas da Terra, não sei se você tá vendo pela televisão, da Globo que vai passar ele aí junto com outros índios famosos aí né.*



---------------------------------------------------------------------------

Transcrição do segundo áudio:

*Sim eu sei muito bem quem é Sepé Tiaraju. é... foi um grande guerreiro eu fico muito feliz de saber que esse grande líder tá sendo comentado nos dias de hoje né porque eu sempre falo que é triste a gente ver os povos indígenas sempre foram assassinados e é triste que eles matam o índio né e, e... depois a história mata também né porque a história é você esquecer do cara né então quando eu vi a comemoração do Sepé, se não me engano acho que cento e cinquenta anos se não me engano que fizeram livro sobre ele, então fiquei feliz porque os líderes indígenas que são assassinados,* ***a gente tem que tentar falar sobre ele para que ele não seja morto duas vezes né mata o corpo e depois mata a história dele né*** *então eu fico feliz com uma história de Sepé que eu conheço muito tempo a história dele, né e isso me deixa feliz, né. E outras pessoas aqui da aldeia também já ouviu falar dele né não tem assim muito conhecimento mas muitos já ouviram falar né.*



**[...] outra pergunta que eu precisaria que você respondesse seria se o povo Guarani enxerga Sepé como um herói e se ele enxerga como herói, de que maneira ele enxerga ele... como alguém que lutou pelo seu povo, como alguém que luta pela terra. De que forma eles enxergam ele como um herói.**

**Tem mais uma pergunta também, em relação a influência religiosa que ele tem por ser um índio convertido ao cristianismo. Eu não sei se você sabe, mas há um processo em andamento sobre tornar Sepé Tiaraju Santo. Aqui no Rio Grande do Sul a comunidade católica já considera ele como um santo popular e a minha pergunta seria se essa aproximação com a religião cristã faz com que os Guaranis desacreditem na liderança dele? Ou não?**

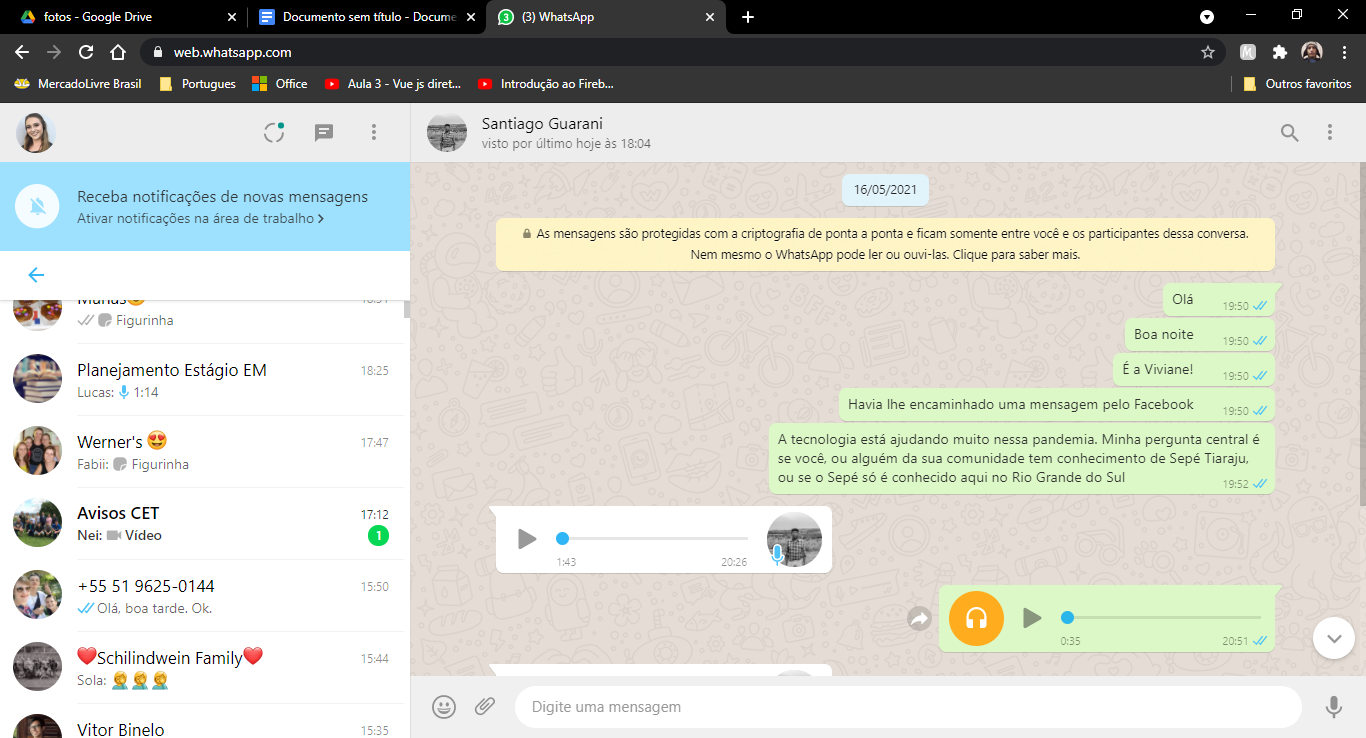
Transcrição do terceiro áudio:

*Então pra… pras lideranças, que quem mais conhece Sepé são sempre as lideranças porque aqui na aldeia Às vezes as pessoas não [...] as pessoas vivem mais na aldeia então as vezes não escuta muito falar dele, mas a maioria das lideranças é que escuta mais e tem conhecimento… então eles tem o maior respeito por ele porque a gente sabe que ele foi um grande líder que lutou pela causa, né. Mesmo sendo convertido porque a gente que convertido mas ao mesmo tempo lutou né. Porque é importante não é se converteu, não deixou de lutar né. mas ele foi um líder que mesmo sendo convertido mas ele como um cara que lutou pela causa, né. então isso é importante.*

*Quanto a questão da conversão, é… é uma coisa complicada né. porque a gente sabe que a gente não tem escapatória as pessoas ficam… o português é assim, enchendo o saco da gente até hoje né então nós indígenas nunca temos a liberdade de seguir nossa religião mesmo como deve ser né. Porque nós temos nossos rituais então se gente tem nossos rituais as pessoas tinham que respeitar. Então os Católicos naquela época não respeitaram e Daí a fogo e ferro e iam impondo e o índio vai se convertendo e as vezes como forma de segurança, como forma de garantia de vida. e… então são conversões que às vezes que o índio tem que fingir às vezes até que é católico e hoje a gente tem as conversões evangélica também que é triste porque lees nunca largam de encher as paciência da gente, né. mas eu já vi muitas Guarani que se converte fingindo para poder ter o que comer, pra eles trazerem doações e ganhar alguma ajuda e assim vai indo né. mas na prática ele pratica seus rituais né então a gente sabe que que a força Guarani o ritual Guarani é a força que a gente tem até os dias de hoje né então se nossos parentes estão vivo até os dias de hoje com a língua e seus costumes é porque o guarani forte né porque a gente sabe que muitas etnias no Brasil Perdeu a língua, perdeu a religião, perdeu os costumes e o guarani desde 1500 tá nessa luta né Mesmo sendo massacrado quê no passado foi pior do que hoje né porque era a Guerra e o índio não tinha escapatória se vai pra um lado pega, se vai para o outro também pega, se vai no meio pega e assim vai levando a vida né então a gente continua sofrendo mas eu acredito que na época do Sepé Tiaraju era pior porque o índio não tinha respeito não era respeitado eles matavam mesmo né então eles não tinham dó.*

# ANEXO F

Entrevista com Santiago Franco.

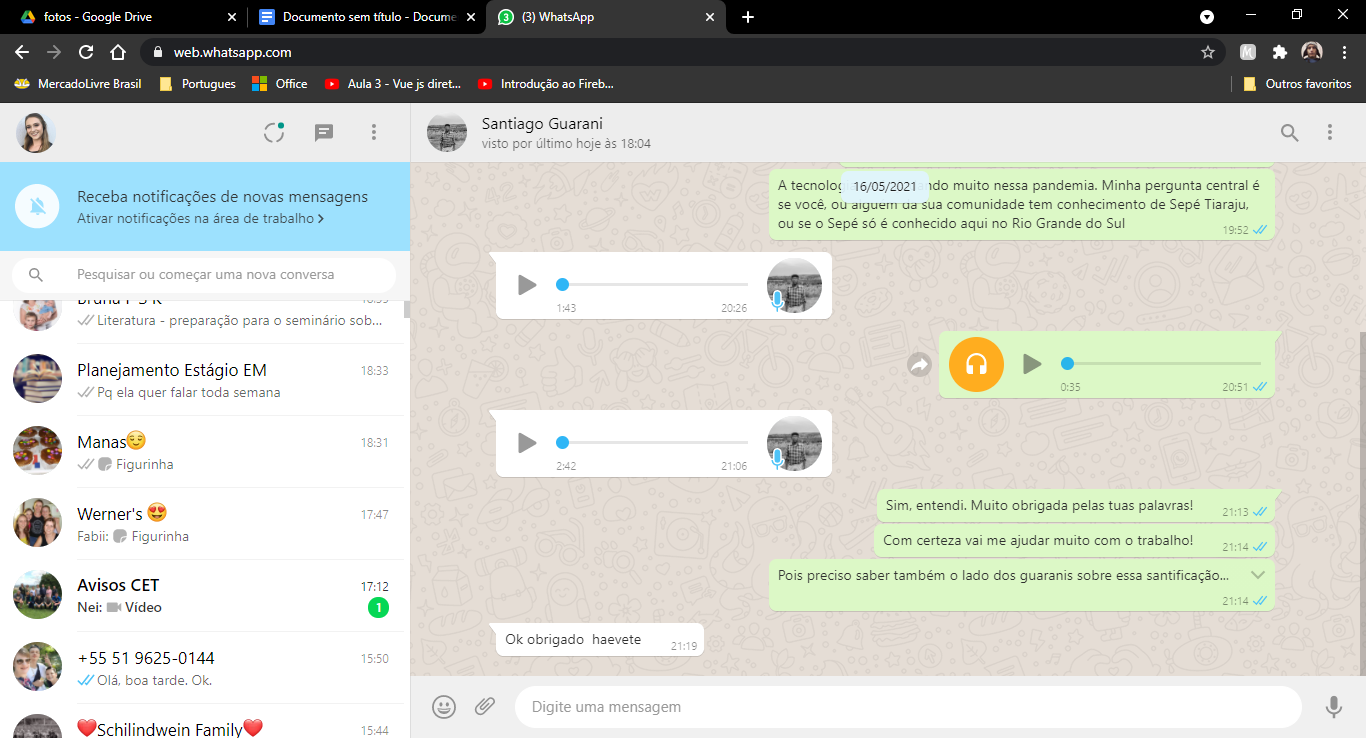


*Boa noite Viviane, aqui é o Santiago. É…  Eu vou responder essa tua pergunta, né. É… bom, o Sepé Tiaraju é mais conhecido aqui no Rio Grande do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. É... só que ele foi reconhecido pelo Brasil, todo Brasil. Na verdade ele é uma liderança muito importante pra nação Guarani, o principal né. Por isso que foi reconhecido como herói né, herói Sepé Tiaraju no Brasil. Só que aqui no estado ele assumiu essa [..] Rio Grande do Missão, mais pela missão, né. Missão jesuítica. Então é só que ele foi reconhecido como herói do Guarani,  Então é isso que a gente conhece dessa forma, tá bom.*

**[...] outra pergunta que eu precisaria que você respondesse seria se o povo Guarani enxerga Sepé como um herói e se ele enxerga como herói, de que maneira ele enxerga ele... como alguém que lutou pelo seu povo, como alguém que luta pela terra. De que forma eles enxergam ele como um herói.**

**Tem mais uma pergunta, também em relação a influência religiosa que ele tem por ser um índio convertido ao cristianismo. Eu não sei se você sabe, mas há um processo em andamento sobre tornar Sepé Tiaraju santo. Aqui no Rio Grande do Sul a comunidade católica já considera ele como um santo popular e a minha pergunta seria se essa aproximação com a religião cristã faz com que os Guaranis desacreditem na liderança dele? Ou não?**

*Oi, boa noite. É um pouco… é… difícil a pergunta, né. Que como nós indígena Mbya Guarani entendemo que o cristianismo é uma coisa que… uma religião muito é…  muito “juruá”, vamos dizer assim. Meio junto com “juruá”. É… mais é… essa aproximação, acreditamos nisso, que… como nós Guarani não podemos misturar com nossas sabedoria, nosso entendimento e nosso religião própria, é. Nossa religião própria não se mistura com cristianismo, só que a gente respeita isso, né. Então acreditar, mesmo, a gente não podemos entrar nesse tema, né. Vamos dizer assim né. Mas a gente respeita tem algum, algum… é, algum ponto que quase a mesma coisa como um Guarani né, como religião Mbya né. a gente acredita mas também não, não todo, vamos dizer assim. eu não sei se vai conseguir entender isso. É… claro que vai virar um santo, né. Só que o Guarani não vai dizer que Sepé Tiaraju já é santo Guarani, por exemplo, né. A religião é outro, né. Só que a gente vai respeitar isso né. Como cristianismo, nós somos espiritualismo, nossa religião é direito com o espírito, né. Por isso que nós entendemos que vai se misturar e não vai dar certo, vamos dizer assim. Mas a gente acredita que o cristianismo também tem uma força espiritual. Tá bom?  Não sei se vai conseguir entender isso, o que significa isso.*



# **ANEXO G**

**Entrevista via aplicativo de mensagens Whatsapp, com Luiz Carlos Susin.**



**Perguntas para entrevista com Luiz Carlos Susin**

Eu, Viviane Maria Werner Orth, acadêmica do Curso de Letras da UNISINOS, juntamente com a professora Eliana Inge Pritsch estamos fazendo uma pesquisa acadêmica, cujo tema central do projeto é Sepé Tiaraju, como herói – religião e reconhecimento do ser herói por seus pares (guaranis) ou pela sociedade brasileira. Lendo alguns artigos e textos seus, foi possível perceber o seu apreço e foco pela temática. Nesse sentido, gostaríamos de fazer alguns questionamentos:

1. Como está o processo de canonização (santificação)?

O processo começou com o pedido, por parte do então bispo de Bagé, Dom Gílio, apresentado à Congregação para a Causa dos Santos, e a aceitação ou o *nihil obstat* dado pela mesma a que se comece o processo na diocese de Bagé. Este primeiro assentimento permite que se chame “Servo de Deus” aquele que está em causa, ou seja, Sepé Tiaraju. O bispo que sucedeu Dom Gílio, agora Dom Cleonir Paulo Dalbosco, constituiu uma comissão inicial, composta de historiador, canonista, teólogo e alguns outros especialistas dedicados à causa. A pandemia interrompeu temporariamente as reuniões dessa comissão, pois os passos seguintes deverão ser a constituição de um Postulador, algumas subcomissões, como a de história e a de juízo. Há normas que deverão ser seguidas.

1. Com que base foi/está sendo encaminhado o processo de beatificação.

Deve-se considerar três fatores, de diferente importância: 1. Na passagem dos eventos historicamente ocorridos à memória que é sempre interpretação e, sobretudo em eventos significativos, a sua “mitificação”, há uma resistente memória popular e literária em que Sepé Tiaraju emerge como “São Sepé”, não apenas um herói político, mas como alguém que morreu de forma violenta para defender o direito de seu povo, sob o signo e a invocação da sua fé cristã. Essa memória é encontrada de múltiplas formas, e não é o caso agora trazê-la; 2. Há um ressurgimento interpretativo desta memória nos movimentos populares religiosos ligados à terra e à identidade cultural. Por exemplo, as Romarias da Terra, começadas em São Gabriel-RS, que se espalharam por todo o Brasil; o MST, com assentamentos portando o nome de São Sepé. 3. A consulta e assinatura de centenas de pessoas de diferentes segmentos sociais, intelectuais, políticos, religiosos, etc.

1. Por que foi resolvido reencaminhar o processo?

O processo não tinha sido encaminhado antes, não é uma retomada, é uma iniciativa. Sua razão é o possível incremento de autoestima e mesmo de recuperação de autoestima do povo que tem sangue índio, o “bugre” e sua descendência, que tem um buraco na sua ancestralidade e na sua identidade. Um povo que não tem autoestima perde capacidade de luta para melhorar sua vida e de seus filhos. Não há motivação eclesiástica nesse reconhecimento de santidade, pois a liderança da Igreja, historicamente, não foge da ambiguidade em que esteve metida. A razão é reconhecimento da dignidade do povo da terra, povo “pêlo duro”, que precisou recalcar suas origens indígenas. É mesmo uma questão de justiça, ainda que tardia.

1. Como estão se desenvolvendo as adesões a esse processo?

Este tipo de processos demanda frequentemente diversas gerações, é normalmente lento. Mas mantê-lo vivo é decisivo, pois durante o processo já vai acontecendo o objetivo pretendido, ou seja, o entusiasmo crescente, o sentido positivo de autoestima que vai se desenvolvendo através dele. A adesão necessária é a de comunidades eclesiais populares, e por isso o passo importante, que por ora está em espera devido à pandemia, é a maior difusão em comunidades e paróquias da diocese de Bagé, que inclui São Gabriel, lugar da morte de Tiaraju.

1. A fundamentação do problema do nosso projeto se apoia no contraponto entre as concepções de liderança religiosa e liderança guarani. No seu ponto de vista, todo herói é um líder religioso, ou é possível ser um herói sendo uma liderança civil?

Não sei se entendi bem o teor da pergunta, penso que não. O que significam “liderança religiosa” (a dos jesuítas?), e liderança guarani daquele tempo e espaço? Pois Tiaraju era ao menos de terceira geração cristã, e a ficar com as melhores narrativas, tinham seu modo próprio, sincrético, de fé e práticas. E o que significava liderança “civil” para eles, que não contrapunham poderes, não tinham o horizonte moderno secular de sociedade? Eles se distinguiam de espanhóis e de portugueses, e os missioneiros (eram simplesmente chamados de acordo com a missão à qual pertenciam – miguelistas, inacistas, borgistas, luisistas, etc.), se distinguiam também de outros indígenas, fossem de outras etnias – guenoas, minuanos, etc. seja mesmo de outros guaranis não missioneiros. E eles simplesmente batalharam por defender suas cidades e suas terras. Eles tiveram alianças e conflitos com os demais indígenas, segundo acordos ou não. O que interessa no processo de reconhecimento de santidade não é o fato guarani, mas o índio que foi dizimado e disperso, escravizado, submetido a uma autoimagem de negação, não importa se hoje ele tem sangue guarani ou kaingang ou qualquer outra etnia ou mesmo mestiçagem, eu é a realidade de grande maioria.

Para compreender todos os matizes entre as diferentes lideranças, é absolutamente importante, do ponto de vista histórico, consultar as fontes mais próximas possíveis. Sei que sabem bem disso, mas deixo indicação: O “livro do Padre Heniz” – aqui, no e-mail, em anexo - um texto de 70 páginas, que foi não só contemporâneo, mas acompanhou parte do caminho dos missioneiros que foram para a batalha de Caiboaté, é talvez a fonte mais primária e original. O livro de Juan de Escandón “História da transmigração dos sete povos orientais” (São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1983) escrito uma década depois, tem o privilégio de ser testemunho do secretário da província dos jesuítas do Paraguai, que tinha condições de reunir as diferentes correspondências a respeito do conflito sobre sua mesa ao escrever os fatos. Inclusive as cartas dos líderes das cidades missioneiras para o representante do rei em Buenos Aires. Os dois autores têm um viés, o dos jesuítas, sobretudo o segundo, diante da acusação de serem os mentores do conflito e de serem perseguidos e expulsos, como de fato foram. No entanto, justamente por isso, o que eles escrevem a respeito dos índios missioneiros e especificamente de Tiaraju (especialmente as poucas páginas de Escandón), por serem tratados como “terceiros” nas suas preocupações, dão a entender que eles não pretendem nem fazer apologia e nem acusar ou diminuir os índios, têm assim maior neutralidade do que os historiadores posteriores, justamente ao trata-los sem tanto interesse por eles.

Enfim, hoje, no horizonte de uma sociedade religiosamente pluralista, com um Estado ao menos teoricamente laico e com possibilidade de militância ética sem referência religiosa é claro que pode haver herói simplesmente dum ponto de vista civil. Não se pode, porém, transportar esse modelo para quase trezentos anos atrás, onde havia poderes em conflito de interesses, mas todos eram de legitimação religiosa, mais ou menos dentro de um regime de cristandade, e no conflito o poder missioneiro foi massacrado pelos poderes dominantes em sua própria casa, a religião não interessou. (Paulo Freire ajuda a entender que o nosso desafio é exorcizar o opressor internalizado no oprimido inclusive historicamente consolidado, para que este recupere sua dignidade, sua história, seu projeto de futuro interrompido. A luta de Sepé Tiaraju continua, portanto, e ele mesmo é figura essencial para isso.

Para ilustrar: tivemos, em minha comunidade, uma cozinheira que tinha biótipo indígena, vinda de Alegrete e moradora de uma vila de Porto Alegre. Numa conversa perguntei a ela se já tinha olhado bem no espelho e visto um rosto de índia. Ela disse, diminuindo a voz: “Minha avó me contou que ela era bugra, mas que eu nunca devia dizer isso para os outros!” Aí estava o silêncio, a negação, o buraco na identidade e na autoestima. A partir daí, com o passar do tempo, ela “soltou o verbo” e foi contando e na mesma medida foi “desabrochando” em seu prazer de se olhar no espelho.

1. Importante traçarmos uma linha sobre os conceitos de persona x personagem. A etimologia da palavra persona, segundo o Dicionário Online de Português, vem do latim, persona. Dentro da psicologia, “Segundo C.G.Jung, refere-se à personalidade que o sujeito apresenta aos demais como sendo real, no entanto pode ser uma versão muito contrária à verdadeira.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/persona/>. Acesso em: 11 jun. 2021. A palavra personagem, segundo o Dicionário Online de Português, tem sua origem do francês, personnage. Uma das definições do dicionário diz o seguinte: “[Por Extensão] Figura humana ou ser que é obra da imaginação de um autor.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/personagem/>. Acesso em: 11 jun. 2021. Ou seja, temos que o personagem é, a princípio, uma criação ficcional, e que persona pode ser compreendida como o que é/foi real. Os termos histórico e real, comumente descritos junto aos vocábulos persona e personagem, fazem referência a fatos e circunstâncias descritas na história. O vocábulo real pode ser relacionado com a persona de Sepé Tiaraju, há registros comprovando que ele existiu, de fato. Histórico e personagem podem ser compreendidos como complementares; Sepé é um personagem dentro das histórias, sejam elas contadas ou escritas, sejam reais ou criações ficcionais. [↑](#footnote-ref-1)
2. Optamos por manter, nas citações, a ortografia original, não atualizando a escrita pelo Novo Acordo Ortográfico. [↑](#footnote-ref-2)
3. Sobre o local e nascimento de Sepé, há muitas controvérsias e nenhum documento atestando a veracidade das histórias sobre a referida data e local. O escritor Alcy José de Vargas Cheuiche, no texto *Sepé Tiaraju, 250 anos depois*, descreve que “[...] Sepé Tiaraju nasceu em 1722, [...] em São Luiz Gonzaga”. (CHEUICHE, 2005, p. 16). [↑](#footnote-ref-3)
4. Questões como diferentes nomes atribuídos a Sepé: líder, herói, santo; religiosidade católica x religiosidade guarani. Esses aspectos serão, posteriormente, abordados com maior profundidade. [↑](#footnote-ref-4)
5. *O Continente*, obra de Erico Verissimo publicada originalmente em 1949. [↑](#footnote-ref-5)
6. A representação de Guarani ou guarani pode ser uma distinção entre o povo, utilizado, então, com inicial maiúscula e sem ser pluralizado, e mais frequente nos textos da Antropologia, em oposição ao simples adjetivo ou substantivo comum. No entanto, padronizaremos tudo em minúscula justamente por não ser um trabalho com um rigor antropológico. [↑](#footnote-ref-6)
7. O Papa Francisco é argentino, ou seja, da América Meridional; além disso, os povos Guarani encontram-se presentes tanto no Rio Grande do Sul quanto na Argentina, ademais de outras localidades. [↑](#footnote-ref-7)
8. A Teologia da Libertação é um movimento surgido em meados de 1960, dentro da Igreja Católica, que analisa e critica a realidade social, buscando ajudar os desfavorecidos na luta por seus direitos. [↑](#footnote-ref-8)
9. O livro de Walter Spalding, referido por Antônio Augusto Fagundes, é *A História e o Povo*, 1956. [↑](#footnote-ref-9)
10. Poema referido por Pritsch (2004b, p. 272). [↑](#footnote-ref-10)
11. LENDA de São Sepé, uma tradição do povo gaúcho. **O Sul**, 16 de set. de 2015. Disponível em: https://www.osul.com.br/lenda-de-sao-sepe-uma-trdicao-do-povo-gaucho. Acesso em: 11 maio 2021. [↑](#footnote-ref-11)
12. SÃO SEPÉ. História. **Prefeitura Municipal de São Sepé**, [s.d.]. Disponível em: http://www.saosepe.rs.gov.br/o-municipio/historia/. Acesso em: 11 maio 2021. [↑](#footnote-ref-12)
13. O Glossário CEALE – termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores foi desenvolvido pela UFMG. [↑](#footnote-ref-13)
14. Sete Povos das Missões é o nome dado aos sete aldeamentos indígenas fundados por jesuítas no Rio Grande do Sul, amparados pela coroa espanhola. [↑](#footnote-ref-14)
15. Este era um cacique de Nossa Senhora de Concepción, redução ao oeste do rio Uruguai (BURD, 2012, p. 48.) [↑](#footnote-ref-15)
16. Uma primeira resistência seria feita no conhecido episódio do Forte de Santa Tecla – Bagé 1753. Nessa ocasião, Sepé teria dito: “Essa terra tem dono!” opondo-se aos delimitadores territoriais que, a partir do Tratado de Madri, estabeleceriam as medidas dos limites territoriais e Sepé não teria deixado os portugueses avançarem. [↑](#footnote-ref-16)
17. A grafia do nome do padre não é unânime, há controvérsias: Heniz (escrito assim por Luiz Carlos Susin), Enis e Henis. [↑](#footnote-ref-17)
18. Texto enviado pelo Padre Edison, intitulado *Santo, ainda que tarde!*, escrito pelo Frei Luiz Carlos Susin. [↑](#footnote-ref-18)
19. *Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e agora brasileiro*, 2010. [↑](#footnote-ref-19)
20. São Sepé Tiaraju: exemplo heróico guarani. [entrevista] Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3250-antonio-cechin-3>. Acesso em: 14 maio 2021. [↑](#footnote-ref-20)
21. Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo, localizado em São Miguel das Missões (RS). [↑](#footnote-ref-21)
22. Depoimento, via e-mail, dado a Eliana Pritsch em 6 de julho de 2004. [↑](#footnote-ref-22)
23. Entrevista concedida pelo aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp em abril de 2021. A referida entrevista consta no anexo G. [↑](#footnote-ref-23)
24. Edison Stein, pároco da paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Viamão. Foi o padre Edison que forneceu o material que consta nos anexos e que serviu de suporte para a presente pesquisa. [↑](#footnote-ref-24)
25. Site Canção Nova. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/como-funciona-um-processo-de-canonizacao/>. Acesso em: 24 de maio. 2021. [↑](#footnote-ref-25)
26. Entrevista realizada via aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp em 26 de abril de 2021. [↑](#footnote-ref-26)
27. Indivíduo responsável por reunir toda a documentação do candidato a santo. [↑](#footnote-ref-27)
28. Na ocasião foi publicado o livro *Sepé Tiaraju 250 anos depois*, amplamente usado para esta pesquisa, com diversos textos e entrevistas. Também foram produzidos CD e DVD com músicas e poemas sobre às Missões e Sepé. [↑](#footnote-ref-28)
29. CONSELHO Indigenista Missionário. **260 anos do assassinato de Sepé Tiaraju - e da luta Guarani pela terra.** YouTube, 11 de fev. 2016. Entrevista com a liderança Guarani Mbya e coordenador do Conselho de Articulação do Povo Guarani, Maurício Gonçalves da Silva, durante o 10º Encontro Sepé Tiaraju, entre os dias 5 e 8 de fevereiro de 2016, em São Gabriel (RS). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1XPxRj-EFPA>. Acesso em: 05 de maio 2021. [↑](#footnote-ref-29)
30. Olívio Jekupé e Santiago Franco foram entrevistados via WhatsApp. Por meio do aplicativo Whatsapp foram trocadas mensagens de áudio, porém, os excertos presentes neste trabalho não seguem os padrões de transcrição do discurso, uma vez que o foco está no conteúdo das falas e, não, na análise da estrutura do discurso. Vale ressaltar que este não é um trabalho em que estejamos preocupados com o padrão de ortografia e oralidade, dessa forma, sentimos a liberdade de transcrever as entrevistas, anexos F e G, fazendo a adaptação para o mais próximo possível das falas de Olívio e Santiago. Na transcrição realizada pela ferramenta “Digitação por Voz”, do Google Drive, não há correção para o português padrão oral, justamente para mostrar como os entrevistados se expressam, além de mostrar que a língua portuguesa, na qual se expressam é permeada de traços da língua guarani, língua materna deles. É importante ressaltar, também, que tanto o Olívio quanto o Franco permitiram que fizéssemos uso de suas falas para esta pesquisa. [↑](#footnote-ref-30)
31. CONESELHO Indigenista Missionário. 260 ANOS do assassinato de Sepé Tiaraju - e da luta guarani pela terra. YouTube, 2016. (5 min 54 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1XPxRj-EFPA>. Acesso em: 20 abr. 2021. [↑](#footnote-ref-31)
32. Em certo trecho da entrevista, Maurício pontua que “tentaram acabar com o povo Guarani, mas não conseguiram, né. Os espanhóis, os próprios portugueses da época que vieram através da tentativa de catequização dos Guarani [...]”. Portanto, a época à qual ele se refere pode ser compreendida como o período em que colonizadores e lutas territoriais dizimaram os indígenas. [↑](#footnote-ref-32)
33. Com exceção dessa primeira nota explicativa, as demais são originais do Anexo A. Texto enviado por Edison Stein, que serviu como parte da base para a coleta de assinaturas e foi encaminhado junto ao pedido de canonização de Sepé para o Vaticano. [↑](#footnote-ref-33)
34. Veja-se a interpretação que lhe confere o hino da cidade:

    Esta terra tem o ouro que encanta  
    E ufana a cobiça do estradeiro  
    Se maior é a relíquia deste povo  
    Que segura sempre o passo forasteiro

    Bem pertinho, do coração  
    Do Rio Grande, vivo em ti  
    Amado ***São Sepé***  
    Recebi no calor de teu abraço  
    Tanto afeto pra viver de amor e fé.

    Lá na bica correm gotas de saudade,  
    Que beijando esta terra mais querida  
    Mas quem bebe um só gole de verdade,  
    Ganha o berço que o ama toda vida.

    Tua alma é Praça das Mercês,  
    Tua gente luta sempre com entono  
    ***Corre ainda de São Sepé o sangue bravo  
    Pra dizer que esta terra já tem dono!*** [↑](#footnote-ref-34)
35. Há, por exemplo, o precioso relato histórico do jesuíta Pe. Tadeo Xavier Henis, contemporâneo que acompanhou de perto os dolorosos fatos da derrota das missões, texto em español: *Diario Historico de la Rebelion y Guerra de los Pueblos Guarani, situados en la Costa Oriental del Rio Uruguay, del año de 1754.* É uma versão ao espanhol, de 1836, do texto latino: *Version castellana de la obra escrita en latin por el P. Tadeo Xavier Henis,* muito ilustrativa para reconhecer a seriedade historiográfica dos acontecimentos que envolveram Tiarajú. É o caso, também, do jesuíta contemporâneo, secretário da província do Paraguai, Juan de Escandón, em sua monumental *História da transmigração dos sete povos orientais* (São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1983). O livro é interessante porque, como apologia dos jesuítas ameaçados pelos poderes políticos, Escandón trata os guarani como “terceiros” na relação entre os jesuítas e os políticos, tanto portugueses como espanhóis. Desta forma fica clara a sua imparcialidade por seu desinteresse em termos apologéticos em relação aos índios, o que dá mais autoridade às informações positivas a seu respeito, incluindo especificamente Sepé Tiarajú; do lado português há Basílio da Gama: contamos com seu poema épico *O Uraguay*, que também, por ter uma leitura portuguesa, dá mais autoridade às informações positivas a respeito de Sepé Tiarajú e sua causa. [↑](#footnote-ref-35)
36. Na verdade, a tomada das missões foi mais grave do que as invasões bárbaras no norte da África: Genserico e os vândalos já eram cristãos, embora arianos, ao chegarem ao norte da África, e o que se deu foi um embate com o modo do império romano governar a região, o que explica porque o povo de servos da região se sentiu mais confortável com a “paz vândala” do que com a “paz romana”. Mas a versão triunfante, passado o século de ouro do reino vândalo, foi a versão romana. Aqui, ao contrário, o povo guarani cristão era diretamente ameaçado e, afinal, derrotado pelos interesses dos dois impérios coloniais, que deram depois as suas versões. (Cf. para o acontecimento que envolveu Agostinho: GOURDIN Henri, *Genseric, soleil barbare.* Paris: Méditerranée, 1999). [↑](#footnote-ref-36)
37. Os documentos podem ser lidos facilmente em: OLIVEIRA José Roberto de, P*edido de perdão ao triunfo da humanidade.* A importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani.Porto Alegre: Martins livreiro, 2011 (2ª edição), p.125-147. [↑](#footnote-ref-37)
38. ESCANDÓN, *Opus cit,* p. 307ss. [↑](#footnote-ref-38)
39. Cf. SOBRINO Jon, Los mártires jesuánicos em el tercer mundo. In: *Revista latino-americana de teologia.* Nº 48, sep-dic. 1999, p237-255. [↑](#footnote-ref-39)
40. Trata-se de Catarina Tekakwitha, uma indígena “pele-vermelha” que viveu no século XVII, e agora Junípero Serra, missionário nas reduções da Califórnia. Não faltaram questões polêmicas em ambos os casos, como o de Juan Diego de Guadalupe. [↑](#footnote-ref-40)
41. Veja-se o que o payeador missioneiro canta:

    Sou o que os historiadores  
    Procuram lá nas ruínas  
    Mas não sabem os doutores  
    Que esta saga não termina  
    Que ainda restam descendentes  
    Da terra dos sete santos  
    E o passado está presente  
    Em tudo aquilo que canto

    Não sabem que a esses escombros  
    Ainda sirvo de escora  
    E que carrego no ombros  
    Trezentos anos de história  
    Podem pensar que sou louco  
    Mas eu comprovo na estampa  
    O que hoje somos poucos  
    Os fósseis vivos da pampa

    Sou filho dos sete povos  
    **Tenho sangue de Sepé**  
    E tudo que digo eu provo  
    Com juramento de fé  
    O meu legado é tanto  
    Nem carece explicações  
    E até no canto que canto  
    Ecoa a voz das missões

    Guarany fui batizado  
    E ahora pago minhas penas  
    Sob o símbolo sagrado  
    Da velha Cruz De Lorena  
    Porém não sabe que nada  
    A história do vencedor  
    Que a lança fez-se guitarra  
    E o guerreiro payador

    Pra manter viva a memória  
    As pedras ganharam nome  
    E transformaram em história  
    O que resta desses homens  
    Pois mais vale a carcaça  
    De um templo quase no chão  
    Que os descendentes da raça  
    Que vagam changueando pão. [↑](#footnote-ref-41)
42. São Sepé é representado pela iconografia gaúcha como um bravo guerreiro a cavalo, assim como o Negrinho do Pastoreio. São representações paradoxais, que indicam mais uma vez a percepção pascal e a glorificação da vítima. O Negrinho, segundo a crença redentora do povo negro escravizado no RS, é o que reúne aquilo que foi perdido porque sofreu na sua pele negra e inocente por isso. São Sepé, além de poder ser o padroeiro dos prefeitos, como de fato já é evocado, representa bem a coragem que, segundo a interpretação rigorosa de Santo Tomás de Aquino, se comprova não só como virtude mas como dom do Espírito Santo quando é exercida em situações extremas que comportam a morte: a coragem de morrer por uma causa justa ultrapassa a capacidade da virtude humana, só pode ser dom e sinal de Deus. Santo Tomás exemplifica não só com o caso do martírio, mas, para compreender melhor do que se trata, com a batalha em que se é mais corajoso não quando se está avançando em terreno inimigo, mas quando se deve suportar e combater o inimigo na invasão do próprio terreno, pois o inimigo que agride pode cessar enquanto o que defende deve manter sem decisão própria a continuidade de sua fortaleza – justamente o caso de São Sepé e de seus companheiros! Cf. Summa Theologica II, II q.123, a.6. [↑](#footnote-ref-42)
43. A título de exemplo, já referido: *Diario Historico de la Rebelion Y Guerra de los Pueblos Guarani, situados en la Costa Oriental del Rio Uruguay, del año de 1754. Version castellana de Pedro De Angelis, de la obra escrita en latin por el P. Tadeo Xavier Henis, de la Compañia de Jesus. 1836 (p.87)*: (…) llegó corriendo a los españoles, que estaban emboscados detrás de las cabeceras llenas de bosque del Rio Vacacay, y esto, acometiendo con un numeroso escuadrón al sobredicho capitán, y á pocos de los suyos, como por defecto del caballo cayese en una fosa que habían hecho los toros, le rodearon ó cercaron, y también á algunos indios que iban corriendo al socorro del capitán; á quien primero con una lanza, y después con una pistola, mataron. Y habiéndole muerto, sus súbditos, aunque cercados, rompieron á fuerza los escuadrones del enemigo, y se pusieron en salvo, quedando muerto uno, si no me engaño, y otro herido: arrojaron el cuerpo ya despojado de todo, y como algunos dicen, lo quemaron con pólvora, mientras aun estaba espirando, y **lo martirizaron** de otras maneras. Enterraron (con los sagrados cánticos y himnos que se acostumbran en la iglesia, pero sin sacerdote) el cuerpo de su buen, pero muy arrojado capitán, en una vecina selva, habiéndole buscado de noche los suyos con gran dolor, a la medida del amor que le tenían (…). Fue de admirar cuanto cayeron de ánimo los indios con la muerte tan intempestiva de su capitán, en cuyo valor, prudencia y arte, tenían puesta toda su esperanza.

    Cf. também: CASTRO, Evaristo Afonso de, *O Gigante Missioneiro* - Poemeto Histórico e Geográfico, Rio de Janeiro, 1902. Em sua nota explicativa de número 17 (p. 96) diz: "José Sepé, general em chefe do exército Missioneiro, Cacique de grande fama, real prestígio e merecimento; foi fundador da Vila de São Sepé, **e julgado Santo invencível pelos seus".** (ênfase nossa, provando a constância da percepção de que se trata de um santo). O livro foi premiado com a 'Medalha de Ouro' na exposição do Rio de Janeiro em 1908. Etc. [↑](#footnote-ref-43)
44. Texto enviado por Edison Stein, de autoria do Frei Luiz Carlos Susin. [↑](#footnote-ref-44)
45. Texto enviado por Edison Stein. Tradução livre da carta de resposta do Vaticano ao “Nihil obstare”. [↑](#footnote-ref-45)
46. Texto enviado por Edison Stein. E-mail explicativo sobre os próximos passos do processo; o bispo recebeu aval para, em sua própria autoridade instaurar o inquérito diocesano. [↑](#footnote-ref-46)
47. Texto enviado por Edison Stein, de autoria de Irmão Antônio Cechin e Frei Luiz Carlos Susin. [↑](#footnote-ref-47)
48. Material enviado por Edison Stein. [↑](#footnote-ref-48)
49. Material enviado por Alex Kloppenburg. [↑](#footnote-ref-49)